

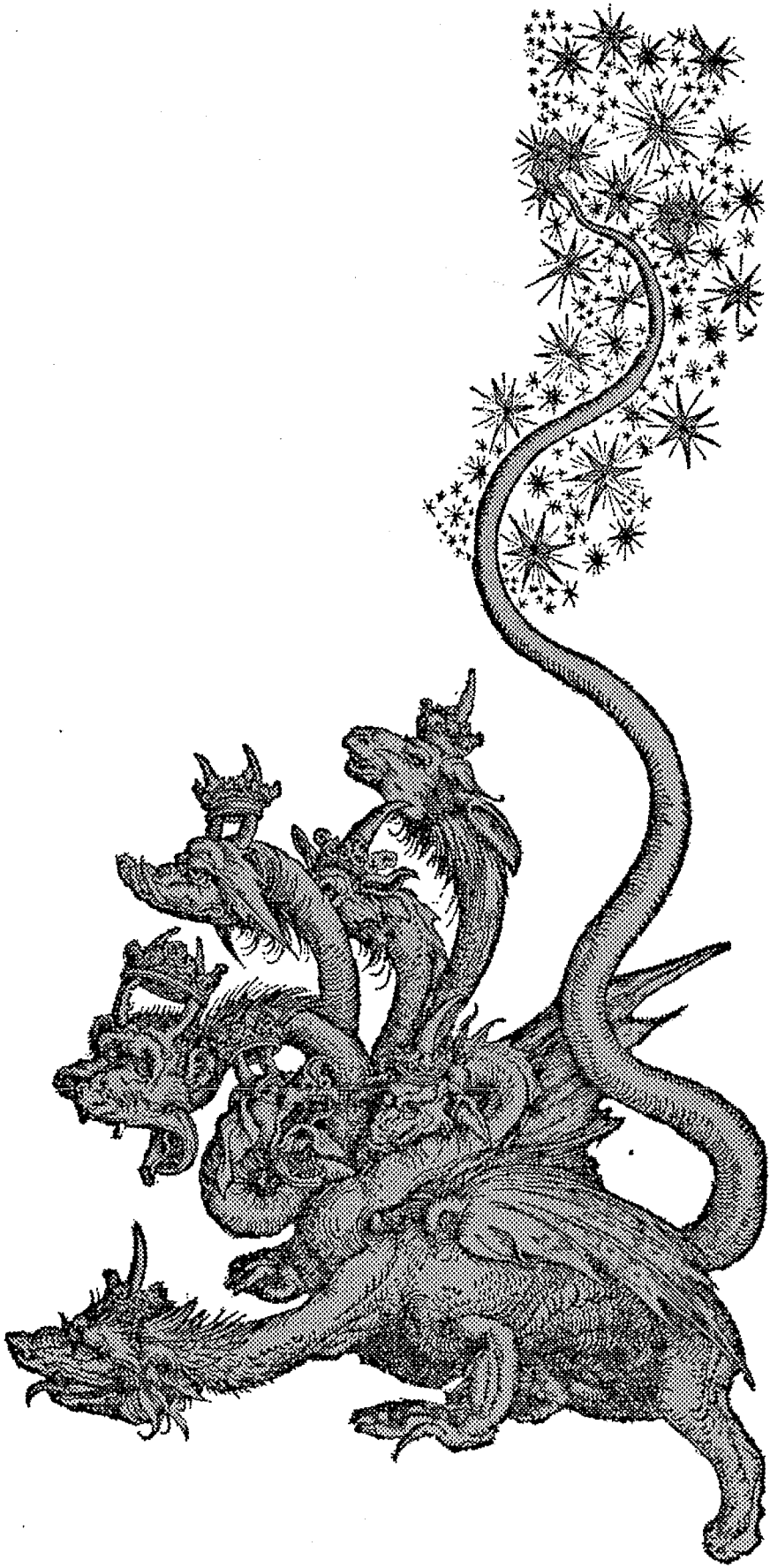
Ângela Vila-Real

O MAL

ref. 7421
Instituto Superior de Psicologia Aplicada
BIBLIOTECA

*Dissertação de Mestrado em
Psicologia Clínica e Psicopatologia
Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Junho de 1993*

Orientador: Professor Doutor Carlos Amaral Dias



ÍNDICE

Introdução.....	4
I- O Mal na Obra de Freud.....	8
II- Ponto de Partida Teórico.....	22
III- Metodologia.....	30
IV-DISCURSO I- A Bíblia e o(s) Mal(es).....	37
1. <i>O Antigo Testamento e a relação entre sofrimento e pecado</i>	37
2. <i>O Génesis e o mal de saber distinguir</i>	39
3. <i>Jeremias e a projecção dos maus</i>	41
4. <i>Malaquias e a separação maus/bons</i>	43
5. <i>Job e a reparação</i>	45
6. <i>O representante do mal</i>	48
6.1. <i>As referências ao Diabo</i>	48
6.2. <i>A aparência do Diabo</i>	50
6.3. <i>A identidade subjectiva do Diabo</i>	52
6.4. <i>O estatuto do Diabo</i>	53
6.5. <i>O mal, o escuro e o sujo / o bem, o claro e o limpo</i>	53
6.6. <i>O mal e a doença</i>	54
6.7. <i>O mal e a sexualidade</i>	55
V- DISCURSO II- O Mal na Literatura.....	58
1. <i>O caso de Charles Dexter Ward</i>	58
2. <i>Análise do(s) mal(es)</i>	88
VI- DISCURSO III- Entrevistas de Seropositivos.....	93
1. <i>Entrevista A</i>	93
2. <i>Entrevista B</i>	95
3. <i>Entrevista C</i>	96
4. <i>Entrevista D</i>	97
5. <i>Entrevista E</i>	98
VII - Discussão e Conclusões.....	100
Bibliografia.....	110
Anexos.....	112

I - INTRODUÇÃO

Desde sempre o ser humano se preocupou com o mal embora de maneiras diversificadas e mutáveis. Desde sempre o mal surgiu ao homem como ininteligível. As construções culturais nas quais se integram crenças e superstições por um lado, filosofia e religiões por outro, tentaram dar inteligibilidade ao universo em que o homem se integra mas o mal sempre se revelou um reduto inexpugnável. A tal ponto que a par de discursos mais organizados como o da religião ou da filosofia que se esforçam por manter uma certa coerência interna se mantêm outros da ordem da superstição aos quais vulgarmente se dá igual importância.

Um dos mais antigos e expandidos exemplos de superstição que ainda hoje se encontra de forma relativamente clara em certos meios menos letrados e de forma latente em muitos seres humanos, é a crença no mau olhado. Trata-se de uma concepção antiga de que uma mente maligna e invejosa pode projectar a sua maldade através do olhar causando o infortúnio, a doença e até a morte aos seres vivos ou a destruição a objectos inanimados.

Esta forma de superstição encontra-se entre povos antigos como os Sumérios e os Babilónios, em escritos Gregos e Romanos, na Bíblia e na literatura medieval de bruxaria. Mas ainda hoje, as linguas modernas conservam designações para o mau olhado. Entre os Romanos a acção do mau olhado designa-se por *fascinatio*. A fascinação que progressivamente adquiriu o sentido de sedução amorosa, contém ainda o sentido de acção de um poder ocular perigoso. Fascinar, derivado do termo latino *fascinare*, significa: Subjugar, atrair a si com o olhar: atribuiu-se à serpente o poder de fascinar a presa. Encantar, seduzir: a sua eloquência fascina os que o escutam. Atrair irresistivelmente, dominar pela sedução: há belezas que fascinam quem as contempla. Fascinar é portanto exercer um poder sobre outrém através do olhar. Esse poder é sentido como mau não apenas porque subjuga mas também porque é essencialmente mau. São descritas duas formas de mau olhado. Uma que é voluntária e como tal condenada do ponto de vista moral e outra que é involuntária ou natural. Qualquer delas é considerada perniciosa. Mas a primeira, a mais referida na literatura porque mais temida é executada por demónios, bruxas e seres humanos viciosos. A segunda é um

sofrimento considerado congénito e que aflige pessoas bem intencionadas que não desejando prejudicar ninguém, são contudo impotentes para o evitar. O efeito do seu mau olhado pode mesmo atingir os próprios filhos ou animais domésticos.

O mau olhado é atribuído em primeira linha às mulheres, particularmente às mulheres velhas, às bruxas, assim como às mulheres que se encontram em períodos ou situações especiais de vida como o noivado, o período menstrual ou o parto. No entanto, nos últimos cento e cinquenta anos são referidos homens com o mesmo poder. Aos papas Pio IX e Leão XIII foi atribuído o mau olhado involuntário. Entre as suas vítimas encontram-se Lord Byron, Jacques Offenbach, Napoleão III e Afonso XIII de Espanha.

Mas o sentido do mau olhado torna-se mais claro se tivermos em conta que ele é vulgarmente atribuído a pessoas que de algum modo estão repetidamente associadas a desgraças ou sofrem de algum defeito físico ou particularidade pouco comum. Assim, aqueles que apresentam os olhos congestionados, que sofrem de estrabismo, glaucoma, languidez das pálpebras, a quem falta um olho ou que têm as sobrancelhas unidas, tornam-se suspeitos de mau olhado. Mas também os que têm o cabelo ruivo, aqueles a quem falta um canino ou que são corcundas. Ou seja: todos os que despertam um sentimento de estranheza são vistos como tendo uma alta capacidade malévola. Os mais susceptíveis de serem atingidos pelo mau olhado são de um modo geral aqueles que também são considerados indefesos como as crianças, as mulheres ou os animais domésticos. No entanto, quer para as crianças, quer para as mulheres há períodos críticos em que o perigo é maior. Relativamente às primeiras, o nascimento, ou as vésperas do baptismo e da circuncisão são os mais perigosos. Relativamente às mulheres, o casamento, a gravidez ou o parto são os mais perigosos. O perigo aumenta ainda com a atractividade da mulher. Contudo qualquer pessoa pode ser afectada pelo mau olhado se for orgulhosa e fanfarrona, muito especialmente se for bela e saudável porque estas características atraem a inveja. Dentro da mesma ordem de ideias, receber louvores, recusar favores ou aparecer em público em alturas de triunfo criam momentos de perigo agudo porque fomentam a inveja.

O mau olhado pode ser de tal modo pernicioso que chega a envenenar a comida ou a retirar-lhe o poder nutritivo. A Bíblia

recomenda cuidados especiais a ter com os alimentos:

"Não comas o pão daquele que tem os olhos malignos, nem cobices os seus manjares gostosos.

Porque, como imaginou a sua alma, assim é; ele te dirá: Come e bebe: mas o seu coração não estará contigo.

*Vomitarias o bocado que comeste, e perderias as tuas suaves palavras."*¹

Dar graças e comer em privacidade constituem prevenção para o mau olhado. Mas há outros actos mágicos que têm sido usados pelo menos desde o século VII A.C. para contrariar os efeitos do mau olhado, como os encantamentos e as orações.

Os actos mágicos usados como protecção mostram que o medo é intenso. Os Gregos antigos, para afastar o mau olhado, davam pancadinhas em si próprios, as amas medievais lambiam as faces das crianças e ainda hoje na Grécia, na Hungria e na Irlanda existe o costume de se cuspir nas faces das crianças que estiveram expostas a um suspeito mau olhado ou foram alvos de elogio.

Também a certos objectos, os amuletos, é atribuído o poder de afastar o mau olhado. Os Gregos antigos usavam pequenas réplicas da cabeça de Medusa enquanto os Romanos se serviam de pequenos falos feitos num material precioso. Ainda hoje são usados modelos dos antigos gestos manuais contra o mau olhado como a figa ou a mão cornuda.

Existem também frases mágicas contra o mau olhado. Entre os Romanos é costume pronunciar a frase "sem ofensa" depois de ter louvado alguém. Noutros povos como os Ingleses diz-se: "Deus esteja conosco". Entre nós quando alguém acaba de referir acontecimentos agradáveis da sua vida acrescenta : "Graças a Deus" ou "Que o Diabo seja surdo". Muitas vezes adiciona-se o gesto de dar algumas pancadinhas em objectos de madeira.

Significa então que aquilo que é sentido com bom ou vantajoso deve ser protegido do mau olhado e que este deriva da inveja.

Estes aspectos relacionados com a superstição e o pensamento mágico invadiram até o campo científico.

¹Livro dos Provérbios, XXIII: 6,7,8.

No que respeita à doença ainda se encontra hoje nos manuais de psiquiatria uma classificação da epilepsia em que esta é subdividida em grande e pequeno mal. Também em linguagem comum é frequente denominar-se o cancro como uma "doença má" ou uma "coisa má". Esta última designação é ainda frequentemente aplicada a ataques fulminantes em doentes cardíacos.

Por outro lado, diz-se também daquilo que provoca sofrimento psicológico que "faz mal". Esta multiplicidade de domínios ou discursos em que o(s) mal(es) surge(m) mostra como esta constitui uma das maiores preocupações do ser humano e ainda que a concepção moral seja aparentemente mais valorizada entendemos que esta é apenas uma e que é necessário discernir todas as outras não menos importantes que com ela se articulam e a subtendem.

Esse é o objectivo do nosso trabalho: discernir através de vários discursos as várias concepções de mal, articulá-las entre si e dar-lhes coerência.

A nossa investigação sobre o tema está dividida por sete capítulos.

No Capítulo I fazemos a recensão do que S.Freud esclareceu sobre o tema e discutimos a sua visão.

No Capítulo II esclarecemos acerca dos pressupostos teóricos que nos serviram de base.

No Capítulo III expomos a nossa metodologia e explicitamos a razão desta assim como a razão pela qual escolhemos o material que utilizámos.

No Capítulo IV debruçamo-nos sobre o material que fazendo parte da nossa amostra constitui um e neste caso o primeiro discurso sobre o mal.

No Capítulo V analisamos como parte da nossa amostra o segundo discurso retirado da literatura ficcional de horror.

No Capítulo VI analisamos também como parte da nossa amostra o discurso de pacientes seropositivos.

Quanto ao Capítulo VII, reservá-lo-emos à discussão e às conclusões.

I - O MAL NA OBRA DE FREUD

Encontramos ao longo da obra de S. Freud multiplas referências a este tema embora que especificamente ele não se afigure nunca como sendo um dos seus objectos de estudo. No entanto não podemos deixar de considerar que o seu contributo nesta matéria foi indubitavelmente valioso.

Deparámo-nos todavia com duas dificuldades. Uma prende-se com o facto de as referências ao tema se encontrarem dispersas ao longo de vários anos e de vários escritos cujo objectivo fundamental não é, como já dissémos, a discussão e explicação do problema. Este surge apenas como assunto secundário em articulação com outro ou outros tomados pelo autor como centrais. Outra dificuldade prende-se com o facto de, por se tratar de um conteúdo de ordem cultural poder ser considerado como pertencente ao domínio do colectivo ou/e ao domínio do individual. Se é certo que Freud mostra ter este facto em consideração, uma vez que o coloca e discute aos dois níveis, por outro lado, apercebemo-nos de que nem sempre faz uma distinção clara entre estes níveis e portanto também não faz a sua articulação clara. Demonstrá-lo-emos ao longo desta reflexão mas desde já mencionamos o facto de as suas referências ao tema poderem ser organizadas segundo duas linhas de pensamento teórico ou teórico-clínico. Uma tenta a compreensão do mal ou dos seus representantes simbólicos através daquela ideia que muitas vezes se encontra ao longo da sua obra, segundo a qual os fundamentos da actualidade humana mergulham na evolução filogenética. Outra, mais relacionada com a experiência clínica que constitui a sua fonte, encontra através da psicanálise de indivíduos neuróticos uma íntima relação entre o mal ou as diversas representações do mal, a dinâmica interna e a ontogénese. Frequentemente tenta fazer a articulação entre os dois tipos de abordagens mas em nosso entender essa articulação, ainda que interessante, não é plausível no actual estado dos nossos conhecimentos.

Começaremos por abordar um sentimento que aparece muitas vezes referido por Freud, embora sem contornos muito precisos: o medo, o horror, ou o sentimento de que alguma coisa é sinistra. Freud cita-o por diversas vezes em conexão com o mal ou os representantes do mal ou de poderes maléficis.

Dedica a este sentimento um artigo, escrito em 1919 sob o título *Das Unheimlich*, traduzido para o inglês por *The Uncanny* e que nós traduziremos por *O Sinistro*. Esta tradução é evidentemente discutível e podíamos mesmo substituí-la por *O Oculto* mas nesse caso estrariamos a escamotear a vertente afectiva. Não se trata de um oculto qualquer mas de um oculto que nos incomoda e surge como incompreensível. E por outro lado há um sem número de fenómenos que sendo habitualmente ocultos nos

incomodam. A incomodidade pode ir de ligeira até ao terror atroz mas em qualquer dos casos trata-se de qualquer coisa que surge como desorganizadora e pouco controlável.

O próprio Freud, na senda da evolução semântica de *Unheimlich*, descobre-lhe significações várias embora próximas. É o insólito, o inquietante, o que provoca um terror atroz, o misterioso, o oculto, o dissimulado, ou citando Schelling, "*tudo o que devendo permanecer secreto, oculto... não obstante, se manifestou*". Este sentimento ligar-se-ia a várias situações ou ocorrências que na aparência só têm de comum além do facto de despertarem um tal sentimento um outro de grande importância do ponto de vista psíquico: a situação é vaga, ou seja; o sujeito não consegue apreendê-la do ponto de vista cognitivo. Explicitando, Freud refere-se ao temor do mau olhado, uma das formas mais propagadas de superstição. Segundo esta superstição o mau olhado pode provocar dano a quem é alvo dele:

"Quem possui alguma coisa ao mesmo tempo valiosa e frágil teme a inveja dos outros, na medida em que projecta neles a inveja que teria sentido no seu lugar.

*Um sentimento destes trai-se a si próprio por um olhar mesmo se não é posto em palavras; e quando um homem se torna proeminente por qualquer coisa notável, especialmente de carácter desagradável, as outras pessoas estão prontas a acreditar que a sua inveja cresce até um nível de intensidade não usual e que essa intensidade a converterá em acção efectiva. O que é temido é pois uma secreta intenção de causar dano e são tomados certos sinais como significativos de que aquela intenção tem o poder necessário sob o seu domínio."*²

Outra fonte deste sentimento de sinistro estaria não apenas na atribuição de más intenções a alguém mas também na atribuição a esse alguém de poderes especiais. Citando Goethe na sua obra *Fausto*, Freud exemplifica com uma passagem em que depois de Margarida ter intuído que Mefistófeles tem poderes secretos desta espécie que o tornavam para ela sinistro, Mefistófeles diz referindo-se a Margarida:

*"Quando me vê, não sabe o que em si sente!
Lê-me na face oculta pravidade,
Percebe que hei-de ser decerto um génio
E talvez o diabo."*

O carácter sinistro atribuído à epilepsia ou à loucura teria a mesma origem. "*O profano vê nelas a manifestação de forças de que não suspeitava no seu próximo mas*

²*The Uncanny*, 1919, **S.E.**, Vol. 17, p.240

cuja existência pressente obscuramente nos cantos recônditos do seu próprio ser."³
Lembra ainda que na Idade Média se atribuía estas doenças à influência dos demónios.

O carácter repetitivo de certos acontecimentos sem o nosso aparente contributo, também provocaria em nós um sentimento de sinistro. "*...é fácil ver que também aqui, é apenas este factor de repetição involuntária que rodeia o que de outro modo seria inocente, de uma atmosfera nefasta, e nos força a ter a ideia de qualquer coisa ineludível e inelutável quando de outro modo falaríamos apenas de 'acaso' "*"⁴

Estes exemplos parecem estar ligados àquela concepção do mal como pernicioso ou maligno. É um mal que mais do que compreendido é sentido ou adivinhado.

Freud fá-lo derivar dos impulsos recalcados e projectados no exterior. A projecção levar-nos-ia a ver fora de nós aquilo que é profundamente interno e por isso também profundamente esquecido e susceptível de ser considerado estranho e por conseguinte de provocar o tal temor definido como o sentimento de sinistro. A inveja sentida no olhar de outrém, como a repetitividade de certas ocorrências solicitariam facilmente a projecção. "*A actividade psíquica inconsciente está dominada por um automatismo ou impulso para a repetição (repetição compulsiva), inerente com toda a probabilidade, à própria essência das pulsões, provido de poderio suficiente para sobrepôr-se ao princípio do prazer; um impulso que confere a certas manifestações da vida psíquica um carácter demoníaco, que ainda se manifesta com certa nitidez nas tendências da criança e que domina parte do curso que segue a psicanálise do neurótico. Todas as nossas considerações precedentes dispõem-nos a aceitar que se sentirá como sinistro quanto seja susceptível de evocar este impulso à repetição interior.*"

Outro exemplo de sinistro, porventura o mais representativo por mais intenso, é tudo quanto se relaciona com a morte, os mortos, os cadáveres, a aparição dos mortos e os espíritos ou os espectros. Na literatura que explora o sinistro aparece com alguma frequência o desenvolvimento da ideia de que os mortos podem retornar ao mundo dos vivos, normalmente com objectivos maléficos. Em *Totem e Tabu*, Freud refere-se à transformação dos mortos em demónios e em *Das Unheimlich* fala da possibilidade de ainda hoje os mortos se tornarem inimigos dos sobreviventes pois se propõem levá-los consigo para a sua nova existência.

Do seu ponto de vista há várias razões para a manutenção destas crenças que não encontram na realidade objectiva nada que as possa justificar. A um nível mais geral entende que o nosso inconsciente se mantém resistente a conceber a morte,

³op. cit., p.243

⁴op.cit.,p.237

principalmente a morte própria. A prova disso residiria no facto de as religiões prometerem uma outra vida para além da morte. O temor dos mortos manifestar-se-ia então porque estes recordam aos vivos que um dia também morrerão. A atitude afectiva perante os mortos aparentemente de piedade, mantêr-se-ia, à imagem do que acontecia com os primitivos, ambivalente. O recalçamento, tê-la-ia entretanto, transformado em piedade. Além disso, o nosso medo dos mortos e a crença de que podem causar-nos dano estariam ainda relacionados com os nossos próprios desejos de morte para com os outros. A morte faria também despertar a crença inconsciente de que o nosso desejo matou e o encontro com qualquer coisa que na vida real é susceptível de confirmar o que sentimos desperta o sentimento de sinistro.

Estas crenças encontrá-las-ia Freud, vivas e actuaentes na dinâmica psíquica dos neuróticos, ainda que camufladas. Remetidas para o inconsciente, manifestar-se-iam através do sentimento de culpabilidade. "*Um neurótico obsessivo pode deixar-se abater por um sentimento de culpabilidade justificado num criminoso que tivesse cometido vários assassinatos, enquanto que ele próprio se comporta e sempre se comportou em relação aos outros da maneira mais respeitosa e mais escrupulosa. No entanto o seu sentimento é fundado; ele tira os seus motivos dos desejos de morte intensos e frequentes que, no seu inconsciente se dirigem contra os seus semelhantes....trata-se não de factos reais, mas de intenções inconscientes. É assim que a onnipotência das ideias, a predominância conferida aos processos psíquicos sobre os factos da vida real manifestam uma eficácia ilimitada na vida afectiva dos neuróticos e em todas as consequências que daí decorrem*".⁵ Os fenómenos que acima citámos, prendendo-se com a onnipotência das ideias, levaram Freud ao estudo do tabu e do animismo, através do qual justificava a manutenção de tais crenças. Em seu entender essa manutenção dever-se-ia à persistência, ainda que a um nível inconsciente de um modo de funcionamento animista, como herança de tempos passados. Na sua obra *Totem e Tabu* percebe-se uma clara relação entre o tabu e o sinistro, como veremos.

Citando Wundt, Freud define o tabu, "*...de acordo com o sentido geral da palavra, (como) toda a proibição imposta pelo uso e costume ou expressamente formulada em leis, de tocar um objecto, aproveitar-se dele ou servir-se de certas palavras proibidas*..."⁶

O tabu pode referir-se a objectos, animais ou seres humanos que se encontrem em circunstâncias excepcionais como as mulheres durante o período menstrual ou logo após o parto, os recém-nascidos, os doentes e em especial os mortos. Freud extrai

⁵ *Totem and Tabou*, 1912, S.E., Vol.13, p.87

⁶ op.cit.,p.23

portanto uma regra segundo a qual " *é tabu tudo aquilo que por qualquer razão inspira temor ou inquietação*".⁷

Sendo os tabus característicos das primitivas sociedades animistas em que desempenhavam um papel nas relações entre os diferentes grupos sociais, Freud entende, no entanto que a razão da sua existência é outra. Eles constituiriam a objectivação do temor da acção dos poderes demoníacos que se supunha estivessem ocultos em certos objectos ou seres. Estes temores e crenças " *nascem no lugar de origem dos impulsos mais primitivos e ao mesmo tempo mais duradouros do homem...*" que projectados no exterior produzem o tabu. Está portanto em jogo o poder demoníaco que se supõe existente no objecto, proibindo " *o tabu irritar a dita potência e ordena apaziguar a cólera do demónio e evitar a sua vingança sempre que foi feita uma violação, intencional ou não.*"

Entretanto, a evolução social terá apagado esta ligação do tabu ao poder maléfico dos demónios mas não o fez desaparecer. Pelo contrário, o tabu ter-se-à mantido como um poder independente, convertendo-se numa proibição imposta apenas pela tradição ou mesmo consignada pela lei. " *Mas o mandamento tácito dissimulado por detrás das proibições tabu, as quais variam com as circunstâncias de lugar e tempo é originariamente a seguinte: 'Guarda-te da cólera dos demónios'*".⁸ O tabu mantêr-se-ia devido a " *uma espécie de inércia psíquica*", constituindo a base das nossas prescrições morais e das nossas leis. Revelar-se-ia ainda em sintomas da neurose obsessiva como os actos ritualizados ou as fobias de contacto. Outro traço característico da neurose obsessiva é entendido de forma recorrente com referência ao animismo, embora a uma fase mais arcaica deste. Numa fase mais primitiva do tabu, este imporá restrições ou proibições relativas a objectos ou seres quer sagrados quer impuros na medida em que quaisquer deles se afiguravam como temíveis. Os seres ou objectos tabu pertenceriam, todos eles, a uma mesma classe de coisas temíveis que só mais tarde se terão subdividido em dois grupos marcados pela oposição entre a execração e a veneração. " *Mas a manutenção do tabu teve por efeito que o desejo primitivo de fazer o que é tabu persistiu nos povos. Estes adoptaram portanto em relação às suas proibições tabu uma 'atitude ambivalente' o seu inconsciente ficaria feliz por infringir estas proibições, mas temem fazê-lo; e temem-no, porque desejariam fazê-lo, e o temor é mais forte que o desejo. Mas em cada um dos indivíduos que fazem parte do povo o desejo é tão inconsciente como no neurótico.*"⁹

⁷op.cit., p.23

⁸op.cit., p.24

⁹op.cit., p.29

O tabu teria então resultado da concepção animista de que o mundo estaria povoado por espíritos benfazejos ou malfazejos em relação ao homem que animariam tudo o que existe, incluindo os objectos inanimados e que seriam responsáveis pelas modificações que ocorrem na natureza. Os seres humanos seriam também animados por espíritos da mesma natureza que podem abandonar a sua morada para se irem ligar a outros seres humanos. Daqui decorre que as almas dos mortos poderiam apoderar-se dos vivos e que portanto os mortos são temíveis. Do ponto de vista de Freud os rituais mágicos teriam surgido como medidas de protecção ou de pacificação destes seres malfazejos ou demónios.

Os rituais dos neuróticos obsessivos pareceram-lhe fenómenos desta ordem. "*Se não são actos de bruxaria, são actos de contra-bruxaria, destinados a afastar as ameaças de infelicidade em cuja expectativa o neurótico vive no início da sua doença. Sempre que me foi possível penetrar o mistério, constatei que a infelicidade que o doente esperava não era senão a morte...*"¹⁰

Esta descoberta fê-lo deduzir que tanto a crença na alma como nos demónios se teria formado com base nas impressões que a morte deixa no homem. Por outro lado e na medida em que sempre descobre uma relação íntima entre os rituais obsessivos e os actos sexuais de que não seriam mais do que uma imitação disfarçada, conclui que estes rituais seriam "*uma espécie de feitiçaria destinada a afastar os maus desejos*".¹¹

Isto significaria que os espíritos e os demónios seriam projecções nossas, como do primitivo, das tendências afectivas próprias e que aquilo que crêmos ver fora não é mais que a personificação dessas tendências.

Freud pensa ainda que os maus espíritos foram os primeiros a aparecer e que este facto se relaciona com a impressão que a morte sempre exerce nos sobreviventes. A criação dos maus espíritos não corresponderia à resolução de um problema de ordem intelectual mas à resolução do conflito afectivo que a morte causa nos sobreviventes. A morte teria forçado o ser humano a conceber que a morte pode mais do que ele e por conseguinte erguendo-se como um obstáculo ao narcisismo tê-los-à feito ceder parte da onipotência de que julgavam gozar aos espíritos. Derivaria também deste conflito insolúvel a teoria dualista de que o homem é composto de duas entidades relativamente independentes; o corpo e a alma. Esta concepção da natureza humana permitiria por um lado aceitar a morte e por outro negá-la "*com o mesmo gesto*".

Na mesma linha de pensamento, Freud entende que o Espírito do Mal como é

¹⁰ *Totem and Taboo*, 1913, S.E., Vol.13, p.87

¹¹ *op.cit.*, p.87

actualmente concebido na nossa cultura, seria " *um vestígio do animismo, integrado no nosso sistema religioso.*"¹²

Contudo, o facto de se aperceber que o neurótico e em particular o neurótico obsessivo se debate constantemente com o problema do mal, leva-o a outras reflexões. No seu trabalho de 1918,¹³ dá-se claramente conta deste conflito: " *Uma substituição instantânea e nítida duma fase pela seguinte não estava na natureza das coisas nem na do nosso paciente; pelo contrário, a conservação de tudo o que havia precedido e a coexistência das mais deversas correntes eram características da sua maneira de ser. A sua 'maldade' não desapareceu assim que a angústia apareceu e prosseguiu, diminuindo gradualmente até durante o seu período de piedade.*"¹⁴

E do mesmo paciente relata-nos um sonho em que o diabo apontava com o dedo um caracol gigantesco. A interpretação que é dada para este sonho é a de que o caracol representa aqui o símbolo sexual feminino enquanto que o diabo surge como representante paterno que fornece ensinamentos sobre a sexualidade que supostamente domina. Já em 1900-1901¹⁵, relata o sonho de um adolescente em que aparece o diabo, embora com outra significação. Trata-se da recordação de um sonho repetido em que " *A maior parte das vezes, segundo o seu relato,... via o diabo, só ou com outros que vinha gritar-lhe com toda a força: 'Já te temos! Já te apanhámos!'*, depois sentia o odor de bismuto e de enxofre, o fogo queimava-lhe a superfície do corpo previamente despojado de roupas. Este momento era o mais terrível do seu sonho e era então, provavelmente, que ele soltava gritos e fazia gestos que eu pude observar pelo menos duas vezes em sua casa. Estes gritos, primeiro abafados na laringe, tornavam-se mais distintos, e então ouvia-se: 'Não fui eu, não fui eu! Eu não fiz nada!', ou então: 'Deixe-me, deixe-me, eu não volto a fazê-lo!'.

Por vezes parecia ter perdido o sentimento da sua personalidade e gritava: 'Albert nunca fez isso!'... Aconteceu mesmo que Albert recusou deitar-se e despir-se; o fogo só o atingia, parecia-lhe, quando ele estava despido."

Neste sonho em que, segundo Freud, está em jogo o conflito entre a excitação sexual em tempos resolvida pela masturbação e as ameaças de punição também em tempos sofridas surge novamente o diabo, que aqui é claramente uma figura punitiva. Mas o modo como Freud explicita a sua interpretação deste sonho parece-nos

¹²*The Question of a Weltanschauung*, 1933, S.E., Vol.22, p.166

¹³*From the history of an infantile neurosis*, 1914, S.E., Vol.17

¹⁴op.cit., p.62

¹⁵*The Interpretation of Dreams*, S.E., Vol.5, p.585

interessante. Citamos: " *Não é difícil adivinhar: 1-que a criança se masturbava quando era pequena, que não queria confessá-lo e que tinha sido ameaçada de punições severas (a sua confissão: 'não volto a fazer'; as suas negações: 'Albert nunca fez isso'); 2-que sob o recrudescimento da puberdade a tentação de se masturbar por causa das picadelas nos órgãos genitais reapareceu; 3-que ela provocou um recalçamento e uma luta em que a libido reprimida se transformou em angústia; esta angústia tomou secundariamente a forma dos castigos de que tinha sido ameaçado no passado.*" ¹⁶

Curiosamente estas duas representações do diabo parecem contraditórias. Se no primeiro dos sonhos a que nos referimos ele surge como representante do saber sexual, no segundo surge como condenador. Em ambos os casos podemos assumi-lo como representante simbólico da figura paterna que é suposta saber, guiar e punir mas do mesmo modo que do ponto de vista de Freud a libido se terá transformado em angústia e esta em punição dá-nos a impressão que igual transformação se terá dado relativamente ao diabo, que de representante da excitação sexual ou do saber sobre esta se terá transformado no seu oposto.

Mas deixaremos este assunto em suspenso, apenas como uma nota que esperamos retomar mais tarde.

Antes de mais mostraremos como Freud se encontra com o nosso tema de trabalho através da análise de um caso de neurose obsessiva e como o procura no caso da "neurose demoníaca" em que se serve de documentos históricos. Em qualquer dos casos não descreveremos com muito pormenor a sintomatologia ou a evolução da doença. Cingir-nos-emos, na medida do possível, aos dados que para além de darem uma compreensão suficientemente clara de ambos os factos, interessam particularmente ao nosso tema.

Faremos primeiramente a nossa reflexão em torno do escrito de Freud, que, embora seja duma data posterior (1918), permite compreender como na infância se organizam de forma associativa as fantasias que delineiam o conceito de mal. Resumidamente, Freud subdividiu a infância do paciente e a progressiva organização da sua neurose obsessiva em quatro fases. Na primeira, que decorre até aos três anos e três meses o sujeito presencia a cena primitiva e sofre de sedução por parte da irmã consideravelmente mais velha. Na sequência disso inicia-se uma segunda fase que decorre até aos quatro anos e é marcada por uma alteração de carácter em que se verifica que o paciente, até então considerado uma criança calma, é invadido pela angústia e pelo medo e manifesta tendências masoquistas ou sádicas em que maltrata pequenos animais. Na terceira fase, que dura até aos quatro anos e meio, surge, na

¹⁶op.cit., p.585

sequência de um sonho de angústia, uma zoofobia e mantém-se a irritabilidade e o medo. Nesta altura, a mãe, com o objectivo de o acalmar, conta-lhe a História Sagrada dando particular ênfase à Paixão de Cristo. Dá-se então início à quarta fase, de verdadeira instalação da neurose obsessiva, que dura até aos dez anos e em que parece ter desempenhado papel de suma importância a iniciação religiosa.

A História Sagrada parece ter causado no menino, de início, uma impressão desagradável. Seguiu-se-lhe um período de crítica racionalista, segundo a designação de Freud. Mostrava desagrado pela atitude passiva de Cristo e incompreensão quanto a este ter exposto a outra face à bofetada. Também achava que Deus era cruel porque, sendo onipotente não tinha poupado o seu próprio filho, além de que lhe cabia a responsabilidade pelos males do mundo, uma vez que o criara. Mais ainda, tinha sido cruel para com Abraão e era cruel para com todos os homens, pois os maltratava.

Surgiu depois um período de cavilações e dúvidas que Freud relacionou com os seus impulsos sexuais. Perguntava-se então se Cristo também teria um traseiro e se defecaria. Se com estas questões parecia por um lado estar a identificar-se com Cristo, por outro a preocupação de estar a rebaixar a categoria sagrada de Jesus manifestou-se nas respostas que encontrou para si próprio: o traseiro não passava da continuação das costas e além do mais, se Cristo tinha conseguido fazer do nada vinho, também conseguia transformar a comida em nada e conseqüentemente não precisava de defecar.

A par disto, tendo-se dado o recalçamento da actividade genital, esta retornou sob a forma do sadismo e do masoquismo. Se nas suas componentes sádicas mantinha a primeira identificação ao pai, no masoquismo tomava o pai, como objecto sexual. A História Sagrada dava-lhe a possibilidade de sublimar a atitude masoquista em relação ao pai através da identificação com Cristo que lhe permitia ser também grande e ao mesmo tempo homem. Mas as perguntas acerca do traseiro de Cristo mostravam também até que ponto estava ocupado com a ideia de que o pai à semelhança do que tinha observado na cena primitiva, o poderia utilizar como mulher. Ao mesmo tempo, a revolta contra a passividade de Cristo e contra a crueldade de Deus fez com que progressivamente se instalasse nele um grande temor a Deus. Este grande temor e hostilidade a Deus tinha, segundo Freud como protótipo o impulso hostil em relação ao pai surgido por influência do já referido sonho de angústia. Identificava-se agora com Cristo mas como Deus não podia ser um bom substituto do pai que muito amara, dirige a Deus a sua hostilidade e a sua ambivalência manifesta-se em sintomas relacionados com a religião. Surgem então as primeiras formações compulsivas: começa a ter ideias blasfemas e a associar sempre a ideia de Deus com as de porcarias ou de porco e desenvolve rituais piedosos em que se sente forçado a beijar todas as estampas de santos que existem no seu quarto antes de se deitar, ou ainda o ritual mais curioso de inspirar

e expirar profundamente em determinadas circunstâncias. Este ritual respiratório explica ele, tinha por finalidade inspirar o Espírito Santo e expirar os maus espíritos de que tinha ouvido falar e aos quais atribuía as ideias blasfemas que tanto o preocupavam. Sentia-se compelido a expirar profundamente sempre que em presença de pessoas dignas de pena para não ficar como elas. Esta obsessão surgiu numa altura em que o seu pai, internado num sanatório lhe inspirou grande compaixão. Tal experiência terá transformado a identificação ao pai em sentido negativo. Mas Freud entende também que a identificação positiva ao pai terá ajudado na formação deste ritual na medida em que o acto de respirar com força seria uma imitação da respiração agitada que observou no pai ao presenciar a cena primitiva. O Espírito Santo devia assim a sua origem a este sinal da agitação sexual masculina. O recalçamento teria entretanto operado uma modificação deste fôlego que se transformou em mau espírito.

Estabelece ainda uma relação entre espíritos malignos e porcos pois tinha ouvido contar que Cristo tinha introduzido uns espíritos malignos nos corpos de uns porcos que se atiraram imediatamente a um precipício. Isto fê-lo recordar que também a sua irmã tinha caído de um muro à praia e portanto era um espírito maligno e uma porca. Tinha também associado Deus a porco, assim como o pai, que vira dominado pela sensualidade na cena primitiva. Também ele tinha sido seduzido pela irmã e por isso comparou-se com Adão quando se apercebeu que este se tinha deixado levar à desgraça por uma mulher. A irmã transformara-se para ele na encarnação da tentação e do pecado e por isso tornou-se inimigo das mulheres e prometeu não se casar.

O escrito sobre o qual nos debruçaremos seguidamente - *Uma neurose demoníaca do sec. XVII* - é um trabalho em que Freud analisa um manuscrito relatando o que na época era denominado por neurose demoníaca. Este manuscrito reveste-se de grande interesse, ao que nos é dado supor, porque dizendo, na verdade, respeito a um caso de histeria, é composto por duas partes: a primeira é escrita em latim e contém a informação de um monge que sobre o caso, a segunda é um fragmento do diário escrito pelo sujeito que padeceu da dita "*neurose demoníaca*". A história contada no manuscrito contém o relato de um pacto selado com o demónio, por graça da Virgem Maria.

Trata-se da história de um pintor, Cristóvão Hartzmann, que encontrando-se um dia na igreja é tomado por convulsões que se repetem nos dias consecutivos. É então levado ao pároco de Marizell que depois de o examinar lhe pergunta se tinha "*mantido tratos ilícitos com o demónio*". Ora acontecera que nove anos antes, Hartzmann tinha passado por um período difícil em que duvidava dos seus dotes artísticos e da sua capacidade de prover às suas necessidades, acabando por ceder a tentações do demónio que lhe apareceu por nove vezes. Comprometeu-se por escrito com o demónio a pertencer-lhe de corpo e alma findo um determinado período que estava prestes a

expirar. Disso se arrependia e pensava "*que só a graça da Virgem de Marizell podia salvá-lo obrigando o Mal a devolver-lhe o contrato que assinara com sangue*".

Na verdade acaba por acontecer que resgatado do pacto Cristóvão Haitzmann não melhora. Antes pelo contrário volta a ser acometido de convulsões e acaba por dizer que em vez de um, tinha feito dois pactos com o demónio e por conseguinte tinha de ser resgatado de outro pacto.

O pintor não sofria apenas de convulsões. Queixava-se também de visões e debalde combatia umas e outras com oração e penitência.

Todos os seus problemas tinham começado com a morte do pai, na sequência da qual caíra numa depressão melancólica com perda da capacidade de trabalho e um intenso medo de morrer. Nessa altura ter-lhe-ia aparecido o diabo que lhe perguntara porque estava triste e prometera ajudá-lo e favorecê-lo quanto pudesse. Oferece-lhe então a "*horrenda criatura*" um livro de feitiçaria e magia negra, uma bolsa com dinheiro e diversões. Mas nem o poder, nem o dinheiro, nem os prazeres o seduziram, tudo tendo recusado. Isto parecia incompreensível, tanto mais que uma das preocupações de Haitzmann prendia-se com a subsistência. Todavia o pintor faz dois pactos que transcrevemos.

Primeiro pacto - (escrito com tinta preta). - "*Eu, Cristóvão Haitzmann, obrigo-me a este senhor, como seu filho fidelíssimo, por nove anos. Ano de 1669.*"

Segundo pacto - (escrito com sangue) - "*Ano de 1669. Cristóvão Haitzmann. Obrigo-me a Satanás e comprometo-me a ser seu filho fidelíssimo e a entregar-lhe, dentro de nove anos, o meu corpo e a minha alma.*"

O que Freud observa é que o pintor não vende a sua alma ao demónio por alguma coisa que receba dele mas por qualquer coisa que lhe há-de dar. Aparentemente, obriga-se duplamente. Ora isto significaria que não é o pintor que satisfaz um desejo do diabo mas o diabo que se compromete a satisfazer um desejo do pintor: o de o adoptar como filho.

Deste ponto de vista, o diabo, viria ocupar o lugar do pai de Haitzmann, que este havia perdido e com ele toda a sua alegria e capacidade de trabalho. Deste modo, na fantasia do pintor, o diabo aparece como um substituto da figura paterna que pode devolver-lhe o que havia perdido.

Também as visões de Haitzmann com as quais ilustra o seu diário apontam para esta equivalência entre o diabo e o pai. Na primeira aparição ele é representado como um honrado burguês de idade madura mas com algumas características e adereços representativos do seu carácter demoníaco como: barba negra, capa vermelha, guarda-chuva negro, um bastão na mão direita e um cão negro ao lado.

Todavia, nas aparições que se seguem o diabo vai adquirindo características que

lhe conferem um aspecto cada vez mais bizarro. Surge nu, dotado com dois pares de seios, cornos, garras de àguia e asas de morcego; e mais tarde adquire a forma de um dragão alado com seios simples ou múltiplos.

Freud enveredou por duas linhas explicativas no que diz respeito a estas representações do diabo e ao facto de este simbolizar o pai. Como já anteriormente tinha acontecido, uma dessas linhas prende-se com a dinâmica individual e a ontogénese, outra refere-se à filogénese.

Partindo do pressuposto de que o diabo é um substituto directo do pai de quem se espera apoio e sustento, o que parece surpreendente é o facto de Hartzmann, que amava o pai, ter escolhido para seu representante uma figura maléfica. Ora Freud parte aqui de um outro pressuposto a que já tinha chegado noutros escritos; o de que Deus é inicialmente um representante do pai idealizado da infância. Esta idealização sofre posteriormente, todavia, um decréscimo ao ponto de ser invertida. A psicanálise descobriu regularmente uma atitude de ambivalência relativamente ao pai, por um lado submissa e carinhosa e por outro, rebelde e hostil. Neste antagonismo afectivo se fundaria a oposição entre Deus e o Demónio. *"Trata-se pois, do processo já bem nosso conhecido, da dissociação de uma representação de conteúdo contraditório - ambivalente - em dois elementos contrários, intensamente contrapostos. Mas as contradições dadas à natureza primitiva de Deus são um reflexo da ambivalência que domina a relação do indivíduo com o seu pai pessoal. Se Deus bondoso e justo é um substituto do pai, não é de estranhar que também a atitude hostil que odeia, e teme, e acusa o pai tenha chegado também a manifestar-se na criação de Satan. Assim pois, o pai seria o protótipo individual tanto de Deus como do diabo."*

No entanto outros pormenores relativos às fantasias de Hartzmann, parecem não apoiar apenas esta ideia de que o diabo seria um representante paterno. Entre eles citaremos apenas dois que consideramos mais significativos; o papel do número nove - o pacto era por nove anos e o pintor resistiu nove vezes ao demónio - e o facto de que em algumas representações o demónio aparece com características femininas.

O número nove apareceria como uma referência ao tempo de gestação, simbolizando assim uma fantasia de gravidez pela qual o pai seria responsável. Esta fantasia corresponderia assim ao seu investimento erótico no pai. Do mesmo modo os seios corresponderiam à projecção da sua própria feminilidade e à atitude feminina em relação ao pai. A atitude feminina em relação ao pai sofre no entanto um recalçamento e acaba por alimentar a hostilidade quando no menino surge a ideia de que obter a ternura do pai terá como condição a castração. A representação do demónio provido de características femininas - os seios - teria a mesma origem. Eles constituiriam a projecção da sua atitude feminina que não só sofreu um recalçamento como uma

inversão correspondente à feminização ou castração do pai.

Todavia Freud dá ainda outra explicação para a conformação feminina do corpo do diabo, ancorada também esta na ontogénese. A ternura infantil inicialmente dirigida à mãe é depois deslocada para o pai. Os seios seriam então "*um indício de que a ternura infantil foi deslocada da mãe para o pai*". Em nosso entender, esta figuração do diabo com características de ambos os sexos pode também ser entendida como uma representação, não apenas do pai mas do conjunto parental composto por pai e mãe derivado duma época em que a criança não faz uma diferenciação muito clara entre os dois e também ainda não definiu completamente a sua identidade sexual.

Mas Freud apega-se à ideia de que o diabo só pode representar a figura masculina do pai e dá para isso outras razões. No caso de Hartzmann o diabo aparece também com características femininas quando em vez de um surgem vários diabos sendo uns masculinos e outros femininos e quando o diabo aparece como uma individualidade oposta a Deus quase sempre tem um aspecto masculino. Por vezes surge mesmo hiper-masculinizado através de pormenores como cauda, pénis serpentiforme e cornos. Nada disto nos parece invalidar a nossa hipótese tanto mais que existem representações do diabo que apresentam de forma hiperbólica, tanto características femininas como características masculinas. É o que acontece com uma das ilustrações de Hartzmann. E assim sendo talvez a questão seja a de saber porque é que existe uma relação tão frequente entre o mal ou os representantes do mal e a sexualidade. De resto, Freud não explora um aspecto que também se encontra repetidamente na literatura que se dedica ao tema: a ligação entre o mal e as bruxas como representantes femininos do poder maléfico. Dá-se conta dessa relação e chega a referir-se a ela numa carta a Fliess em que fala da ligação entre as bruxas e o diabo, mas não encontramos desenvolvimento do tema nos seus escritos.

Mas para a explicação do aparecimento do diabo como figura paterna, Freud segue outra linha de pensamento, como dissemos, com referência à ideia de que a ontogénese é uma repetição abreviada da filogénese.

A imagem representativa do pai primordial da horda primitiva teria perdurado como traço mnésico hereditário e nela se teria fundado a imagem representativa infantil que também perdura no indivíduo adulto. A actual representação individual de Deus seria a conjugação do traço mnésico do pai primordial e da imagem infantil. A mesma ambivalência que a psicanálise descobriu em relação à figura paterna que se vê acentuada em determinadas fases do desenvolvimento está presente na relação da espécie humana com o seu Deus nas diversas religiões. O demónio aparece também como a antítese de Deus e muito próximo da sua natureza.

No entanto, se por um lado Freud explica o aparecimento dos demónios na

religião através do aparecimento de novos deuses que destronando os anteriores os convertem em demónios - e a propósito, cita como exemplo a teoria cristã de que o diabo seria um anjo caído de natureza igual à divina - por outro lado refere a existência do diabo à memória do pai da horda primitiva, ser infinitamente mau, que mais do que assemelhar-se a Deus assemelhar-se-ia ao demónio.

II - PONTO DE PARTIDA TEÓRICO

Antes de abordar o homem ou qualquer das suas produções ou valores, necessário se torna esclarecer algumas concepções fundamentais no que respeita a esta noção. Referimo-nos à noção de homem ou àquilo que entendemos por natureza humana.

Parecerá porventura uma tarefa desnecessária pois que à força de repetir uma palavra tomamo-la por conceito claro, por noção delimitada.

No entanto, basta-nos pensar na velha questão de saber se o homem é produto do meio em que vive ou se é o homem que o constrói e logo recordaremos que essa questão, acérrimamente debatida, só deixou de o ser - para os psicólogos - não porque tenha sido completa e definitivamente resolvida mas apenas porque não tendo sido adoptado um novo paradigma, não se vislumbra desfecho possível.

Pode dizer-se que, de um modo geral, o mundo da psicologia abandonou a questão como obsoleta para se dedicar a problemas mais práticos e imediatos.

No entanto, esta velha questão é a cada passo reposta em nosso entender, porque não sendo correctamente posta, nunca é cabalmente resolvida.

Os antigos antropólogos dedicavam-se à investigação dos problemas fundamentais do homem, ou seja; daqueles problemas fundamentais que sempre, em todos os tempos e em todas as culturas, ocuparam o ser humano. Entre estes problemas contam-se os da concepção da doença, da morte e da diferença entre o homem e os outros seres vivos ou entre os seres vivos e os inanimados. Através do estudo do modo como o ser humano os encarava a antropologia procurava na verdade o homem e dava-se conta de que existiam traços fundamentais comuns a todas as culturas. Foram encontrados, por exemplo, contos populares sobre ogres no Ocidente, na África ou na Ásia, mesmo que em tais culturas o pai fosse uma figura indulgente e terna.

Estas descobertas não impediram, no entanto, o aparecimento de teorias como a funcionalista em que o homem é concebido como produto da cultura em que está inserido, deduzindo-se portanto a necessidade de, para compreender um item cultural relacioná-lo com os outros, dentro da mesma cultura. A interpretação dum item cultural só teria valor no interior de uma cultura dada e isto, até porque as culturas tinham todas elas orientações e finalidades diferentes. Nesta concepção moviam-se, por exemplo, Ruth Benedict ou Malinowski. Procurava-se assim, mais as diferenças do que as semelhanças entre os homens.

O aparecimento da psicanálise forçou no entanto, a uma reposição do problema que constitui a definição do homem, uma vez que esta, busca o conhecimento do homem na sua especificidade íntima, para além das variações de espaço e tempo. Pode dizer-se

que a psicanálise repôs o problema da Natureza Humana.

Freud como outros na sua época dá-se conta de que o homem não é um animal racional, ou que sendo-o não é afinal a racionalidade que o define, na medida em que esta concepção exclui exactamente a irracionalidade, as emoções e as emoções que misturadas com as capacidades racionais vão marcando o tempo e o desenvolvimento. Começou a ser dada grande importância à história. O indivíduo passou a ser visto como "condicionado" pelo que viveu na sua história e pelo que o rodeia. Mas - e é este *mas* que estabelece a diferença - a criança humana, não se limita a reflectir passivamente o meio que a rodeia e a sua história não se reduz a um amontoado de acontecimentos alinhados uns atrás de outros. A criança humana "deforma" aquilo que a rodeia. Por isso se verifica que teme o pai mesmo que este seja constantemente indulgente. Por isso também existem histórias de ogres mesmo em culturas em que tradicionalmente os pais são indulgentes.

O facto de encontrarmos construções imaginárias comuns ou razoavelmente idênticas em culturas aparentemente muito diversas põe em destaque a necessidade de explicar as semelhanças. Estas, começaram a ser vistas pela antropologia psicanalítica como a tradução da Natureza Humana.

A questão que põe Géza Róheim (1967) é paradigmática do modo como o problema passou a ser abordado. "*O que é então que torna a humanidade humana?*"¹⁷¹⁸

Interessava, antes de mais, definir o que é específico do homem no geral. Só assim seria possível estudá-lo do ponto de vista psíquico.

A natureza psíquica, intrínseca do homem, era o que precisava de ser abordado sem equívocos.

Na obra citada Géza Róheim refere John Fiske como tendo sido o primeiro a formular a teoria da fetalização de uma forma não mítica.

Este, deduz uma lei geral segundo a qual, quanto mais complexo é um organismo, mais lentamente se desenvolve e portanto o necessário prolongamento da infância conduz a uma duração maior dos cuidados parentais. A maior parte das espécies animais torna-se rapidamente capaz de se alimentar pelos seus próprios meios enquanto que o homem tem necessidade de um período de aleitamento prolongado. Além disso, o estado adulto com a capacidade completa de provêr a todas as necessidades é tardiamente atingido. Isso faz com que se estabeleça uma dependência muito intensa em relação à mãe que, não só alimenta o seu filho, como desempenha o papel de protector perante um

¹⁷*Psychanalyse et Anthropologie*, 1967,

¹⁸*Psychanalyse et Anthropologie*, 1967, Paris, Gallimard, p.45

meio em relação ao qual a criança humana não está tão adaptada como as das outras espécies.

A teoria da infância humana prolongada é de um modo geral admitida por todos os antropólogos, mas as consequências que daí são retiradas divergem. Se por um lado se desenvolveu o raciocínio de que o prolongamento da infância torna o "condicionamento" inevitável e portanto o psicológico dependente do ambiental, por outro lado, outras teorias entendem o problema de outro modo ao questionar a cultura.

Géza Róheim (1967) pergunta-se: "*De que é que depende a cultura?*" Parte do princípio de que a chave da natureza humana está na cultura como facto intrínseca e exclusivamente humano.

Do seu ponto de vista, esta fetalização ou este prolongamento da infância tem como traço saliente o facto de o ser humano não nascer nem nunca estar adaptado ao seu ambiente. A desadaptação provoca "*a necessidade de desenvolver um princípio da realidade (no sentido humano do termo), quer dizer, de aprender a suportar as tensões e a diferir a satisfação imediata do desejo no interesse de um fim ulterior*" (Róheim, 1934) como defesa.

Enquanto o princípio da realidade não se desenvolveu cabe aos progenitores colmatar esta lacuna.

Mas não é apenas a criança que é desadaptada ao seu meio; o ser humano adulto também não é tão adaptado como outros seres vivos cujos comportamentos padronizados se dirigem invariavelmente para o mesmo fim sem necessidade de aprendizagem. O ser humano, pertencendo a uma espécie neoténica, mantém-se sempre infantil e daí resultaria a possibilidade de identificação que os progenitores fazem relativamente aos seus filhos com o concomitante desejo de se prolongarem através deles. A prova disto residiria no afecto com que os pais primitivos tratam os seus filhos o que não acontece nas outras espécies em que as crias são muito rapidamente agredidas e maltratadas pelos pais.

Na espécie humana verificar-se-ia "*este milagre*", operado pela cultura, de ver que os pais acarinham os seus filhos. Este "milagre", como lhe chama Róheim, resultaria da neotenia da espécie humana ou, dito de outro modo, do atraso de desenvolvimento do homem - quando comparado com outras espécies - que conduziria à referida identificação inconsciente dos pais à sua progenitura. "*Mas a tendência "animal" oposta (a rejeitar os filhos) também deve estar presente e surge um conflito. Laio tem, como Édipo, um complexo de Édipo, porque a criança desenvolve-se identificando-se com o adulto (ou com vários adultos, pouco importa) do mesmo sexo. Os desejos libidinais serão dirigidos em relação à parceira ou ao parceiro deste adulto. Mas, uma vez que a libido genital já está presente enquanto a criança ainda é dependente*

(*fantasmaticamente, senão realmente, oral*), o *objecto sexual* prima facie deve ser a mãe".¹⁹ Estaria assim justificada a universalidade do complexo de Édipo como traço exclusivamente humano com base nas condições para as quais a juvenilidade biológica empurra o homem. Cada ser humano teria necessariamente de estabelecer uma relação de vinculação com a mãe e de se identificar com o progenitor do mesmo sexo. Por seu lado os progenitores teriam necessariamente de se identificar com os seus filhos devido à sua própria juvenilização. A ambivalência inerente ao conflito Edipiano não partiria, então, apenas dos filhos mas também dos pais e teria também ela bases biológicas.

Mais importante, do ponto de vista de Róheim, seria o facto de a neurose ser considerada um arcaísmo. É deste modo que nalguns escritos Freud descreve a neurose. Em *Inibição, Sintoma e Angústia* escreve: "*Parece-nos absolutamente normal que a menina de quatro anos tenha pena e chore quando uma das suas bonecas se parte, aos seis anos quando a professora a repreende, aos dezasseis anos quando aquele que ama não lhe presta atenção e eventualmente aos vinte e cinco anos se enterra um filho. Cada uma destas condições que determinam o aparecimento da dor corresponde a uma certa época da vida e passa com o decorrer do tempo; as últimas condições, que são definitivas, persistem então toda a vida. Mas ficaríamos surpreendidos se esta menina, tornada mulher e mãe, chorasse por uma bagatela estragada. É no entanto assim que se comportam os neuróticos*".

Róheim acrescenta ainda que "*a neurose põe em evidência sob uma forma exagerada, o processo pelo qual nos tornamos humanos*".²⁰

Nem todos os indivíduos são neuróticos no sentido clínico do termo mas todos conservamos a nostalgia duma infância de sonho, ou a saudade do passado o que provaria que todos nós conservamos ao longo da vida uma tendência para a regressão. Ora, a nível inconsciente, passado, presente e futuro, têm o mesmo valor e portanto a memória seria o elemento fundamental nos nossos desejos acerca do futuro que queremos prolongado nos descendentes.

Mais importante ainda para a unidade do género humano seria, segundo Róheim, o carácter prematuro da pulsão sexual sublinhado por Bolk. O homem, apresentaria uma desarmonia desenvolvimental patente na precocidade da manifestação dos impulsos sexuais a par da infância prolongada, que não permitiria por razões maturativas a satisfação de tais impulsos. Assim, o psiquismo vê-se-ia obrigado a desenvolver diferentes mecanismos para recalcar, projectar ou transformar a pulsão sexual.

¹⁹Géza Róheim, op. cit., p.464

²⁰op.cit., p.465

A nossa moral sexual teria portanto bases "naturais". *"A nossa moral sexual fundou-se sobre a nossa juvenilização."*²¹

A tese de Róheim é a de que não só a nossa moral sexual mas toda a cultura individual terá resultado de um traumatismo ontogenético que provocou uma modificação da situação de infância. Se do ponto de vista individual a organização da personalidade começa na infância, poderá ter acontecido o mesmo para os sub-grupos da humanidade no passado longínquo. Mais, se a estrutura anatómica do homem apresenta traços de um desenvolvimento suspenso no período do aleitamento (quando comparado o homem com outros mamíferos superiores), forçoso seria admitir que a organização psicológica oral nunca estaria completamente abandonada. Róheim encontra na persistência desta organização o elemento fundamental da cultura.

A prova desta persistência estaria nas *"actividades de jogo e na vivacidade, que tendem a manter-se ao longo de toda a vida no género humano, enquanto os velhos antropoides machos são soturnos e coléricos."*²²

As culturas seriam a expressão dos conflitos entre o Super-Ego e o Id *"aos quais os seres humanos se entregam tanto quanto podem, sem perder o contacto com a realidade -quer dizer que fazem tanto mal a si próprios, quanto o seu Ego ou a realidade lho permitem."*²³

O complexo de Édipo seria então evidentemente universal, não porque tenha sido herdado da humanidade primitiva como Freud hipotetizava, mas porque decorreria directamente do tipo de desenvolvimento humano ao mesmo tempo prematuro (do ponto de vista sexual) e conservador (do ponto de vista da tendência para a repetição do passado).

Esta tendência conservadora estaria na base da vinculação do homem à mulher desde que esta tenha filhos. A mulher grávida ou a mãe é identificada pelo parceiro com a sua própria mãe à qual ele está vinculado. Este seria outro contributo para a universalidade do complexo de Édipo.

Mas ele seria ainda propiciado por um conflito biologicamente determinado na mulher que opõe maternidade e sexualidade genital. A mulher grávida ao concentrar o interesse no seu corpo, esqueceria durante um certo tempo os desejos genitais o que se prolongaria durante o período de lactação (privação do parceiro).

Assim a vida sexual do ser humano estaria influenciada por um duplo

²¹op.cit., p466

²²op.cit.,p.470

²³op.cit.,p.476

mecanismo de infantilização do adulto e de genitalização da criança.

Infere-se então que sendo as condições de partida universais (independentes de qualquer cultura particular mas inerentes à neotenia da espécie humana no plano biológico) se gera uniformidade no plano psicológico e no plano da Cultura. Daqui resulta que se possa falar de uma Natureza Humana essencialmente caracterizada por produzir e estar inserida na Cultura.

A Cultura é aqui entendida na acepção em que foi definida por G. Devereux, como um sistema padronizado de defesas e enquanto tal, solidária com as funções do Ego.

Explicitando, para uma melhor compreensão, referiremos que Georges Devereux, aceita e adota algumas das afirmações fundamentais de S. Freud e de G. Róheim. Do primeiro adota a noção de que existe em todo o ser humano tanto uma oposição entre consciente e inconsciente como um conflito Edipiano. De G. Róheim adota a teoria da universalidade do género humano e também da Cultura. Mas as suas observações e teorias parecem-nos mais agudas e subtis como esperamos conseguir mostrar.

Para G. Devereux, do ponto de vista individual, a cultura não é qualquer coisa exterior. Ela é antes de mais uma experiência interior e uma maneira de vivenciar a experiência. Trata-se de qualquer coisa profundamente interiorizada e que faz parte da estrutura do indivíduo. Precisando, "*a cultura é uma maneira estruturada de apreender ao mesmo tempo o próprio e o mundo*"²⁴

Ela é "*sobretudo uma maneira de apreender ao mesmo tempo as componentes particulares e a configuração geral do mundo do homem e do seu espaço vital*"²⁵

A uniformidade das condições de partida de todo o ser humano conduz à uniformidade da psique humana, implica igualmente a uniformidade da Cultura humana, com um C maiúsculo. Do mesmo modo que os indivíduos, as culturas diferem entre si essencialmente pelo modo como os seus elementos constitutivos se justapõem e se organizam em modelos e estruturas.

Precisamos que, segundo Devereux, a cultura e o espírito humano são historicamente co-emergentes e se pressupõem reciprocamente. Não faria portanto qualquer sentido discutir qual teria aparecido primeiro e qual deles seria decorrente do outro. Tanto mais que, do ponto de vista ontogenético, a aquisição da Cultura e a transformação dum ser imaturo num ser humano ocorrem simultaneamente fazendo parte de um duplo processo indivisível.

²⁴G.Devereux,1957, *La psychanalyse, instrument d'enquête ethnologique: donnés de fait et implications théoriques*

²⁵op.cit., p.365

"Este duplo processo funcionalmente indivisível, constitui o que eu designo pelo termo *humanização*, o que é preciso distinguir do processo de *aquisição de uma cultura específica*, que eu chamei *etnização*."²⁶

A criança que aprende a falar tornar-se-ia humana, mas tornar-se-ia portuguesa pelo facto de aprender português. "*A humanização que se opera através da aquisição da Cultura actualisa as potencialidades do homem; a etnização limita-se a fornecer uma série de meios específicos à sua actualização*."²⁷

Cada cultura particular é constituída por vários itens - actos, atitudes, objectos materiais - que se inserem numa ou várias matrizes de valores e significações. Do ponto de vista de G. Devereux cada item tem pelo menos quatro matrizes: uma biológica, uma experiencial, uma cultural e uma neurótica. A psicanálise seria o meio mais eficaz para desvendar a matriz ou as matrizes de valores às quais um item cultural pertence. Isto porque não só, como referimos, o item pode relacionar-se com várias matrizes como também a matriz mais evidente, pode não ser a fundamental. Exemplificando, o item cultural "cão" tem uma dupla matriz. Se a matriz mais evidente é aquela em que o cão é tomado como o melhor amigo do homem, por outro lado são também conhecidas expressões significativas de que o cão é encarado duma maneira negativa quando nos referimos a uma "vida de cão" ou alguém é insultado com o epíteto "cão" ou "cachorro".

Deste ponto de vista para compreender completamente um item cultural é necessário apreender em profundidade todas as matrizes em que ele se insere mas também descobrir as relações, patentes e implícitas, existentes entre elas. O item "cão" que pertence a duas matrizes contraditórias manifesta provavelmente dois pólos da ambivalência caracteristicamente humana. Mas para compreender completamente este item seria necessário estudar todas as matrizes nas quais ele está presente incluindo, os costumes, os contos tradicionais, as anedotas, etc., e compará-las umas com as outras.

Do mesmo modo para compreender o item cultural mal seria necessário estudá-lo em todas as matrizes em que ele está presente.

Na continuidade do pensamento de Devereux, pensamos que existe no homem uma Natureza Humana, o que implica o reconhecimento de uma universalidade de base, e que esta é co-emergente com os traços culturais ao mesmo tempo como organizações defensivas e como emergências do vivenciado. Explicitando, a nosso ver, as concepções de mal estão relacionadas a um tempo com a relação do homem com o seu meio

²⁶op.cit., p.371

²⁷G.Devereux, 1977, *Essais d'Ethnopsychiatrie Générale*, p.371

envolvente e com as suas vivências interiores relativas aos seus impulsos e a outras percepções de origem orgânica e psíquica.

Isto significa que quando pensamos estudar o homem, e uma vez que podemos tomá-lo de perspectivas muito diversas temos à partida de fazer uma escolha, temos de operar uma tomada de decisão que implica optar de entre as várias perspectivas por aquela que mais se aplica ao nosso objecto de estudo. Estes aspectos de ordem mais metodológica discuti-los-emos no capítulo que se segue.

III - METODOLOGIA

Com base nos pressupostos anteriormente enunciados estudámos uma das preocupações mais constantes do Homem e de cada ser humano em particular. Assim tivémos forçosamente de pensar o conceito de homem, uma vez que este pode ser tomado de diversos pontos de vista. Foi portanto imprescindível uma tomada de decisão com referência à perspectiva mais pertinente tendo em vista o nosso tema.

É óbvio que o homem pode ser estudado pela biologia se o tomarmos enquanto animal mas não é pertinente que a psicologia o tome nessa perspectiva. Esta terá de encarar como um conjunto de características que pertencem ao Homem e a mais nenhum outro ser vivo ou animal. Assim, o nosso objecto de estudo é o Homem enquanto ser de Cultura, ou seja: enquanto ser que vive dentro da Cultura e a produz, o que implica concebê-lo como produtor de imaginário. Daqui decorreu a definição do nosso objecto de estudo, assim como a decisão acerca dos factos que nos propusémos observar e resolvemos recolher. Também a este nível tivémos de operar uma tomada de decisão porque muitos são os factos que se relacionam com o humano mas nem todos devem ser recolhidos para o nosso estudo.

Será, por exemplo irrelevante do ponto de vista da psicologia recolher as alturas de uma amostra de indivíduos, mas já não será de modo nenhum irrelevante recolher informações acerca de como reage um ser humano à perda de um ente querido, desde que isso não se limite à medição do volume de lágrimas vertido, o que não traria qualquer compreensão acerca do efeito da morte ou da perda na organização psíquica ainda que nós pretendéssemos avaliar a dimensão da dôr.

Em suma; o que precisámos de decidir foi de entre os factos observáveis aqueles que deveriam ser tomados como dados. Estes têm de se relacionar com a natureza do nosso objecto de estudo. Exemplificando; se pretendemos estudar o efeito traumático da morte no ser humano e colhemos dados através de um inquérito em que hipoteticamente fazemos a uma centena de pessoas a pergunta directa, "Acha que a morte é traumática?" e obtemos a quase unanimidade ou mesmo a total unanimidade de respostas negativas, não podemos, como psicólogos concluir que a morte não é traumática. É que as pessoas inquiridas, partindo do princípio de que não são todas psicólogas, o que constituiria um erro metodológico, não poderão saber fazer uma tal análise que envolve um diagnóstico. Assim a questão que lhes é posta vai apenas no sentido de colher uma opinião e neste sentido apenas poderíamos obter dados para uma sondagem de opinião.

Daqui decorre que o "facto", neste caso as respostas de que a morte não é traumática, tem de ser atribuído, se o queremos interpretar a um determinado universo do discurso ao qual pertence e que só pode ser considerado como um "dado"

científico dentro desse contexto. Fora dele não tem pertinência científica.

Assim, para o nosso estudo também não teriam qualquer valor científico factos colhidos a partir de questionários fechados cujo tema fosse o mal. Mesmo que perguntássemos directamente aos sujeitos o que é que eles consideram ou sentem como mau.

Foi com base nos pressupostos teóricos explicitados que abordámos o nosso tema (o item cultural Mal). Constituíram o nosso campo de estudo: A Bíblia, a literatura ficcional de horror e a doença.

A nossa amostra é portanto constituída por três discursos: o discurso religioso, o discurso ficcional de horror e o discurso sobre a doença. Estes três discursos, aparentemente de ordens muito diferentes, todos eles focam o item do nosso interesse e em todos, desenvolvendo-se fantasias a esse respeito é possível atingir uma ou várias matrizes a que o item se encontra ligado.

Tomamos aqui o discurso religioso da Bíblia como o representante mais importante e característico da nossa cultura e como tal no sentido de uma construção imaginária, produto dos nossos desejos, conflitos e padecimentos e uma defesa em relação a eles.

É para nós absolutamente irrelevante o facto de não sabermos quem foi ou quem foram os seus autores, uma vez que esse desconhecimento não obsteu a que a Bíblia sempre se tivesse constituído como referência fundamental da nossa cultura. Este facto, o de ela sempre ter sido a referência fundamental, é mesmo o mais importante, uma vez que é justamente daí que deriva o seu valor. Tomamo-la pois como o desenvolvimento de uma "teoria" sobre a vida do ser humano. Nela os problemas fundamentais e universais do ser humano são equacionados e são indicadas as vias da sua resolução. Significa isto que os problemas enunciados são os que regularmente emanam directamente da experiência vivenciada e que nela se produzem "soluções" que não são mais do que modos de defesa culturalmente fomentados. Daí que ainda hoje, mesmo em meios laicos se possa encontrar manifestações de concepções que estão na Bíblia. Tomamo-la pois como uma construção imaginária que serve a todos os membros da sociedade por servir a cada um em particular na medida em que cada um pode nela encontrar os seus problemas fundamentais.

O discurso da literatura ficcional de horror foi por nós escolhido por se tratar de uma produção do imaginário saturada em referências ao nosso tema naquilo que ele tem de mais perturbante e arcaico. Abordámo-lo com base num livro de Lovecraft que tem por título "*O Caso de Charles Dexter Ward*". É inegavelmente um produto do imaginário, pois se trata de uma obra de ficção construída a partir de acontecimentos com uma base real (houve, de facto, na Nova Inglaterra, no séc. XVII julgamentos de

feiticeiros, ligados a convulsões político-sociais) a partir da qual se ergue um desenvolvimento ficcional. Revelando o imaginário de Lovecraft é, no entanto, um género literário que embora normalmente considerado de segunda qualidade sempre foi muito expandido o que revela que quem o lê, nele encontra problemáticas e conflitos próprios. Assim, a análise desta obra não tem como objectivo - embora pudesse tê-lo - a análise da concepção de mal em Lovecraft mas antes a análise e delimitação deste conceito neste tipo de literatura e no homem. Não se trata já contudo de um discurso anónimo. Lovecraft existiu e embora pudéssemos ter escolhido outro qualquer autor foi exactamente sobre este que recaiu a nossa escolha.

Howard Phillips Lovecraft é hoje considerado um dos maiores ficcionistas Americanos no domínio do fantástico e do horror.

Nascido em Providence, Nova Inglaterra, a 20 de Agosto de 1890, levou uma vida solitária até que faleceu de cancro e doença de Bright a 15 de Março de 1937 com quarenta e sete anos de idade.

Era o último descendente em linha directa de uma velha família da sua terra natal, na época já em decadência. Muito cedo perdeu o pai na sequência de doença mental severa e viveu com a mãe que também sofria de perturbações psíquicas, até à morte desta em 1921.

Em pequeno terá sido uma criança peculiar. Muito sensível e enfermiço, sofreu de alergias e pesadelos desde muito cedo. Precoce, aprendeu a ler aos quatro anos e preferia o estudo e a companhia dos adultos à dos seus pares. A mãe, porque o convencera de que era feio ou porque temesse pela sua saúde afastava-o do contacto dos outros. De resto, razões de saúde impediram-no de frequentar um "college" como seria natural num jovem da sua época e meio social. Começou cedo a escrever e durante a adolescência imitava o estilo de E.A.Poe por quem nutria admiração.

Depois da morte da mãe casou com uma mulher mais velha e durante os dois anos que durou o casamento habitou em Nova York. Quando se separou amigavelmente voltou para Providence onde viveu primeiro com duas velhas tias e depois sózinho até ao fim dos seus dias.

Tendo fracos recursos económicos não consegue dedicar-se ao jornalismo profissional e vê-se forçado a revêr artigos de outros para publicação. Embora gradualmente se comece a dedicar à sua própria poesia e ficção, escreve também artigos de astronomia, ensaios científicos e literários que todavia só consegue publicar como membro de sociedades de jornalismo amador. Durante a sua carreira de ficcionista, que só durou dezasseis anos, manteve-se quase desconhecido. Publicava unicamente na revista *Weird Tales* que era lida por um pequeno número de apreciadores do género literário a que se dedicava, considerado de segunda ordem.

Mantinha correspondência com um grupo de leitores e escritores de literatura fantástica que mais tarde foi chamado o "Círculo de Lovecraft" mas que na sua maioria não conhecia senão como correspondentes. Mandava-lhes comentários, críticas e conselhos para os seus trabalhos, estimulando-os mesmo a escrever à sua maneira. Tinha um estilo pessoal que era admirado e até copiado por muitos deles que o tomavam como figura de culto já no fim da sua vida.

O imaginário das suas histórias fantásticas, que ia colher a livros versando o sobrenatural, os cenários que por vezes colhia dos seus pesadelos e as figuras grotescas e bizarras que criara para provocar o horror pareceram a muitos críticos tão excessivos que o acusaram de, tendo uma "mente doente" produzir uma "escrita doente" ou de "mau gosto e má arte". Os editores não se interessavam pelos seus trabalhos mas, provavelmente por defesa, Lovecraft dizia desprezar o sucesso comercial porque um verdadeiro *gentleman* só devia escrever como amador, condição essencial para se manter livre de constrangimentos.

De certo modo assumia-se verdadeiramente como um velho *gentleman* mesmo quando ainda jovem. Tinha admiração por tudo o que era inglês, cultivava o sotaque britânico, apreciava quanto fosse antigo, manifestava predilecção acentuada pelo século XVIII, que achava superior ao actual, e apesar de ter uma grande preocupação com o envelhecimento, aos trinta anos começou a assinar as suas cartas com "*Grandpa*". Os seus gostos, preocupações e até algumas particularidades, estão de facto patentes na sua ficção.

Só em 1962 foi pela primeira vez publicada uma colectânea de contos de Lovecraft.

Ora é justamente este facto que nos parece relevante. O autor sofreu durante toda a sua vida e depois da sua morte de uma marginalização só justificável pelo tema que trata e pelo modo como o trata. Ele levantou o véu e mostrou aquilo que costuma estar velado, encoberto, até ignorado. Foi exactamente isto que apoiou o nosso interesse: o facto de ele falar de qualquer coisa que só não é maldita, porque não chega sequer a ser dita. O mal é por ele tratado não de um ponto de vista moral como algo que se opõe ao bem mas como qualquer coisa anterior a isso, qualquer coisa muito mais confusa e assustadora. Entendemos portanto que através de Lovecraft iríamos descobrir aquilo que está mais profundamente escondido e é mais maciçamente rejeitado.

Finalmente no que respeita à doença, frequentemente encarada como um mal ou como uma consequência deste, entendemos dever escolher aquela que é hoje mais problemática do ponto de vista orgânico e consequentemente do ponto de vista psicológico: a infecção pelo vírus HIV. Na verdade não nos propomos estudar a doença em si, mas a reacção psicológica do indivíduo afectado, ou melhor, os movimentos

psicológicos de fundo que ela provoca no sujeito infectado, através do seu discurso.

O discurso de pacientes seropositivos foi assim colhido com o objectivo de obter fantasias relacionadas com o mal a níveis que supunhamos como provavelmente muito diversos dos encontrados nos discursos anteriores, uma vez que estes estão perante uma experiência concreta, vivida em primeira mão e emanando do corpo.

Os investigadores no campo da seropositividade são unânimes em afirmar que a tomada de conhecimento do diagnóstico é traumática por, tratando-se de uma afecção letal, colocar a morte no horizonte próximo do paciente. Tanto bastaria para que o imaginário dos seropositivos se revestisse de interesse para o nosso trabalho. Mas além disso, o facto de a seropositividade ser sexualmente transmissível, liga-a a um domínio electivo do proibido. Estas razões e ainda o facto de a infecção impôr limitações importantes à vida do sujeito propiciariam o aparecimento de fantasias relacionadas com o mal e que seriam de uma necessidade vital do ponto de vista defensivo.

Para colher os nossos dados, utilizámos entrevistas em profundidade, uma vez que o nosso objectivo era, como já referimos, não o estudo da doença, mas a auscultação dos movimentos de profundidade que ela provocaria. Nessas entrevistas que figuram em anexo, procurámos que os sujeitos abordassem as suas vivências referentes à doença, à morte, à identidade física e psíquica e à relação com os outros.

Recolhêmo-las e gravámo-las em meio hospitalar mediante a obtenção da anuência do paciente que nem sempre conseguimos. Decorreram de início numa sala do pavilhão de doenças infecto-contagiosas do Hospital Egas Moniz, pouco apropriada para o efeito por se tratar de uma sala de aulas, demasiado grande e pouco acolhedora, não favorecendo a intimidade, tanto mais que por vezes havia interrupções que podiam ser sentidas como intrusivas. Mais tarde, numa segunda fase e no serviço de doenças infecto-contagiosas do Hospital Militar as entrevistas já decorreram num gabinete médico mais propício à relação dual.

Contudo um problema que alguns dos pacientes levantaram foi o da confidencialidade que os preocupava, uma vez que todos sabiam existir no hospital uma psicóloga que atendia seropositivos. Este receio terá influído no material recolhido assim como nas recusas que alguns dos pacientes fizeram a ser entrevistados ou a que a entrevista fosse gravada.

O tempo de duração de cada entrevista oscilou entre os quarenta e cinco minutos e a quase hora e meia, mas decidimos não seguir uma norma rígida a este respeito porque certos pacientes revelavam mais resistências que outros. Aliás, como pode verificar-se, nestas entrevistas predomina a restrição.

Os indivíduos que auscultámos pertenciam a uma população de seropositivos para o HIV, masculinos e homossexuais com idades compreendidas entre os vinte e dois

e os trinta e seis anos e informados quanto ao seu diagnóstico. De entre as entrevistas efectuadas escolhemos apenas cinco que nos pareceram mais ricas. Essas cinco entrevistas constituem o discurso dos seguintes indivíduos: Sujeito A, de trinta e seis anos de idade, homossexual, funcionário administrativo, cujas habilitações literárias eram o ciclo preparatório; Sujeito B, de trinta e três anos de idade, homossexual, analista de laboratório, licenciado; Sujeito C, de vinte e dois anos de idade, homossexual, a cumprir o serviço militar e licenciado; Sujeito D, de trinta anos, homossexual, licenciado; Sujeito E, de trinta e três anos de idade, homossexual, militar, com o nono ano como habilitações. Apesar de estarmos a identificar estes sujeitos concretos pensamos que é absolutamente irrelevante para o nosso trabalho quem eles sejam, uma vez que não temos como objectivo o seu estudo nem sequer o estudo da doença. Pretendemos sim, como já referimos, auscultar os movimentos de profundidade que neles ocorreram ao impacte do diagnóstico. Pela mesma razão escolhemos apenas cinco de entre as entrevistas. As entrevistas excluídas não continham fantasias que não estivessem já contidas nas que apresentamos e não tem para nós qualquer interesse saber se um grande ou um pequeno número de indivíduos encara a doença ou a morte como punição, uma vez que se um só indivíduo formular essa ideia isso torna-se um dado em si mesmo interessante do ponto de vista psicológico pois de imediato podemos partir do princípio de que uma tal possibilidade existe e que esse dado pode voltar a ocorrer. Do nosso ponto de vista, se queremos estabelecer relações que permitam a compreensão de fenómenos não tem interesse um grande número de observações, pois a análise em profundidade de um fenómeno pode permitir uma maior compreensão que a análise superficial de um grande número de casos. G. Devereux defende esta mesma tese com base na hipótese ergódica, que postula que podemos obter os mesmos resultados atirando ao ar simultaneamente um número infinito de moedas ou atirando uma só moeda um número infinito de vezes. Do seu ponto de vista, quando se trata de um fenómeno do domínio humano, tanto podemos analisar um grande número de factos relativamente superficiais como analisar profundamente um caso singular

Esta concepção só tem evidentemente sentido quando tomamos por base a ideia da "Natureza Humana" como um fenómeno universal. Neste caso tanto valor tem o questionamento de um grande número de sujeitos quanto a um determinado item cultural como a observação e análise de um só sujeito em profundidade. Mais do que analisar o discurso de um grande ou de um pequeno número de sujeitos ou de ocorrências, o que nos parece importante é ter em conta todas ou o maior número possível de matrizes em que um item cultural está presente.

Isto justifica o facto de ao apresentar apenas cinco entrevistas termos excluído

muitas mais. É que nas que não apresentamos em anexo verificou-se o facto de mais dominar a restrição e de não estarem presentes fantasias que não se encontrassem nas que escolhemos. O facto de as entrevistas serem restritivas é por si só um dado importante que como tal deverá ser considerado. Para além disso, sublinhamos que se certos factos ocorrem apenas, uma vez nem por isso podem deixar de constituir dados. Uma ocorrência, por si só constitui um fenómeno importante que deveremos tomar como dado porque a sua existência ao impôr-se força a admissão da possibilidade de nova ocorrência. Uma vez surgido um fenómeno ele torna-se possível dentro da estrutura de funcionamento humano.

Isto justifica também que nós tenhamos utilizado três discursos de ordens diferentes que igualmente tomámos por amostra.

A análise que faremos deste material baseia-se nos pressupostos já enunciados tendo em conta que as matrizes postas a descoberto nos diversos discursos (religioso, ficcional e entrevistas), certamente com graus de desenvolvimento desigual devido em parte ao tempo de elaboração, só podem ser encontradas se os respectivos discursos forem analisados ao nível latente. Posteriormente tentaremos comparar as matrizes encontradas de modo a estabelecer equivalências e diferenças a que será preciso dar coerência.

IV - DISCURSO I- A BÍBLIA E O(S) MAL(ES)

1. O Antigo Testamento e a relação entre sofrimento e pecado

Na tradição Judaico-Cristã de que a Bíblia é o representante cultural fundamental, várias noções do mal de diversos níveis se entrecruzam e interpenetram.

Surge como evidente a um nível superficial o sofrimento em geral e o sofrimento físico em particular como uma das formas de mal. Mas este mal de que o homem padece, resulta quase sempre, dum outro mal, de que o próprio homem é o agente: o pecado.

O primeiro princípio revelado a Israel no Antigo Testamento é exactamente o de que existe uma relação entre o sofrimento e o pecado; ou seja, o de que na essência, só existe um mal: o pecado e as consequências que dele derivam. O pecado fundamental é a rebelião contra a lei de Deus. Nos Livros dos Juízes, de Samuel e dos Reis é reiteradamente afirmado que a felicidade ou a infelicidade e o sofrimento do povo de Israel, assim como do ser individual, não apenas, dependem mas residem na obediência ou desobediência a Jeová.

"O Senhor tornou a aparecer a Salomão, como lhe tinha aparecido em Gibeon. E o Senhor lhe disse: Ouve a tua oração, e a tua súplica que suplicando fizeste perante mim; santifiquei a casa que edificaste, a fim de pôr ali o meu nome para sempre: e os meus olhos e o meu coração estarão ali todos os dias. E se tu andares perante mim como andou David teu pai, com inteireza do coração e com sinceridade, para fazeres segundo tudo o que te mandei, e guardares os meus estatutos e os meus juízos. Então confirmarei o trono do teu reino sobre Israel para sempre, como falei acerca do teu pai David, dizendo: Não te faltará varão sobre o trono de Israel: Porém se vós e vossos filhos, de qualquer maneira vos apartardes de mim, e não guardares os meus mandamentos e os meus estatutos, que vos tenho proposto, mas ordes e servirdes a outros deuses e vos curvades perante eles, então destruirei Israel."

(Primeiro Livro dos Reis, 9: 2-27)

O mal ou o pecado não reside apenas no afastamento da lei de Deus mas também na submissão a outras leis. Daqui não advém apenas a destruição do povo de Israel mas também a humilhação pública:

"... e Israel será por ditado e mote entre todos os povos.

E desta casa que é tão exaltada todo aquele que por ela passar pasmará e assobiará e dirá: Porque fez o Senhor assim a esta terra e a esta casa?

E dirão: Porque deixaram ao Senhor seu Deus, que tirou da terra do Egito a seus pais e se apegaram a deuses alheios, e se encurvaram perante eles e os serviram: por isso trouxe o Senhor sobre eles todo este mal. "

(idem, 9: 8-9)

Deus é apresentado como uma figura parental que pretende imortalizar-se e glorificar-se através dos seus descendentes. Como tal, os homens têm de se lhe submeter e têm de cuidar em não despertar a sua cólera ao obedecer a outras leis que não a sua. Este pai prepotente que ameaça retaliar parece uma construção do período edipiano. A rebelião contra a sua lei faria pensar num conflito tipicamente edipiano mas esperamos mostrar que as suas raízes são mais antigas.

2. O Génesis e o mal de saber distinguir

No *Génesis* o conceito de mal surge com vários matizes. Se numa primeira abordagem o mal é apenas concebido como o pecado da desobediência, na verdade verifica-se que este pecado é apenas a parte mais superficial de um conjunto de outras concepções que, como veremos, lhe estão subjacentes.

Adão e Eva viviam no Jardim do Éden onde havia tudo o que podiam desejar. As árvores eram belas ao olhar e produziam os frutos necessários à alimentação. *"E o Senhor Deus fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista e boa para comida: e a árvore da vida no meio do jardim e a árvore da ciência do bem e do mal "* (2:9). *"E ambos estavam nus, o homem e a sua mulher; e não se envergonhavam "* (2:25)

O Jardim do Éden representava o estado de fusão com a figura parental, da qual provinha a satisfação plena característica do narcisismo absoluto, se não fosse uma limitação imposta à partida. *"E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore da ciência do bem e do mal d'ela não comerás; porque no dia em que d'ela comeres, certamente morrerás. "* (2:16,17)

O conhecimento estava interdito ao homem. No entanto, este interdito parece mais ser uma limitação decorrente desse estado de fusão e de narcisismo absoluto. Sem a capacidade de distinguir, o homem viveria numa feliz e desinibida dependência a que, por força do seu estado de incompletude, teria de se sujeitar por temor da morte. Surge

assim em primeira linha a morte como o mal único e absoluto.

Mas Adão e Eva pecaram porque a serpente disse à mulher: "*Porque Deus sabe que no dia em que dele (do fruto da árvore do conhecimento) comerdes se abrirão os vossos olhos e sereis como Deus, sabendo do bem e do mal.*" (3:5) O pecado de Adão e Eva foi então o de pretenderem igualar-se a Deus-Pai. A serpente, projecção do sentimento de inferioridade perante a grandeza avara de Deus como figura idealizada e conseqüentemente da inveja do homem ou pelo menos do seu desejo de partilhar da onipotência divina, leva à saída do estado de fusão e de satisfação narcísica. Depois de ambos terem comido do fruto da árvore do conhecimento "*foram abertos os olhos e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira e fizeram para si aventais.*" (3:7)

A inocência deu lugar ao pudor. Tinha-se quebrado o estado de plenitude narcísica. Quando Deus o chama, Adão responde: "*Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me*". (3:10) Pela primeira vez o homem se vê nu, separado de Deus e desprotegido. Por isso tem de cobrir a sua nudez.

Adão temeu porque, tendo atingido o conhecimento, a capacidade de distinguir, passou a considerar a sua nudez vergonhosa. Encontrava-se agora exposto perante Deus e temia e escondia-se. Deus começa a adquirir aos olhos de Adão um carácter persecutório. O castigo que se sucedeu ao erro foi para a mulher a dor na concepção e a submissão ao homem e para o homem a necessidade de trabalhar para se alimentar. Mas não foram apenas Adão e Eva os punidos. Com eles foram punidos todos os homens e mesmo a terra foi considerada maldita. O seu erro propagou-se a toda a terra. O mal, que agora é não apenas a morte mas também a dor física e o sacrifício, é visto como qualquer coisa que se contagia e propaga indefinidamente. O desejo de sair do estado de dependência e plenitude narcísica trouxe como consequência a necessidade do sacrifício e da dor. Estas consequências de tão penosas, têm de ser justificadas e são-no através da punição. Mas como Deus continua a ser visto como figura idealizada, muito distante do homem na sua grandeza, agora com carácter punitivo, as consequências que se sucederam à aquisição da capacidade de distinção, são agora vistas como uma punição da arrogância humana.

Esta arrogância de quererem igualar-se a Deus, vista como essencialmente má, implicou, novamente como punição, a imposição de outros limites.

"Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de Nós, sabendo o bem e o mal; ora, pois, para que não estenda a sua mão e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente:

O Senhor Deus, pois o lançou fora do Jardim do Éden, para lavrar a terra de que

fora tomado.

E havendo lançado fora o homem pôs querubins ao oriente do Jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida."

(3:22-24)

Deus é visto como cruel e avaro por impôr uma separação ainda maior entre si e os homens, não partilhando com ele os seus poderes. Mas além disso Deus parece aqui ter adquirido definitivamente já não o carácter de uma figura parental indiferenciada mas de uma figura inequivocamente paterna que impede ao homem o acesso à fonte primordial da vida que lhe pertence em exclusivo. Deixa então de ser possível ao homem conceber o infinito da imortalidade que continua no entanto a ser atribuída a Deus.

Se o mal é, a um nível superficial ou super estrutural, a desobediência a Deus, a um nível mais profundo encontram-se no *Gênesis* várias outras noções de mal que se sobrepõem numa linha de aparente coerência genética em que umas dão lugar e propiciam as outras sem nunca verdadeiramente as que se seguem anularem as que as precedem. Assim, se à partida encontramos a morte como o primeiro mal, o único e mais temido pelo homem, logo a seguir encontramos a ideia de não partilha das capacidades divinas e o sentimento de inveja que ela desencadeia como mau. Explicitando; é mau o sentimento de inferioridade, sendo que essa inferioridade é ao mesmo tempo uma exclusão e é má a própria inveja que acentua o fosso entre o homem e Deus. Deus é visto como avaro mas o sentimento de perda, de desamparo, conduz à concepção de que não é Deus que é avaro e sim o homem que é arrogante. A capacidade de distinguir traz consigo a capacidade não apenas de reconhecer a diferença dos sexos mas antes disso, como infra-estrutura, a capacidade e a necessidade ainda mais acentuada de separação entre o Eu e o Outro com o correlativo sentimento de estar desprotegido perante as intrusões agressivas do Outro. Este sentimento de extrema fragilidade é também sentido como um mal. A par deste desamparo surgem dois males também eles correlativos da saída do estado de narcisismo: a necessidade de suportar a dor física e a obrigatoriedade de suportar o sacrifício do trabalho para provêr à subsistência, o que em sentido lato significa ter de suportar também a frustração inerente à espera. Finalmente surge como mal o desejo de ter acesso à árvore da vida que é punido com a definitiva expulsão do paraíso a que só Deus passa a ter acesso. Esta manutenção do desejo de fusão com a figura materna implica a expulsão definitiva de que o homem irá sofrer eternamente. É certo que o homem adquire entretanto a capacidade de criar mas esta não é equivalente à de Deus pois implica grande sofrimento da parte do homem. A

dôr (do parto) lembra à mulher que concebe e cria assim como o sofrimento do trabalho lembra ao homem que, podendo fazer algo que se assemelhe à obra de Deus não o podem fazer sem esforço como ele o fez. Porque Deus deu vida ao homem num só instante e apenas soprando nas suas narinas e plantou o Jardim do Éden sem o suor do seu rosto.

Completa-se assim um círculo vicioso que começa com um prelúdio de separação traduzido na ideia de que Deus concebido como figura parental idealizada não partilha tudo com os seus filhos e se completa com a ideia de que Deus impõe novas diferenças sentidas como limitações. A maior limitação é a da morte que não pode ser controlada pelo homem. Esta sobrevém apesar dos esforços do homem que luta pela sobrevivência à custa do suor do seu rosto. O desejo de imortalidade transforma-se apenas num adiamento da morte.

Insinua-se assim, progressivamente, a atitude de submissão que imprime à concepção de mal um cariz moral. É preciso viver na observância da lei de Deus para evitar os males, quaisquer que eles sejam. É preciso recuperar o estado de fusão com Deus para recuperar o estado idealizado de narcisismo absoluto. Por isso é mau, essencialmente mau, viver arredado da lei de Deus. E é mau o sofrimento, o sacrifício, a dôr. Todos estes males teriam resultado da separação de Deus responsável pela perda do bem estar absoluto.

O passado é concebido sem sofrimento de qualquer espécie. O passado é o Jardim do Éden onde imperava a harmonia perfeita porque Deus supria todas as necessidades e satisfazia todos os desejos.

Esse estado de equilíbrio absoluto foi rompido e para o readquirir é preciso seguir a palavra de Deus. O Antigo Testamento está repleto de narrativas demonstrando como o mal se abate sobre os que não seguem a palavra de Deus ou sobre aqueles que hostilizam os seus protegidos.

3. Jeremias e a projecção dos maus

Gradualmente, vai-se delineando, a par da necessidade da protecção da figura parental a necessidade de separação entre aquilo que é sentido como bom e o que é sentido como mau.

Jeremias ergue o seu lamento:

" Justo serias, ó Senhor, ainda que eu entrasse contigo num pleito: contudo falarei contigo dos teus juízos. Porque prospera o caminho dos ímpios, e

vivem em paz todos os que cometem o mal aleivosamente?

Plantaste-os, e eles arraigaram-se; avançam, dão também fruto: chegado estás à sua boca, mas longe dos seus rins. Mas tu, ó Senhor, me conheces, tu me vês, e provas o meu coração para contigo "

(Livro de Jeremias, 12:1-3)

Jeremias, perspectivando a razão de ser da sua vida em função de Deus, manifesta uma impossibilidade de viver só, sem laços de dependência e portanto uma impossibilidade de conceber a noção de acaso que só existiria sem uma figura tutelar. Está patente a ideia de um Deus Pai que deveria amá-lo e protegê-lo mas o abandona. Ora esta negação do acaso leva-o a interrogar-se acerca da justeza da justiça divina e da sensatez dos seus actos. Mas mais do que isso observam-se dois outros movimentos; por um lado deixa de existir apenas o mal que é sentido interiormente para passarem a existir os maus, testemunhando assim da necessidade de projecção. Por outro lado a necessidade de dar coerência ao mal que parece incompreensível e posto que uma das componentes de Deus enquanto figura parental idealizada continua a ser a da onipotência a projecção leva a atribuir a Deus a responsabilidade da existência dos maus. Pertence também a Deus a responsabilidade da indistinção entre os bons e os maus assim como da indistinção entre o bom e o mau vistos como dimensões do vivenciado internamente. Isto significa que embora apenas ao de leve é atribuído a Deus enquanto figura parental um carácter também maléfico que no entanto não se mantém.

Tendo projectado o mal e sentindo-se abandonado por Deus, Jeremias sente-se não apenas desprotegido mas também perseguido pelos maus. É quando vai a Pashur fazer profecias que sofre maus tratos.

"E feriu Pashur ao profeta Jeremias e o meteu no cepo..." (20:2)

Jeremias volta a acusar o Senhor:

" Iludiste-me, ó Senhor, e iludido fiquei; mais forte foste do que eu, e prevaleceste: sirvo de escárnio todo o dia; cada um deles zomba de mim. Então disse eu: Não me lembrarei dele, e não falarei mais no seu nome; mas isso doi no meu coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; e estou fatigado de sofrer e não posso "

Decide abandonar Deus como este o tinha abandonado mas a ausência do objecto idealizado tem como corolário um enorme sentimento de fragilidade e uma incapacidade

de lutar contra perseguidores que o invadem e o adoecem física e psiquicamente a ponto de quase se sentir aniquilado. Assiste-se então a uma alternância entre esse sentimento de quase aniquilação e o sentimento de estar com Deus que o protege contra os seus perseguidores. Neles projecta o sentimento que mais o assola de um estado confusional que parece provir da incapacidade de fazer face aos sentimentos de perseguição.

"Mas o Senhor está comigo como um valente terrível; por isso tropeçarão os meus perseguidores e não prevalecerão: ficarão mui confundidos; como não se houveram prudentemente, terão uma confusão perpétua que nunca se esquecerá".

No entanto esta retaliação sobre os inimigos não é eficaz para resolver o problema da exterminação e da expulsão dos males, pois Jeremias não só maldiz o dia em que nasceu testemunhando assim do seu grande sofrimento, como também deseja um regresso ao ventre materno na ilusão de que lá teria paz.

"Maldito o dia em que nasci: o dia em que a minha mãe me deu à luz não seja bendito.

Maldito o homem que deu as novas a meu pai...

Porque não me matou desde a madre? ou minha mãe não foi minha sepultura? ou não ficou grávida perpetuamente?

Porque saí da madre, para ver trabalho e tristeza, e para que se consumam os meus dias na confusão?"

(Livro de Jeremias, 20:7, 9, 11, 14, 15, 17, 18)

4. Malaquias e a separação maus / bons

Em *Malaquias* a mesma questão é posta embora, numa forma inversa. Agora é o Senhor quem acusa, contesta os lamentos e protestos do seu povo e termina ameaçando em caso de desobediência persistente.

"As vossas palavras foram agressivas contra mim, diz o Senhor; mas vós dizeis: Que temos falado contra ti?"

Vós dizeis: Inútil é servir a Deus: que nos aproveitou termos cuidado em guardar os seus preceitos, e em andar de luto diante do Senhor dos Exércitos?

Ora pois, nós reputamos por bem-aventurados os soberbos: também os que

cometem impiedade se edificam; Sim, eles tentam ao Senhor e escapam.

Então aqueles que temem ao Senhor falam cada um com o seu companheiro; e o Senhor atenta e ouve; e há um memorial escrito diante dele para os que temem ao Senhor, e para os que se lembram do seu nome.

E eles serão meus, diz o Senhor dos Exércitos, naquele dia que farei serão para mim particular tesouro; poupá-los-ei, como um homem poupa a seu filho que o serve.

Então vereis outra vez a diferença entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus, e o que o não serve." (3:13-18)

"Porque eis que aquele dia vem ardendo como forno: todos os soberbos, e todos os que cometem impiedade, serão como palha; e o dia que está para vir os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramo.

Mas para vós que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, a salvação trará debaixo das suas asas; e saireis, e crescereis como os bezerros do cevadouro. E pisareis os ímpios, porque se farão cinza debaixo das plantas de vossos pés naquele dia que farei, diz o Senhor dos Exércitos." (4:1-3)

Não só a acusação que em *Jeremias* é feita a Deus em *Malaquias* é devolvida ao homem, o que implica uma capacidade acrescida de aceitação do mal e portanto um sentimento de culpabilidade, como também Deus surge com um carácter eminentemente agressivo como Senhor dos Exércitos e até como vigilante com carácter persecutório indiciando a interiorização da culpa. Ao mesmo tempo anuncia-se a possibilidade de separação entre bons (justos) e maus (ímpios) de facto num futuro longínquo. Deus surge como uma figura a um tempo punitiva para os maus e protectora para os bons como se nele residisse a possibilidade de distinção entre o bem e o mal que lhe era atribuída no passado. Esta distinção operada por esta figura parental idealizada parece retirar a sua relativa eficácia da persistente projecção daquilo que é mau ,uma vez que os ímpios são considerados os outros. O carácter moral que se vai acentuando e que sublinha a oposição entre mal e bem é concomitante com a organização da capacidade de espera e da noção de futuro. No futuro os maus serão destruídos por Deus "*de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramo*", de modo que o mal deixaria de poder proliferar. A sugestão de que os ímpios só prosperam temporariamente e de que os bons têm sempre o maior bem que é Deus testemunha da supremacia da interiorização de Deus como objecto protector que permite suportar a frustração da espera e resistir ao mal.

5. Job e a reparação

No *Livro de Job*, embora de certo modo seja repostado o mesmo problema que aparece em *Jeremias* e *Malaquias*, surgem contudo de modo mais preciso outras facetas. Por exemplo, pela primeira vez é referido Satanás como representante do mal o que sublinha uma verdadeira clivagem entre o bem e o mal. Mas Satanás não é simplesmente mau; ele é, entre outras coisas, maligno.

"... e feriu a Job duma chaga maligna, desde a planta do pé até ao alto da cabeça."

A malignidade de Satanás foi transmitida ao corpo de Job e acaba por lhe corromper também a alma, quando Job em completo desespero começa a amaldiçoar o dia do seu nascimento, a desejar morrer e a acusar a Deus, revoltado com a injustiça que o atingiu. Considera-se um homem recto e pergunta-se por que razão Deus não o protege em vez de fazer cair sobre si estes males. Claramente Job acusa Deus de não o ter protegido, de ter permitido que o mal se insinuasse no seu corpo e na sua alma.

Segue-se uma longa discussão em que Job acusa Deus e os seus amigos o defendem. Mas esta defesa é vã porque Job continua convicto da sua rectidão e inocência assim como da injustiça Divina. Job atingido pelos diferentes males (miséria, doença, desespero e solidão) passa a assumir o papel do opositor a Deus ao mesmo tempo que o conflito se equaciona entre Job e o exterior. Observa-se, tal como anteriormente um círculo em que Job, sentindo-se abandonado, projecta em Deus a sua agressividade, esta retorna sob a forma de ataque por múltiplos objectos que de início eram vistos como amigos mas passam a inimigos. Estava feita a clivagem e a expulsão desses maus objectos, uma vez que pertencendo de início ao mundo interno de Job, estes passam a fazer parte do mundo que se lhe opõe. Verifica-se também alternadamente uma oscilação entre a esperança fruto de união com Deus e as acusações de abandono a par com sentimentos de perseguição.

A doença começa a ser vista em conexão com o mal. Ela é a projecção no corpo dos males da alma. A doença é o resultado do mau procedimento de Job que se afastou da lei de Deus. Pode dizer-se ter sido feita uma inversão e uma regressão de tal modo que o abandono de Deus é agora visto como sendo o abandono de Job e o abandono de Deus põe em perigo a sobrevivência no plano físico.

Elifaz acusa Job:

*"Porventura não é grande a tua malícia, e sem termo as tuas iniquidades?
Porque penhoraste a teus irmãos sem causa alguma, e aos nus despojaste dos
vestidos.
Não deste água de beber ao cansado, e ao faminto retiveste o pão.
Por isso é que estás cercado de laços, e te perturbou um pavor repentino
Ou trevas em que nada vês;..." (22:5-7, 10-11)*

O mal surge assim definido a dois níveis; ele é a doença e assim sendo contagia-se do mesmo modo que Satanás contaminou a Job com a sua malignidade, mas é também a ausência de bem. Esta ausência não é oposição, traduz antes o sentimento de abandono por Deus expresso aqui de outro modo. Tanto assim que a ausência da prática activa do bem por parte de Job aparece ligada ao sentimento de "pavor repentino" ou às "trevas" como se Job não tivesse um bom objecto ao seu alcance.

Também tal como acontece em *Jeremias* Job se sente cada vez mais pequeno face à crescente onipotência de Deus.

No Capítulo 38 Deus fala finalmente com Job mais uma vez para lhe mostrar "*sua grandeza e sabedoria*" ao mesmo tempo que o humilha.

*"Onde estavas tu, quando eu fundava a terra?
Faze-mo saber, se tens inteligência.
Quem lhe pôs as medidas, se tu o sabes? ou quem estendeu sobre ela o cordel?
Ou com o teu entendimento chegaste às larguras da terra? Faze-mo saber, se
sabes tudo isto." (38:4-5, 18)*

Em resposta à dureza do Senhor Job começa a achar-se mau, ele é que por incapacidade e ignorância teria acusado Deus.

*"Eis que sou vil; que te responderia eu?
A minha mão ponho na minha boca." (40:4)*

Depois humilha-se:

*"Bem sei eu que tudo podes, e nenhum dos teus pensamentos pode ser impedido.
Quem é aquele, dizes tu, que sem conhecimento encobre o conselho? Por isso
falei do que não entendia; coisas que para mim eram maravilhosíssimas, e
que eu não compreendia.
Escuta-me, pois, e eu falarei; eu te perguntarei, e tu ensina-me. Com o ouvir*

dos meus ouvidos ouvi, mas agora te vêem os meus olhos.

Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza." (42:2-6)

Job culpabiliza-se por ter agredido a figura parental idealizada e manifesta um desejo de reparação. A sua agressividade é que teria destruído a figura protectora e a tinha transformado em má.

É então explicitada a ideia de que a submissão à Lei de Deus traz todos os benefícios.

"... e o Senhor acrescentou a Job outro tanto em dobro a tudo quanto dantes possuía.

Então vieram a ele todos os seus irmãos, e todas as suas irmãs, e todos quantos dantes o conheceram, e comeram com ele pão em sua casa, e se condoeram dele, e o consolaram de todo o mal que o Senhor lhe havia enviado; e cada um deles lhe deu uma peça de dinheiro, e cada um um pendente de ouro." (42:10-11)

Job que tinha passado por todos os males (isolamento, miséria, doença, desespero) tem agora o contrário de tudo isso (riqueza, bem-estar, reconhecimento social e consolo). Antes tinha sido votado ao terrível mal do abandono por parte de Deus mas agora que aceitava a união e submissão, tudo lhe era oferecido.

Mas ainda um pormenor curioso, é o facto de Deus lhe ter proporcionado riqueza em dobro, reconhecimento social e conforto e finalmente não ser feita qualquer alusão à cura da "chaga maligna" que o atingiu "desde a planta do pé até ao alto da cabeça". Dir-se-ia que após a nova união com Deus desapareceu a fragilidade de Job a todos os níveis mas além disso parece que através da reparação e interiorização da figura parental idealizada e da sua lei deixa de fazer sentido o mal como sofrimento físico para se transferir para um plano psicológico e de cariz moral.

6. O representante do mal

6.1 - As referências ao Diabo

Embora façam parte dos ditos do quotidiano as referências a uma entidade representativa do mal e a tradição Judaico-Cristã tenha o Diabo como espírito supremo do mal, opositor de Deus (enquanto representante do bem) e tentador do homem, no Antigo Testamento são escassas as referências ao Diabo que é também apelidado Satanás.

O *Génesis* faz referência não ao Diabo mas aos Demónios, levando a supôr que seriam vários. Estes Demónios não seriam mais do que anjos, filhos de Deus, que se teriam corrompido, seduzidos pelas filhas dos homens. É assim, sublinhada a essência carnal do mal. No entanto esta ideia não parece aparecer na Bíblia inicialmente e terá sido uma interpretação tardia de certos teólogos preocupados em refrear o impulso sexual numa época em que este ainda era utilizado de forma ritual ligada aos ritos pagãos de fertilidade. De qualquer modo o que nos parece de sublinhar é o facto de inicialmente não existir um demónio mas sim vários, como se se tratasse de objectos clivados ou pelo menos insuficientemente organizados representando os vários impulsos ou sofrimentos difíceis de controlar e compreender.

No Primeiro Livro das Crónicas surge uma referência a Satanás que "*se levantou contra Israel e incitou David a numerar a Israel*" (21:1)

Começa a delinear-se a figura do Diabo como aquele que conduz à prática do mal; que porque foi corrompido por sua vez corrompe. No *Livro de Job*, Satanás é apresentado como um dos filhos de Deus, que como qualquer outro dos seus dependentes vem à sua presença. No entanto, Satanás tenta Deus lançando-lhe um repto e fazendo com ele uma aposta como se de um igual se tratasse.

Satanás assume-se como um igual e opositor de Deus e portanto mal e bem surgem como duas entidades em conflito.

Além disso Satanás é apresentado como um símbolo de perversidade arrogante ,uma vez que ousa tentar corromper até mesmo a Deus.

"E disse o Senhor a Satanás: Observaste tu a meu servo Job? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem sincero e recto, temente a Deus, e desviando-se do mal.

Então respondeu Satanás ao Senhor, e disse: Porventura teme Job a Deus de balde?

Porventura não o cercaste tu de bens a ele, e a sua casa, e a tudo quanto tem?

Mas estende a tua mão e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema de ti na tua face!" (1:8-11)

Satanás opõe-se a Deus mas esta oposição resulta do abandono a que se sente devotado e da clara preferência que Deus revela por outro dos seus filhos. Na verdade, visto por esta perspectiva é o bem que gera o mal, ou formulando a questão em termos de objectos internos, foi a falta do bom objecto idealizado que fez surgir o mau objecto.

Deus aceitou este repto de um Satanás que se mostrava ciumento e permitiu-lhe que tocasse nos haveres de Job.

E aceitou ainda outro repto do qual resultou a terrível doença de Job.

"Então saíu Satanás da presença do Senhor, e feriu a Job dum chaga maligna desde a planta do pé até ao alto da cabeça" (2:7)

No entanto se isto foi possível foi porque Deus o permitiu, sugerindo-se desde modo que Satanás, enquanto personificação do mal, é dependente, inferior ao bem e posterior a este.

Também em *Zacarias*, Satanás surge como o opositor de Deus, mas que é repreendido por este como se de um filho ou subordinado se tratasse (3:1,2)

No *Novo Testamento* multiplicam-se as referências ao Demónio também mais frequentemente denominado Diabo ou Satanás. Deixa de existir uma menção aos demónios para se delinear uma personagem única com vários aspectos indiciando o desaparecimento da clivagem. São-lhe conferidos muitos nomes e epítetos.

No *Evangelho Segundo S. Mateus* no episódio da tentação de Jesus no deserto o Diabo lança-lhe vários reptos e é chamado *tentador* (4:3), no milagre da cura de um cego e mudo é chamado "*Belzebu, príncipe dos demónios*" (12:24) a quem são atribuídos pelos presentes grandes poderes só equivalentes aos de Deus.

"Mas os fariseus, ouvindo isto, diziam: Este não expulsa os demónios senão por Belzebu, príncipe dos demónios". (12:24)

Assim passa a ser conferido a Satanás um poder quase equivalente ao de Deus. Como Deus também ele tem uma horda a segui-lo, não de anjos mas de demónios sobre os quais tem poder.

Na Parábola do Semeador, Jesus chama-lhe "*o maligno*". (13:19). Esta denominação, que se encontra noutros capítulos da Bíblia e nomeadamente no *Livro de Job* salienta o seu carácter pernicioso.

No *Evangelho Segundo S. Lucas* é chamado "*espírito imundo*" (9:42) estabelecendo-se assim uma equivalência entre o mal e a sujidade.

No *Evangelho Segundo S. João*, Jesus chama-lhe "*homicida*" e "*pai da mentira*" (8:44) e no *Apocalipse* é-lhe dado o título de "*anjo do abismo*" e é chamado Abaddon (em hebreu) e Apollyon (em grego) (9:10) que significa destruidor ou "*besta que sobe do abismo*" (11:7) e mais adiante é chamado "*o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo...*" (12:9) ou *falso profeta* (16:13).

Curiosamente passa a ser atribuída a Satanás uma característica que era anteriormente conferida a Deus; a de enganar o homem, como se verifica em *Jeremias* e *Malaquias*. Do mesmo modo lhe é atribuído um carácter agressivo muitas vezes conferido a Deus. Parece portanto progressivamente efectuar-se uma separação entre mal e bem com base nos mecanismos da projecção e da clivagem.

O facto de ao representante do mal serem atribuídos tantos nomes diz bem da sua importância para os homens. No entanto não será apenas a sua importância que está em jogo, uma vez que ao representante do bem, que será igualmente importante, não são atribuídos tantos nomes. Dir-se-ia tratar-se também de uma dificuldade em definir-lhe uma identidade mais concreta, o que aliás está também patente nos múltiplos epítetos que lhe são conferidos. De resto, o facto de, não só os nomes mas também os epítetos, se multiplicarem à medida que se progride na leitura da Bíblia dá a impressão de uma construção na tentativa não só de definir uma entidade representativa do mal como também e através desta construção controlá-la e deste modo confiná-la, conferindo-lhe também um lugar específico. Em suma tudo isto traduz uma grande dificuldade em lidar com os maus objectos e uma necessidade de os controlar e confinar a um contorno e lugar específico e delimitado.

6.2 - A aparência do Diabo

A construção do diabo não se limita ao plano conceptual. Pelo contrário, as projecções que o edificam necessitam de um suporte imagético que também tem uma génese progressiva. Esta parece tender por um lado à organização da imagem mas também a uma simplificação do ponto de vista conceptual que no entanto é compósita.

Vão-lhe sendo atribuídas diversas características psicológicas ou comportamentais assim como diversas aparências ou configurações com cada vez menor profusão de elementos que todavia, pela sua natureza lhe conferem um carácter bizarro.

Assim, no *Génesis* os Demónios eram anjos e será lícito supôr que têm uma

aparência próxima da do homem. No entanto para alguns teólogos a serpente que tentou a Eva era já uma representação de Satanás.

É no *Apocalipse* que da visão de S. João nos são oferecidas as mais prolixas representações do Diabo. Nele o representante do mal surge ora como dragão, ora como serpente mas pode assumir configurações diversas como se tivesse o poder de engendrar mutações. Na *Segunda Carta de S. Paulo aos Coríntios* "o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz" (11:14) o que torna mais difícil a sua identificação, como se facilmente pudesse confundir-se o mal e o bem.

No *Apocalipse* ao toque da quinta trombeta o anjo abre o poço do abismo e dele sai fumo e do fumo gafanhotos que podem ser vistos como representações de Demónios.

"E do fumo vieram gafanhotos sobre a terra; e foi-lhes dado poder, como o poder que têm os escorpiões da terra" (9:3)

"E foi-lhes permitido, não que os matassem (aos homens), mas que por cinco meses os atormentassem;..." (9:5)

"E o parecer dos gafanhotos era semelhante ao de cavalos aparelhados para a guerra; e sobre as suas cabeças havia como corôas semelhantes ao ouro; e os seus rostos eram como rostos de homens.

E tinham cabelos como cabelos de mulheres, e os seus dentes eram como de leões.

E tinham couraças como couraças de ferro; e o ruído das suas asas era como o ruído e carros, quando muitos cavalos correm em combate.

E tinham caudas semelhantes às dos escorpiões, e aguilhões nas suas caudas; e o seu poder era para danificar os homens por cinco meses.

E tinham sobre si rei, o anjo do abismo..." (9:7-11)

"E viu-se outro sinal no céu; e eis que era um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre as suas cabeças sete diademas.

E a sua cauda levou após si um terço das estrelas do céu..." (12:3, 4)

"E eu puz-me sobre a areia do mar, e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças um nome da blasfémia.

E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés como os de urso, e a sua boca como de leão..." (13:1,2)

"E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro; e falava como o dragão." (13:11)

Da primeira até à quarta representação do Diabo assiste-se a uma simplificação dos seus elementos constitutivos, no entanto verifica-se que estas representações são compósitas não sendo assim possível definir claramente a sua identidade. Estas configurações do Diabo fazem dele um objecto bizarro, aterrador e hediondo. São imagens em que se recorre a um exagero de informações demasiado impressionantes dos órgãos dos sentidos por um lado; e, por outro há a junção de uma série de elementos sensoriais que pertencem a reinos diferentes e que ao aparecerem conjuntamente provocam um estado confusional e uma atitude imediata de repúdio. Ora se esta junção parece incoerente ao nível do conceptual colhe contudo a sua coerência ao nível do vivenciado. Todas estas imagens, produto do imaginário de S. João resultam da projecção dos vários temores arcaicos num mundo interno e externo em que ainda não existe a capacidade de distinguir. São também o repositório de um conjunto de traços de experiências afectivas que impossíveis de organizar de forma coerente e compreensível do ponto de vista cognitivo guardam um carácter de irracionalidade.

Assim, o carácter contraditório ou mesmo paradoxal de gafanhotos que têm rostos humanos e montam cavalos como homens, ou de bestas que têm sete cabeças encimadas por diademas como reis, e outros tantos exemplos semelhantes não exprimem qualquer realidade visual percebida, mas antes um sentimento evocado de horror face àquilo que é sentido como desordenado e impossível de ordenar.

6.3 - *A identidade subjectiva do Diabo*

A par desta aparente simplificação em termos visuais observa-se um progressivo amontoar de características subjectivas em termos de ser e de fazer que parecem conduzir a uma definição da entidade em termos já não de aparência mas sim de essência.

Ele é visto como aquele que corrompe e perverte logo desde o *Génesis*.

É visto como arrogante em relação a Deus (Job, 1:8-11), classificado como *maligno* (S. Mateus, 13:19), *astucioso* (Coríntios II, 11:3), *homicida* e *pai das mentiras* (S. João, 8:44), como *espírito imundo* (S. Lucas, 9:42) ligando-se assim o mal à sujidade.

Assim parece um amontoar compósito de características que se referem a

vivências já ultrapassadas e que vimos definidas repetidamente no *Gênesis*, em *Jeremias*, em *Malaquias* e em *Job*. Nestes capítulos da Bíblia essas características aparecem como pertencentes ao homem ou a Deus enquanto figura parental idealizada. A identidade subjectiva do Diabo é assim um conjunto de características inerentes aos diversos movimentos organizadores da dinâmica interna ao homem, todas elas de sentido negativo.

6.4 - *O estatuto do Diabo*

Isto mesmo se verifica no espaço que é geralmente atribuído ao Diabo ou no modo como exerce os seus poderes.

Em *Zacarias* o Diabo ocupa um lugar no espaço com referência a um representante de Deus.

"E me mostrou o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do Anjo do Senhor, e Satanás esta à sua mão direita, para se lhe opôr" (3:1)

Por outro lado, nas visões de S. João o representante de Satanás, qualquer que seja a sua aparência, existe sempre num lugar profundo e inferior: sobe do "*poço do abismo*", sobe da terra ou do mar.

Não só o mal se organiza por oposição ao bem como também lhe é atribuído um espaço inferior, escondido, dificilmente atingível, o que parece natural tendo em conta que todos os movimentos ao longo do desenvolvimento vão no sentido de o pôr à distância.

6.5 - *O mal, o escuro e o sujo / o bem, o claro e o limpo*

Ele está ligado a um mundo subterrâneo e escuro. O domínio do mal é o domínio das trevas.

"... os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más.

Porque todo aquele que faz o mal aborrece a luz, e não vem para a luz..."

(João, 3:19, 20)

É também o domínio da imundície. Em contrapartida Deus, Cristo ou os Anjos

surgem vestidos de branco e rodeados de ouro:

"E no meio dos castiçais um semelhante ao Filho do homem, vestido até aos pés de um vestido comprido, e cingido pelos peitos com um cinto de ouro.

E a sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve, e os seus olhos como chama de fogo;

E os seus pés semelhantes a latão reluzente, como se tivessem sido refinados numa fornalha, e o seu rosto era como o sol quando a sua fora resplandece"

(Apocalipse, 1:12-16)

Esta ligação ao subterrâneo e o escuro parece para além do que já anteriormente referimos uma maneira de exprimir o obscuro, no sentido do que não se vê bem porque não é suficientemente delimitável ou compreensível.

E mais adiante, na carta à igreja de Sardo:

"Mas também tens em Sardo algumas pessoas que não contaminaram os seus vestidos, e comigo andarão de branco; porquanto são dignas disso."

(Apocalipse, 3:4)

Na visão do trono da majestade divina, em redor do trono também estavam

" vinte e quatro anciãos vestidos de vestidos brancos; e tinham sobre as suas cabeças corôas de ouro."

(Apocalipse, 4:4)

O mal é qualquer coisa que se contamina.

6.6 - O mal e a doença

É também estabelecida, múltiplas vezes, uma ligação entre o mal e a doença física ou psíquica. No *Livro de Job*, Satanás fere *"Job numa chaga maligna desde a planta do pé até ao alto da cabeça"* (2:7) e no *Evangelho Segundo S. Lucas* o demónio apodera-se do *"jovem lunático e adoece-o"*.

"Eis que um espírito o toma, e de repente clama, o despedaça até escumar; e só o

larga depois de o ter quebrantado".

Traze-me cá o teu filho (diz Jesus).

E, quando vinha chegando, o demónio o derribou e convulsionou; porém Jesus repreendeu o espírito imundo, e curou o menino e o entregou a seu pai."

(9:39-42)

Esta relação parece ter origem na falta de distinção entre o domínio físico e o psíquico, mas representará também o sentimento de desamparo característico dos primeiros tempos de vida que, na falta de meios psíquicos suficientes, se traduz ao nível físico, quando a ideia do abandono por parte do objecto parental faz temer a morte.

6.7 - O mal e a sexualidade

É também estabelecida uma relação entre o mal e a sexualidade, logo a partir do Génesis.

" E acontece que, como os homens se começaram a multiplicar sobre a face da terra, e lhes nasceram filhas;

Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram.

Então disse o Senhor: Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem; porque ele também é carne: porém os seus dias serão cento e vinte anos..

E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicará sobre a terra e toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente." (6:1-5)

Mas é no *Novo Testamento* que mais se evidencia a relação entre o mal e a sexualidade, particularmente na *Epístola de S. Paulo aos Romanos*.

"Não reine portanto o pecado em vosso corpo mortal, para lhe obedecerdes em suas concupiscências." (6:12)

"Porque bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado." (7:14)

"Porque eu sei que em mim, isto é, na minha cama, não habita bem algum: e com e feito o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem.

Porque não consigo realizar o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço.

Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim.

Acho então esta lei em mim; que quando quero fazer o bem, o mal está comigo.

Porque segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus;

Mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, em me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros."

(7:18-23)

S. Paulo é quem mais desenvolve a ideia de que o mal reside no impulso carnal e nas acções que derivam dele mas que esse mal não é qualquer coisa de exterior. Antes vivia com o homem devido à sua componente carnal.

Mais ainda, opera uma nítida clivagem entre o corpo de pecado e alma devotada ao bem. Contudo, ainda que queira fazer o bem não o consegue porque o mal está consigo.

Em suma: é o corpo que corrompe a alma, sendo que esta se orientaria para o bem, não para a carne onde "*não habita bem algum*".

Esta clivagem entre corpo e alma permite fazer também a clivagem entre mal e bem e entre a morte e a vida, uma vez que "*... a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do espírito é vida e paz.*" (8:6); "*Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas se pelo espírito mortificardes as obras do corpo vivereis.*" (8:13)

O que agora é concebido como mau é tudo aquilo que pertence ao domínio dos impulsos, tudo o que liga o homem ao mundo animal e natural e que ao longo do desenvolvimento se vai modulando ou na impossibilidade de o fazer se vai recalçando ou clivando.

No *Apocalipse*, a última e porventura a mais impressionante representação do mal é a grande prostituta cavalgando o demónio.

"E levou-me em espírito a um deserto, e vi uma mulher assentada sobre uma besta de côr escarlata, que estava cheia de nomes de blasfémia e tinha sete cabeças e dez chifres.

E a mulher estava vestida de púrpura e de escarlata e adornada com oiro, e pedras preciosas e pérolas; e tinha na sua mão um cálice de oiro cheio das abominações e da imundície da sua prostituição;

E na sua testa estava escrito o nome Mistério, a grande Babilónia, a mãe das prostituições e abominações da terra." (17:3-5)

Este quadro, figuração aparente da cena primitiva quando vista por olhos infantis, provoca a impressão forte não só de estar fortemente imbuída de agressividade mas também de excessivo. Só no fim do novo testamento como só numa época relativamente tardia do desenvolvimento o problema da cena primitiva é visto exactamente como um problema quando adquire um carácter traumático devido à dificuldade não só de controlar o impulso sexual como ao sentimento de exclusão que a cena desencadeia.

V - DISCURSO II- O MAL NA LITERATURA.

1. O Caso de Charles Dexter Ward

O nosso interesse por esta peça literária de H. P. Lovecraft radicou-se no facto de este autor não se limitar a abordar o tema dum ponto de vista moral, como veremos.

No Caso de C.D. Ward para além da história que é contada, da descrição dos factos e do seu encadeamento encontramos o que cada observador pensa e sente em relação aos fenómenos descritos. O autor força-nos a um vai-vem constante entre uma atitude objectiva e racional e uma atitude subjectiva de afundamento na emoção que transborda e produz fantasias arcaicas aterradoras.

À primeira vista, dir-se-ia que Lovecraft tem por objectivo descrever um caso clínico. Charles Dexter Ward é apresentado a partir de um acontecimento factual, são descritas as observações de diversas personagens intervenientes na história que se relacionaram com ele e até nos é apresentada uma tentativa de diagnóstico, uma explicação etiológica e um prognóstico. Mas também nos são referidas as emoções que Charles e os fenómenos que desencadeou ou de que fez parte, provocaram à sua volta.

Em torno da personagem de Ward, como outrora do seu antepassado Joseph Curwen paira a ambiguidade e a dúvida. Charles é ao mesmo tempo um louco e uma figura sinistra, sem que nos seja possível tomar uma posição definitiva acerca dele. Não podemos nunca decidir se ele é mais louco do que sinistro ou mais sinistro do que louco, razão pela qual não podemos deixar de nos inquietar. O mesmo acontece com toda a construção do livro que capítulo a capítulo é um amontoar de factos mencionados como objectivos, tidos como concretos, presenciados por várias testemunhas, a par de emoções de grande intensidade e quase sempre negativas. Este processo de construção, de balanceamento entre o racional objectivo e o subjectivo emocional adivinha-se logo nos títulos de cada um dos capítulos (ex. Cap. II - *Antecedentes e Horrores*, Cap. III - *Pesquisa e Evocação*, Cap. IV - *Transformação e Loucura*). No interior do texto esse balanceamento é constante. Lovecraft não nos fornece nunca uma explicação coerente para os factos que nos são apresentados ou para as transformações que vamos presenciando em C.D. Ward. Pelo contrário, vai-nos apresentando um encadeamento que sugere uma causalidade apenas por contiguidade ou por contingência. Este modo de construção possibilita a interpretação paranóide por parte do leitor.

Por outro lado, há uma circularidade persistente ao longo da história na sua globalidade como ao longo de todos os capítulos. É-nos descrito o fim ambíguo de Charles a par das suas características iniciais, o seu passado que quase se decalca do do seu

antepassado J. Curwen, a tal ponto que não podemos saber, a certa altura, se Charles é Charles ou Curwen, se Charles é duplo de Curwen ou se pelo contrário, Curwen é duplo de Charles ou até se constituem uma e a mesma pessoa. Entramos assim no domínio da confusão de identidades ou no domínio da confusão temporal, uma vez que se está prestes a perder a noção de causalidade por coincidência entre o antes e o depois. Passado, presente e futuro parecem a certa altura perder pertinência por fazerem parte de um contínuo de eternidade. O que acontece no presente, sobreponível ao que aconteceu no passado, acaba por ser sentido como uma repetição que sugere um devir também ele de repetição. Esta repetitividade insinua o sentimento de que há qualquer coisa sinistra, que sempre se impõe à possibilidade de mudança e de livre arbítrio.

Lovecraft abre o seu relato dizendo: "*De uma clínica para loucos, em Rhode Island, perto de Providence, desapareceu recentemente uma personagem singularíssima. Dava pelo nome de Charles Dexter Ward...*". Esta abertura aparentemente objectiva assume um carácter jornalístico que lhe é imediatamente retirado pelo discurso que se segue: "*...e tinha sido internado com muita relutância por um pai desgostoso que vira a aberração do filho evoluir da simples excêntrica até à mais negra demência*" (op.cit.,p.9).

A passagem da informação anódina para um discurso mais carregado de emoção tem o seu desenvolvimento no modo como os diversos discursos apresentam a personagem. Entre o sentimento do pai que o vê como aberração e a opinião dos alienistas que desorientados têm dificuldade em atribuir-lhe um diagnóstico, vemos o Dr. Willett, médico de família, que não consegue assumir nem uma posição objectiva e profissional nem os mesmos terrores que invadem o meio circundante. Willett parece estar na posição difícil de mediador dos dois campos que não chegam nunca a formar uma aliança.

Charles é um personagem estranho. Os alienistas encontram-lhe vários sinais de aberração. No plano físico parece-lhes estranhamente mais velho do que a sua idade real, apresenta perturbações respiratórias, cardíacas, digestivas, a voz resume-se a um murmúrio quase imperceptível, a reacção aos estímulos não tem paralelo com casos conhecidos, desaparecera-lhe um sinal de nascença que tinha na anca e aparecera-lhe uma nódoa negra no peito e até a estrutura celular estava desorganizada sem que fosse possível caracterizar de outro modo tal desorganização que não, chamando-lhe anormal. No plano psicológico também não tinha paralelo: era único. Embora fosse um leitor omnívoro, um conversador brilhante e mostrasse uma grande lucidez, presença de espírito, inteligência invulgar - que de resto tinham subido de nível desde o que supunham ser o início da doença - encontraram-lhe lapsos estranhíssimos nos conhecimentos, muito particularmente nos que se relacionavam

com a actualidade. Parecia-lhes entretanto que a sua " *força mental*" era de tal ordem " *que teria feito dele um génio ou um chefe se não tivesse evoluído para formas estranhas e grotescas* ". (op.cit.,p.10). Era esta a sua doença e a sua forma de loucura. Charles, mais do que louco, era estranho, grotesco, aberrante. A força mental que o torna louco é também a que poderia tê-lo tornado um génio ou um chefe o que sugere uma equivalência de raiz entre os dois tipos de resultados. Ambos teriam por base a mesma força mental ou ambos participariam, de algum modo, do mesmo carácter pernicioso. Mas era também aberrante e pernicioso porque era incompreensível e em consequência fazia claramente surgir a impotência dos outros para compreender.

O Dr. Willett, que fora o primeiro a vê-lo quando nasceu e o último a vê-lo quando desapareceu, sem que se saiba como sentiu horror e alívio quando saíu do quarto do jovem, depois da última conversa com este. " *Tremia quando pensava na fuga*" do doente e tendo-o observado desde sempre, era " *Conhecedor de certos factos, chegou a conclusões que não se atrevia a revelar aos colegas mais cépticos*" (op.cit.,p.10). Esta necessidade do silêncio vai-se encontrando e intensificando ao longo de todo o livro. Quase todas as personagens " *conhecedoras de factos*" insistem em guardar silêncio, como se o falar reinventasse os factos e como se tal reinvenção, pudesse trazer consequências maléficas. Aparentemente é assim. Mas à medida que se mergulha na história, parece-nos que há coisas que não podem ser verbalizadas porque ultrapassam o domínio do maléfico, porque pertencem ao domínio do horror. Os factos, parecem tocados pelo tabu.

Charles Dexter Ward, nascido em 1902, desde cedo se revelara invulgar nas motivações. Interessava-se pelas pesquisas arqueológicas, pela história, a arquitectura, a genealogia. Em suma; por tudo o que se relacionasse com o passado. Tinha muito por onde investigar e que lhe suscitasse e desenvolvesse o interesse, porque habitava uma velha mansão e vivia numa cidade veneranda semeada de relíquias do passado. O ambiente terá feito uma sementeira em terreno fértil. Charles interioriza o ambiente através de uma espécie de fenómeno de absorção por osmose. Como se tivesse existido uma radical indiferenciação entre o interior e o exterior, que permitisse uma contaminação de um para outro lado.

As motivações de Charles, vão-se alterando numa espécie de continuidade regressiva. Cada vez os seus interesses mergulham mais no passado e se desligam mais do presente. Cada vez também, os seus interesses se afastam mais do mundo concreto e visível para se aproximarem do oculto, do invisível, do bizarro e do mórbido. Não só começam a perceber-se as suas lacunas de informação respeitantes a factos recentes e banais, como também passa do estudo das antiguidades ou da arqueologia para as ciências do oculto e para o interesse pelos mortos e pelos cemitérios. A inicial curiosidade

científica, degrada-se e torna-se mórbida.

Foi a sede de saber que o mergulhou nesta viagem sem regresso.

A sede de saber, e a sede de saber sobre o passado ou o que está escondido, apresentada como perigosa, perdeu-o.

Do ponto de vista do Dr. Willett, Charles sempre tivera um humor instável, susceptível, sensível aos acontecimentos circundantes. A sua fragilidade não era de molde a resistir às "*descobertas terríveis*" que tinha feito. Ousou demasiado.

Essa ousadia tremenda não existia à partida. Foi-se intensificando. À medida que vai crescendo vai mergulhando cada vez mais na cidade. Se no início só conhecia a parte nobre, mais tarde ganha coragem para entrar nas zonas degradadas. "*...foi preciso muito tempo para ele se aventurar a percorrer aquelas vielas antigas e íngremes, receoso de poder dar consigo no meio de um sonho ou de entrar pela porta de terrores desconhecidos*" (op.cit.,p.15). A sede de saber vai aumentando à medida que Charles progride, como se não pudesse nunca ser saciada. Aos poucos, vai ganhando coragem para entrar pelas velhas vielas "*...espectrais, arcaicas, com os seus telhados pontiagudos, aglomerados no caos decadentemente colorido do porto mal afamado...onde vive uma população viciosa, sórdida e poliglota, entre embarcadouros apodrecidos...Às vezes, já mais velho, o jovem Ward atrevia-se a descer até às profundas daquele bairro em ruínas, repleto de casas com vidraças quebradas, escadas sem degraus, caras queimadas e cheiros sem nome.*" (op.cit.,p.15)

Dir-se-ia que estas deslocações no espaço exterior constituíam o prelúdio das deslocações posteriores no domínio terrível do oculto. Além disso vamos observando que à medida em que fazemos viagens dentro de viagens nos vamos aprofundando com Charles no domínio dum desconhecido que se revela vicioso, sórdido e poliglota como se estas realidades fossem equivalentes ou pertencentes a uma mesma constelação. Vamos assistindo a fenómenos que cada vez mais são assustadores e difíceis de nomear por pertencerem ao domínio do sensorial primitivo. Tornam-se mais e mais importantes e profusas as informações que nos são directamente dadas pelos órgãos dos sentidos e mesmo essas nunca antes foram sentidas.

As primeiras transformações observadas em Charles, o "*início de uma decadência*", parece dar-se por volta de 1919 até culminar numa grande crise em 1928. Isto teria acontecido na sequência de investigações genealógicas quando Ward faz certas descobertas relacionadas com um antepassado seu, Joseph Curwen, que teria sido proscrito não só da cidade como da memória. Depois do seu desaparecimento, elementos da população trataram de fazer desaparecer também, tanto quanto possível, os vestígios da sua existência, ao ponto de apagarem o seu nome da lápide do cemitério ou de fazerem desaparecer documentos ou páginas de jornais em que o seu nome figurasse. A própria

família, mulher e filha, deixou de usar o nome de Curwen depois de este se ter tornado motivo de opróbrio. Parecia necessário torná-lo inexistente, no presente, no passado e nas recordações.

Joseph Curwen, que Charles descobre ser seu tetravô por linha materna, era um homem de quem se dizia ser espantoso, enigmático e até tenebroso. Oriundo de Salem, vê-se obrigado a fugir e a refugiar-se em Providence, aquando de uma grande perseguição à feitiçaria. Ao que parece receava ser acusado de práticas mágicas.

Entre os motivos de estranheza encontrava-se o facto de Curwen, que aparentava cerca de trinta anos à sua chegada a Providence, ter parado de envelhecer. Enquanto todos os outros envelheciam e morriam, ele mantinha o mesmo aspecto jovem. O que, parecendo inexplicável, lhe conferia uma aura de sinistro. Neste particular aspecto, parecia gozar de uma superioridade, de uma imunidade, de que nenhum outro ser humano goza: a da imortalidade. Por outro lado dedicara-se à indústria naval e ao mercado de escravos e proliferava do ponto de vista económico, o que também constituía motivo de inveja para os seus concorrentes, porventura menos prósperos que ele. Em suma; era um homem poderoso. Além disso, Curwen importava um sem número de produtos químicos estranhos e material para fazer experiências num laboratório que tinha instalado na sua quinta. Também, revelava uma grande paixão pelos cemitérios, fazia idas e vindas frequentes de casa para a quinta e da quinta para casa a horas incomuns e era costume ver as luzes acesas toda a noite em sua casa. Não vivia segundo o mesmo ritmo que todos os outros.

Tudo isto fazia circular o boato de que a sua longevidade se devia à manipulação de produtos químicos e de que ele possuía dons medicinais maravilhosos e dedicando-se à alquimia, cedo haveria de descobrir a Pedra Filosofal. Eram-lhe atribuídos um saber e um poder extraordinários. Por vezes dava às pessoas, talvez porque lho pedissem ou apenas porque gostava de alimentar a ideia de que tinha poderes extraordinários, certas poções de côr estranha que, depressa se apercebiam, não surtiam qualquer efeito. Isso, e o facto de que em cinquenta anos, Curwen, não parecia ter envelhecido mais do que cinco, fizeram com que os dons medicinais maravilhosos começassem a ser vistos como coisa sinistra. Tinha poderes que não compartilhava e que, por essa razão, passavam a ser vistos como perigosos. As pessoas começaram a votá-lo a um isolamento que, de início, não parecia incomodá-lo.

Os seus interesses, o seu comportamento estranho, os criados de aparência bizarra, os muitos haveres (possuía gado demasiado numeroso para um velho solitário e entravam em sua casa quantidades de comida que as pessoas tinham como exageradas), os gritos que se ouviam vindos da sua quinta durante a noite, o som de vozes que conversavam a horas tardias e a sua reserva constituíram "*... motivos que levaram*

a cidade a ter medo e a fugir de Joseph Curwen como quem foge da peste " (op.cit.,p.20). Tinham portanto medo da influência do seu poder cujos limites não conheciam.

No entanto também circulavam queixas de que Curwen prezava pouco a vida social. Dizia-se que *"...quando se dignava falar fazia-o num inglês cultivadíssimo... Embora não repelisse uma visita, erguia um tal muro de reserva entre ele e os outros que só muito poucos achavam possível trocar com ele mais do que simples banalidades"* (op.cit.,p21). Este muro de reserva que não permitia saber o que havia por detrás, agravava decerto a ideia de que Curwen era diferente e sinistro, na medida em que proporcionava um maior espaço para a projecção do imaginário. Tal como aconteceria muitas gerações mais tarde entre Charles e o ambiente circundante, gera-se uma dialética entre um conjunto formado por J.Curwen e o meio que o cerca, de tal modo intensa e complementar, que não nos é possível saber se são as atitudes de Curwen que provocam a fuga dos seus concidadãos ou se são estes que, projectando nele o seu imaginário, conduzem à sua atitude de reserva.

De qualquer modo, J. Curwen era tido por pessoa ilustrada e da sua biblioteca se dizia, ser a melhor de Providence. Talvez fosse justamente este facto, a concepção de que Curwen era homem de muito saber, o responsável também pela ideia de que no seu comportamento *"...adivinhou-se uma arrogância sardónica, de quem considera estúpido todo o género humano"* (op.cit.,p.21) como se ele fosse sobre-humano. Os seus concidadãos considerando-o incompreensível e sentindo-se inferiores a ele vêem-no como arrogante. Parece mesmo passar a existir um inexplicável ressentimento mútuo que leva Curwen a isolar-se cada vez mais mas também os seus concidadãos a terminar qualquer conversa que tivessem iniciado desde que Curwen aparecesse. Avoluma-se assim o espaço do não dito e do terror.

E no entanto, ou talvez por isso mesmo, a fama de Curwen como homem de saber é de molde a que certas personalidades do campo da ciência ou da teologia, mostrem desejo de o conhecer ou de visitar a sua biblioteca. Foi o que aconteceu com Mr.Merritt ao chegar a Providence no ano de 1746. Recebido com cordialidade, foi até convidado a visitar o laboratório da quinta de Pawtuxet, onde Curwen não costumava levar ninguém. É de crêr, portanto, que foi excepcionalmente bem acolhido. Mr. Merritt não viu nada de realmente horrível na famigerada quinta, mas declarou depois ter sentido uma grande repugnância. Esta terá tido por motivo apenas os títulos de algumas obras que não só faziam parte do campo de interesses do visitante, como eram por este cobiçadas. Tal biblioteca era constituída por livros versando temas taumatúrgicos, alquímicos e teológicos, abrangia quase todos os cabalistas, demonologistas e mágicos conhecidos, mas era sobretudo muito rica nos campos da alquimia e da astrologia. O

interesse pelo oculto repugnou o visitante.

Todavia duas coisas impressionaram sobremaneira Mr. Merritt. A visão do *Necronomicon* da autoria do árabe Abdul Alhazred, livro proibidíssimo de cujo autor se tinha ouvido notícias terríveis ligadas a ritos monstruosos; e um livro de Borellus que se encontrava sobre uma mesa aberto numa página em que Curwen tinha sublinhado fortemente o seguinte parágrafo: "*É possível preparar e conservar os sais essenciais dos animais por forma a que o Homem de engenho possua toda a Arca de Noé no seu Gabinete e arrancar a bela Forma dum Animal das Cinzas deste a seu bel-prazer e, pelo mesmo Método, é possível ao Filósofo, dos Sais essenciais do humano Pó, sem qualquer Necromancia criminosa, suscitar a Forma do seu defunto Antepassado, recorrendo ao Pó que do Corpo deste fique depois de ter sido incinerado.*" (op.cit.,p.23)

A leitura deste parágrafo terá causado "*a pior impressão*" em Mr. Merritt que recordou estas palavras até ao final dos seus dias. Era-lhe impossível esquecer mas também lhe era impossível verbalizar o que sentira, talvez porque vira reflectida em Curwen uma parte de si, que existia apenas em desejo por temor de a manifestar. A repugnância sentida por Curwen não era afinal mais do que repugnância sentida por uma parte rejeitada de si próprio. Curwen ousava aquilo que nele era apenas cobiça; arrogar-se a assumir o poder supra-humano de "*controlar*" a Natureza tendo-a à mão no seu laboratório, de tal modo que podia recriar todas as espécies de animais incluindo os homens já desaparecidos. Mais ainda: contactava com os mortos como seus iguais, ou mesmo como se tivesse poder sobre eles. Entrava pelo domínio do Sagrado; feria um tabu. Tinha um poder só atribuível a um deus ou a um demónio.

Esta crença chegava a tal ponto, que os marinheiros se benziavam ao vê-lo passar, por reverência ou por medo. Dizia-se que os marinheiros frequentemente desaparecidos tinham quase sempre ido até à quinta de Curwen. Começou a ser "*suspeito de práticas horrorosas e de alianças demoníacas que se afiguravam tanto mais ameaçadoras quanto não podiam ser referidas, compreendidas ou comprovadas*" (op.cit.,p.23). É assim sugerida a ideia de que Curwen não só fazia aparecer os mortos como também fazia desaparecer os vivos. Tinha certamente aliança com o demónio.

Dava provas de espírito cívico ajudando com os seus contributos a construção ou restauro de edifícios públicos, mas isso não melhorava a sua fama. Dizia-se que só tinha comandantes e imediatos nos seus barcos, quando podia exercer sobre eles algum tipo de chantagem. Curwen "*...revelou nesse tempo o dom mágico de descobrir segredos familiares que usava para fins menos dignos. Durante os últimos anos da sua existência, acreditavam que só conversas directas com pessoas há muito falecidas lhe poderiam ter fornecido certas informações que ele tinha sempre na ponta da língua.*" (op.cit.,p.25). Curwen não era pois um homem que pelos muitos haveres se tornara poderoso, era

alguém que antes de mais tinha o poder inexplicável de comunicar com os mortos, tinha aliança com eles e por isso era demoníaco. Daí lhe advinha o saber sobre os outros que era sentido como um poder pernicioso.

Teria finalmente adoptado o casamento como medida extrema para resolver definitivamente o problema da sua integração. Procurou uma pretendente de boa posição social e educação, filha de um seu capitão e que tinha apenas dezoito anos. Eliza Tillinghast estava noiva mas isso não constituiu óbice. Contudo o "*blasfemo enlace*" causou indignação. Curwen era visto como sinistro mas além disso a jovem tinha idade para ser pelo menos sua filha. Mais uma vez Joseph Curwen fazia tábua rasa das leis naturais, dos limites social e humanamente estabelecidos. Colocava-se acima da lei, qualquer que ela fosse.

Para admiração geral tratava a mulher com bondade e consideração e mostrou grande entusiasmo quando, dois anos depois, lhe nasceu uma filha. Nessa altura resolveu mandar-se retratar num painel da biblioteca de sua casa e mudou a maior parte dos livros de alquimia para a quinta de Pawtuxet. Dir-se-ia que por um lado queria assumir uma postura de respeitável pai de família, de uma aparente normalidade, sem contudo abdicar dos seus anteriores interesses, que separou da vida familiar. Passara a ter duas vidas paralelas, como se houvesse dois homens separados num só. Esta clivagem ter-lhe-à permitido passar por um período de aparente acalmia e normalidade em que não se suspeitava da sua parte sinistra, escondida ao longe em Pawtuxet.

Depois começa novamente a andar num estado de grande agitação e expectativa como se esperasse a qualquer momento um acontecimento ou descoberta fora do comum relacionado com a alquimia.

O casamento tinha-o feito perder os inimigos anteriores mas fizera-o entretanto adquirir um novo inimigo, Ezra Weeden, o noivo despeitado, que jurou vingar-se e investigava todos os movimentos de J. Curwen.

E os movimentos de Curwen eram suspeitos. Parecia estar metido em contrabando de açúcar porque, depois de ter sido promulgada uma lei sobre a matéria, os seus navios faziam manobras estranhas. Mas também aconteceu que mais ou menos por essa época resolve deixar a importação de escravos que antes eram transportados na maior parte dos seus navios e conduzidos para um edifício estranho da quinta que apenas tinha umas fendas muito altas à guisa de janelas. Este edifício, projecção de Curwen, de cujo interior nada se sabia, excitava as imaginações talvez porque parecia esconder e portanto haveria certamente qualquer coisa horrível no seu interior. Caixas semelhantes a caixões eram muitas vezes transportadas de barcos maiores do que habitualmente, fazendo transbordo para chalupas mais longe da costa do que

habitualmente e durante a noite, para aquele edifício estranho. A vida nocturna de Curwen parecia sobrepôr-se à diurna. Ezra Weeden que não cessava de o vigiar, começa a acreditar, assim como outros, que "*...a quinta não passava de um invólucro exterior de toda uma vasta e hedionda ameaça cujo alcance e profundidade só confusamente podiam ser avaliados.*" (op.cit.,p.30). Convenceram-se mesmo de que "*...debaixo da quinta existia toda uma rede de túneis e catacumbas onde, além do [criado] Índio e da mulher, vivia um grande número de criados*" (idem). Curwen tinha uma horda de subalternos.

Parecia portanto que existia em Curwen e em toda a sua vida algo de subterrâneo, de estranho, e aterrador; um espaço inferior, oculto e incompreensível que só podia ser mau. Tanto assim era que desse espaço físico subterrâneo partiam vozes, murmúrios, gemidos, invocações e cânticos em línguas estranhas que, no entanto, Curwen compreendia, pois dialogava com elas. Fazia espécie que Curwen dialogasse em todas estas línguas estranhas e ainda em inglês, francês e espanhol. Era demasiada a sabedoria desse homem para que pudesse ser encarada com naturalidade. Como era possível que um só homem soubesse tantas coisas incompreensíveis para tantos, era coisa que não podia facilmente ser entendida nem aceite. Por isso se lhe atribuía um carácter demoníaco.

Por vezes os diálogos pareciam interrogatórios em que Curwen tentava a todo o custo obter informações de prisioneiros. Algumas vezes Weeden conseguiu transcrever alguns destes diálogos quando ocorriam em línguas mais comuns e concluiu que ele tentava saber informações sobre acontecimentos passados com famílias antigas de Providence ou sobre temas históricos ou científicos respeitantes a locais e a tempos remotos. Este enorme interesse pelo passado e o estranho parecia coisa funesta, assim como o seu conhecimento de coisas que lhe não eram transmitidas pelos interessados, tanto mais que ele, pela sua reserva, se mantinha um estranho. Os outros só podiam sentir-se em desvantagem.

Mais se avolumou em Weeden a atitude de suspeição quando, movido pela crescente curiosidade e pelo ódio despeitado, uma noite se aproximou do edifício estranho e pode ouvir claramente um dos diálogos desta vez efectuado em francês. Numa voz ora irritada ora lúgubre que ele assumiu tratar-se da do próprio Curwen, um prisioneiro era interrogado "*...sobre a chacina do Príncipe Negro... Curwen perguntou ao prisioneiro (se ele era de facto prisioneiro) se a ordem de matar tinha sido dada por causa do Sinal do Bode encontrado sobre o altar da cripta romana da catedral ou se tinha sido o Homem Negro de Alta Viena quem tinha pronunciado as três palavras. Não obtendo qualquer resposta, o inquiridor recorreu a meios extremos, pois ouviu-se um grito horrível, seguido de silêncio profundo e de um ruído abafado. Nenhum destes*

interrogatórios teve testemunhas oculares..." (op.cit.,p.31). Esta demonstração de maldade e de pacto demoníaco impressionou Weeden.

Depois disso deixaram de ser ouvidas conversas na casa de Curwen, e por isso concluíram que ele tinha transferido o seu campo de acção para uma zona inferior. Essa zona inferior tinha mesmo de existir, pois Weeden diz ouvir brados de desfalecimento e gemidos vindos do que parecia ser terra sólida. Em 1769, depois de umas grandes chuvadas primaveris, abriram-se ravinas profundas que deixaram a descoberto grande quantidade de ossos humanos e animais e na aldeia de Pawtuxet os pescadores começaram a falar de corpos que teriam visto a flutuar no rio. Ficaram particularmente impressionados com "*o olhar de um dos corpos, ao cair do alto da catarata e com o grito dum outro que se apresentava em condições de há muito não poder gritar*" (op.cit.,p.33).

No ano seguinte, deu-se uma ocorrência que pareceu por demais estranha. O navio *Fortaleza* foi revistado à procura de contrabando e verificou-se que transportava múmias egípcias destinadas ao "Marinheiro A.B.C." que viria a recebê-las ao largo de Nanquit. O capitão do navio recusou-se a revelar a identidade do destinatário e as autoridades portuárias viram-se em grande embaraço para tomar uma decisão. Se por um lado o navio tinha entrado no porto ilegalmente, por outro lado, também era um facto que não transportava contrabando. Não havia nenhuma legislação sobre a matéria. Tratava-se sim, de uma carga estranha que, na verdade, impunha mais do que qualquer tomada de atitude oficial, uma tomada de posição única e pessoal que se revelava difícil. Era uma carga nem legal nem ilegal porquanto não prevista. Assim, o navio foi libertado mas proibido de voltar a navegar naquelas águas. Era importante separar o mundo dos mortos do mundo dos vivos, sem no entanto lhe tocar. Não é concebível que os mortos circulem pelo mundo dos vivos, nem que sejam tratados como coisas.

A estranheza destes acontecimentos impunha todavia, para sossego dos habitantes de Providence, uma justificação ou uma atribuição e mais uma vez eles foram referenciados a Curwen. Quem, a não ser Curwen que fazia experiências estranhas e tinha paixão pelos cemitérios, estaria interessado em receber múmias? De resto a sua atitude face aos factos pareceu comprometida porque "*Consciente da suspeita em que incorria, Curwen aproveitou a ocasião para discorrer aqui e ali sobre o valor químico dos bálsamos encontrados dentro das múmias, convencido porventura de que podia dar ao caso uma feição menos sobrenatural, ao mesmo tempo que admitia estar implicado no mesmo.*" (op.cit.,p.33). Os seus discursos sobre a matéria em nada suavizaram as suspeitas. Muito pelo contrário, o facto de Curwen tratar o mundo da morte e dos mortos com tanta familiaridade e desassombro como tratava o dos vivos, constituiu mais um motivo de rejeição. O mundo dos mortos tinha de manter-se o do

"sobrenatural" porque era terrivelmente assustador.

Armou-se finalmente a conspiração. Weeden entendeu que tinha atingido um volume suficiente de conhecimentos sobre Curwen para poder dar parte deles a outros. Também tinha arranjado uma testemunha, Eleazar Smith, que o ajudara nas investigações e vigilâncias. A primeira pessoa a quem revelou as suas descobertas, o capitão James Mathewson, não só acreditou nas informações como entendeu ser necessário guardar o mais absoluto silêncio e transmitiu-as em separado a dez outras pessoas tidas como sábios proeminentes. O silêncio pareceu a todos indispensável pois entendiam que num caso destes as autoridades não podiam actuar e era preciso evitar os acontecimentos que haviam ocorrido aproximadamente um século antes e que levaram Curwen a fugir de Salem. Estavam assim decididos a actuar em segredo e de forma coordenada pois " *Curwen era efectivamente uma ameaça potencial à prosperidade da cidade e de toda a colónia, pelo que tinha de ser eliminado... Com os poderes ocultos e de alcance incerto que tinha ao seu dispôr, Curwen não iria obedecer à ordem de abandonar a cidade. Exerceria represálias e, ainda que a sinistra criatura se dispusesse a cumprir uma ordem de expulsão, de nada serviria transferir a ameaça de um para outro local... No caso de se demonstrar que era louco... tratariam de o encarcerar; se o caso fosse mais grave... tanto ele como os seus teriam de morrer.*" (op.cit.,p.35)

Podemos bem imaginar a que ponto ele era temido, a que ponto iam os poderes que lhe atribuíam, a que ponto era temido o mundo que ele representava. Já nem sequer lhe conferiam humanidade; ele era a "sinistra criatura ". Mas esta necessidade de silêncio que é atribuída a todos os intervenientes parece ter ainda outras motivações que justificam o facto de não trocarem impressões entre si, sabendo, como todos sabiam, que o assunto era do conhecimento de todos. É que na verdade nada podia ser provado porque pertencia ao domínio do imaginário, que tinha de ser claramente separado do real palpável e do objectivo. Não podia haver misturas. Esta separação só podia manter-se com base numa clivagem radical entre os dois mundos e numa posterior projecção. Aquilo que neles era oculto, uma vez que não podia manter-se como oculto, tinha de ser projectado. Curwen constitui o repositório dessas projecções e a possibilidade de manter essa clivagem clara. Mas além disso, esse imaginário prende-se com um mundo aparentemente muito distante e temido: o dos mortos e da morte. Os mortos adquirem um estatuto superior por idealização e projecção de impulsos agressivos considerados mortíferos: passam a pertencer ao domínio do sagrado. Mas esse sagrado, pelas projecções é também maléfico como todo aquele que com ele se relaciona.

Entretanto, numa noite de Janeiro em que a lua brilhava e a terra estava coberta de neve ocorreu um "*incidente horroroso e inexplicável*" . Ecoaram gritos

sobre o rio e as colinas, foi visto um enorme vulto branco a correr desenfreadamente pelo campo e os cães soltaram latidos até de manhã. Grupos de homens munidos de lanternas e mosquetes foram ver o que se passava mas não conseguiram descobrir nada. Contudo, na manhã seguinte, foi encontrado completamente nu, um corpo gigantesco e robusto com as feições rígidas e o olhar esgazeado. Este ricto só pôde despertar lembranças na memória dos patriarcas da cidade que "*...trocando entre si palavras de espanto e horror, descobriram naquele semblante petrificado uma semelhança espantosa, aliás uma identidade total, com um homem que tinha morrido havia uns bons cinquenta anos.*" (op.cit.,p.36). Weeden descobriu que as pegadas do gigante vinham da quinta de J. Curwen e a autópsia que depois lhe foi feita permitiu a descoberta de elementos desconcertantes. O aparelho digestivo parecia nunca ter funcionado, a pele tinha uma textura duríssima que era impossível de explicar, e quando foram à sepultura do ferrador Daniel Green, com quem o cadáver revelava semelhanças, encontraram-na vazia. Este ser estranho, proveniente do mundo dos mortos, assim como o ricto do seu semblante, só podiam despertar lembranças nos patriarcas porque estes, estando mais perto da morte, podiam mais facilmente reconhecê-la, ainda que "*com espanto e horror*". Mesmo para os patriarcas o morto tinha um carácter bizarro, aberrante como se nunca tivesse vivido. Os mortos tornam-se estranhos quando observados a partir do mundo dos vivos.

Entenderam portanto, dever passar à acção e começaram por interceptar o correio de J. Curwen. Descobriram três cartas que lhes parecia confirmarem mais ainda a perigosidade do homem misterioso. A primeira, remetida por um tal Jedediah Orne de Salem começa por fazer referência às investigações de Curwen felicitando-o por continuar a busca das "*Cousas de Outrora*". Menciona também os grandes conhecimentos da "*Sciencia Chymica*" que o destinatário tem e que o remetente lamenta não possuir. Mas, acrescenta, "*queria Chamar a sua Attenção para o que nos foi ensinado sobre o Cuidado a ter com aquelle que invocamos, pois Sabe perfeitamente o que Mr. Mather deixou escripto nas suas Marginalia de....e é de presumir que o tal Terror foi por ele descripto com toda a Veracidade. Mais uma vez lhe recomendo: não invoque Alguém que depois não possa dominar; refiro-me a alguém que possa por Seu Lado evocar algo contra si, com o que as suas mais Poderosas Artes se tornarão inúteis. Invoque os Inferiores, pois os Superiores, em vez de darem Resposta, quererão mandar em si....E mais uma vez lhe peço que me escreva para o nome de Jedediah e não para o de Simon. Nesta Comunidade um Homem não pode viver muito tempo e V. não ignora o Plano a que recorri e me permitiu regressar sob a forma de Meu Filho.*" (op.cit.,p.37)

Na segunda carta remetida por alguém que não assina foca as actividades não só de Curwen mas de todo um grupo reza o seguinte: "*Reconheço as Imperfeições daquelle*

que se ressuscitou em Outubro passado e não ignoro os muitos espécimes vivos que foi obrigado a utilizar antes de descobrir o Método ideal em 1766; por isso me deixarei guiar em tudo por si." (op.cit.,p.37)

A terceira carta estava escrita num idioma e num alfabeto desconhecidos pelo que não foi possível descodificá-la mas tendo pedido a opinião a autoridades na matéria da Universidade de Brown, souberam que o alfabeto seria o amárico ou abissínio.

De facto estas cartas pareciam corroborar todas as suspeitas. Não só Curwen invocava os mortos donde podiam resultar efeitos que nem ele próprio podia controlar na medida em que estes aspirariam a controlar o mundo dos vivos e fá-lo-iam desde que fossem mais poderosos que Curwen, como também se dedicara a experiências com vivos. O poder que se arrogava sobre os vivos e os mortos que manipulava a seu bel-prazer, a não ser divino só podia ser demoníaco e, como tal, motivo de terror. Mas os factos assumiam a aparência de conspiração. Todos eles invocavam os mortos e estes queriam controlar os vivos. Os mortos surgem dotados de poderes maléficos mas os vivos que com eles contactam também os adquirem por contaminação.

Não lhes restavam dúvidas de que tal personagem sinistra " *tramava um acto fora do comum* " e por isso resolveram precipitar a sua própria acção. Juntaram-se cem homens que cercaram a quinta de Curwen em três frentes. Eleazar Smith, a testemunha que tinha ajudado Weeden nas suas investigações, comandava uma das frentes, a que tinha ficado para os lados da zona costeira, prevenindo a eventualidade de Curwen tentar escapar-se por esse lado. A certa altura ouviram ao longe algazarra, uivos, gritos, o ribombar de uma explosão e alguns tiros. " *Esperaram muito tempo no seu posto até que um pouco antes do alvorecer... um mensageiro, de olhar esgazeado, com as roupas impregnadas de um cheiro nauseabundo e desconhecido, veio comunicar aos combatentes a ordem de regressarem calmamente a casa e de nunca mais pensarem ou falarem a alguém dos acontecimentos daquela noite ou da existência dum homem chamado Joseph Curwen... via-se que o seu espírito tinha entretanto perdido ou adquirido algo que o tornava numa criatura completamente diferente. E o mesmo viriam a notar nos outros companheiros que tinham penetrado na zona do horror. A maior parte deles tinha perdido ou adquirido qualquer coisa imponderável e indescritível. Tinham visto, ouvido ou pressentido coisas que não eram para criaturas humanas e que jamais poderiam esquecer* ". Nenhum deles viria jamais a quebrar a lei do silêncio; porque os " *instintos mais comuns e mortais também têm limites terríveis. E, só de ouvirem o tal mensageiro, os que tinham ficado junto da costa foram igualmente dominados por um pavor inominável que lhes cerrou os lábios para sempre.*"(op.cit.,p.41). O contacto com o horror modifica definitivamente os que lá estiveram, mas estes também o transmitem aos outros como por contágio.

Também os Fenners, vizinhos da quinta de Curwen, e que estariam mais provavelmente em condições de fazer uma descrição mais objectiva do ocorrido, falam em termos confusos, emocionais e incoerentes. Dizem que quando começou o ataque à quinta "maldita" de Curwen ouviram um grito horrendo, impossível de escrever e que fez com que a mãe Fenner desmaiasse imediatamente (simulação da morte, quase morte). Os cães começaram a ladrar assustados e ouviram-se roncos subterrâneos de tal modo intensos que fizeram estremecer os candeeiros. Tudo isto acompanhado de um forte cheiro a enxofre. Depois, "*ouviu-se outro grito menos lancinante mas não menos horrendo que os anteriores, uma espécie de mugido repugnante, um arquejo...*", (op.cit.,p.42) emergiu do sítio onde antes era a quinta de Curwen um vulto em chamas e ouviram-se gritos humanos desesperados. Os tiros fizeram cair o vulto mas levantou-se um segundo vulto e ouviram-se mais gritos: "*Ó Omnipotente, protege o teu cordeiro!*"

Só a criança dos Fenner viu um nevoeiro vermelho que se elevava para as estrelas e nessa altura os três gatos ficaram em pânico, assanhados, arqueando os dorsos e eriçando o pelo. Soprou um vento gélido e o ar ficou empestado de um cheiro que os Fenners descreveram como um fedor amorfo mas tão poderoso e repugnante como o dos cadáveres em decomposição. Era o odor da morte.

A certa altura ouviu-se uma voz terrível ecoar no céu de tal modo que as janelas estremeceram. "*Era um som profundo, musical, grave como o do órgão, funesto como os livros proibidos dos Árabes*" (op.cit.,p.43) pronunciar numa língua desconhecida palavras, certamente demoníacas: "*DEESMEES-JESHET-BONEDOSEFEDUVEMA-ENTTEMOSS*" (idem). Mais tarde Charles Ward vem a descobrir tratar-se da mais horrenda encantação de toda a magia negra.

Uma semana depois apareceu no campo um corpo carbonizado e irreconhecível, que não se parecia com homem ou animal alguma vez visto ou descrito nalgum livro e supôs-se que Curwen tinha morrido.

A necessidade de esquecer Curwen tornou-se geral. Ninguém falou da morte de Curwen ou de fosse o que fosse do que acontecera naquela noite. Alguns dos intervenientes na refrega chegaram a casa com um cheiro nauseabundo a impregnar-lhes as roupas mas não deram qualquer justificação às famílias. Só o capitão Whipple teve o desabafo: "*O raio que o parta! Ele não tinha nada que se rir ao mesmo tempo que gemia. Até parecia que o f. da p. tinha alguma coisa na manga. O que eu devia ter feito era deitar fogo à p. da casa.*"(op.cit.,p.46)

A sugestão de que talvez Curwen ou os seus poderes maléficos persistissem, contida neste desabafo rude de Whipple, seria muito provavelmente, também a suspeita dos outros perseguidores e a razão mais que suficiente para todos quererem guardar

silêncio. O que é maléfico persiste e temiam as retaliações. Mas o silêncio prender-se-ia também com o facto de a experiência não poder ser discutida. A maior parte das informações são-nos dadas pelos órgãos dos sentidos e parecem dificilmente verbalizáveis. São experiências impossíveis de organizar mentalmente. Pertencem ao domínio do imponderável, do indescritível, atingem directamente o instinto por isso fazem parte da "zona de horror". Tanto assim é que são mais sentidas pelos animais ou crianças mais ligados ao instintual. Já não é medo; é repugnância.

Era o ano de 1918 quando Charles descobre o que viria a verificar-se ser de enorme importância na sua vida: era descendente de Joseph Curwen; corria-lhe nas veias o seu sangue.

Começou a investigar e a procurar com grande entusiasmo, e de principio sem nada esconder, documentos que pudessem revelar-lhe quem era Curwen e como vivera. Descobre o diário de Eleazar Smith e os seus arquivos e uma carta de Jedediah Orne e resolve ir a Salem para se inteirar das primeiras actividades e relações do seu antepassado. Ficou a saber que Curwen nasceu na então Salem- Village entre 1662 e 1663, que aos 15 anos enveredou pela vida do mar e que nove anos depois regressou à sua terra, com maneiras de inglês, instalando-se em casa própria. Lia livros da Europa e manipulava produtos químicos importados de Inglaterra, França e Holanda. Em suma: transformara-se num estrangeiro, num estranho. Como amigos íntimos tinha Edward Hutchinson e Simon Orne.

Sobre estes amigos de Curwen, Charles encontrou documentação elucidativa. Nomeadamente descobre um processo em que não só Hutchinson é citado por feitiçaria como uma das testemunhas declara em tribunal ter presenciado um ritual em que várias pessoas tinham recebido a "Marca do Diabo" encontrando-se entre elas os nomes de Simon O. e Joseph C. Encontra também um catálogo da biblioteca de Hutchinson e um manuscrito deste em linguagem cifrada que consegue decifrar e com base no qual conclui que Simon Orne e Jedediah eram a mesma pessoa.

Mas a descoberta mais entusiasmante terá sido a de uma carta que o seu antepassado Joseph Curwen dirige a Simon Orne, tratado como irmão. Nela se refere ao já esperado "*Derradeiro Extremo*" e ao facto de não tencionar afastar-se por não poder abandonar os seus haveres e "*até porque a minha quinta de Pawtuxet tem sob o chão Aquillo que sabe e que não esperaria o meu regresso sob a forma de Outro.*" (op.cit.,p.50) Refere ainda que há muito prepara o seu "*regresso depois da Ruína*", que descobriu palavras de invocação a LOGGE SOTHOTHE, que "*da Semente do Antigo nascerá o Único que olhará para trás embora sem saber o que procura*" (idem) e menciona uma passagem do *Livro de Job* (14:14) que reza o seguinte: "*Poderá o homem que morreu regressar? No decurso dos dias que me forem concedidos, esperarei*

a vinda do que me substituirá!". Descreve ainda a situação exacta da sua casa.

Charles, muito excitado, procura a casa de Curwen. Ele seria certamente o enviado. Na casa de Curwen, Charles faz uma descoberta espantosa que parece ter determinado definitivamente a sua modificação. Apercebe-se de que num dos painéis de madeira da biblioteca do seu antepassado, encimando a lareira, há um enorme quadro a óleo. Chama restauradores e acompanha a progressão do seu trabalho com grande interesse. " *Só mesmo no fim, porém é que o restaurador e o seu cliente começaram a ficar de boca aberta... O estupefacto Charles Dexter Ward, que se dedicava a escavar nas ruínas, viu as suas próprias feições desenhadas no semblante do sinistro tetravô.*" (op.cit.,p.53) Embora fosse evidente a diferença de idades, percebia-se também uma semelhança espantosa; notava-se que " *os traços físicos de Joseph Curwen se tinham, século e meio depois, fixado no seu duplo.*" (op.cit.,p.53). Não foi apenas Charles que se viu como duplo de Curwen, tanto que quiz imediatamente adquirir o retrato. A mãe, reparando na semelhança, achou que havia na pintura algo de maléfico justamente pela semelhança e sugeriu que a queimassem. Veremos que este encontro com o seu duplo é maléfico.

Na casa do antepassado encontrou também por detrás do painel retirado uma cavidade cúbica, mesmo ao nível da cabeça do retrato, dentro da qual estava um monte de papéis formando um caderno volumoso identificado pelo título: "*Diário e Apontamentos de Jos. Curwen, cavalheiro das plantações de Providence, natural de Salem.*" Charles começou a estudar atentamente os documentos que de início o deixaram excitadíssimo. Um deles tinha a inscrição: "*Para Aquelle Que Vier Depois, e De Como Poderá Passar Além do Tempo e Das Esferas.*"

Este achado parece ter-lhe causado uma impressão muito forte porque começou a andar perturbado e a esconder os documentos, ao contrário do que acontecera até aí, com a desculpa de que eram quase todos cifrados e de que não possuía a chave. Empenhava-se a tal ponto na decifração dos documentos que quase não dormia. Quando finalmente os operários vieram instalar-lhe o retrato de Curwen já definitivamente restaurado, largou o trabalho e pôs-se a olhá-los fascinado enquanto "*instalavam o painel com o retrato, na parede do lado norte, sobre uma falsa chaminé, guarnecida com um fogão eléctrico que dava a ilusão de lume verdadeiro. O painel com o retrato foi montado de forma a deixar atrás um espaço vazio que servisse de armário.*" (op.cit.,p.55) Não só Charles procurava repetir tudo o que encontrara em casa de Curwen, assumindo-se como duplo, como também procurava uma atitude activa de identificação por meios diversos que iam desde o estudo dos documentos herdados do antepassado, curiosamente guardados na cavidade da parede situada exactamente ao nível da cabeça do retrato, como se fossem os seus pensamentos e vivências de que Ward

tentava apropriar-se, até à já referida instalação do quadro em lugar equivalente ao ocupado anteriormente, até à sua transferência para a biblioteca onde passou a estar a maior parte do tempo "... *diante do quadro, de olhos ora no texto cifrado, ora no retrato que também o fitava, como se fosse um espelho com o seu reflexo envelhecido.*" (idem,p.55)

A partir daqui Charles passa a ter um comportamento que os pais e criadagem acham estranho. Mas mais estranho ainda é o facto de começar a seguir o trilho de Curwen. Procura nas bibliotecas livros sobre feitiçaria, magia, ocultismo, demonologia; monta um laboratório no sótão para o qual compra produtos e aparelhos que os comerciantes acham incongruentes e procura freneticamente pelos cemitérios a sepultura do seu antepassado. Na biblioteca onde passava a maior parte do tempo folheava livros sobre "*saberes ocultos sob o olhar do retrato de Joseph Curwen cujas feições cada vez se pareciam mais com as do próprio Ward.*" (op.cit.,p.57) Parecia agora estar a dar-se uma inversão: já não era Charles que se parecia com Curwen mas Curwen que se parecia com Charles mercê duma identificação projectiva. Esta ideia de Curwen como projecção de Charles acentua-se a propósito do relato do encontro do Dr. Willett com o jovem. Ward tornara-se de tal modo excêntrico que Willett faz-lhe uma visita em que para avaliar da sua sanidade mental procura inteirar-se do andamento das suas investigações. Charles dá mostras de estar no seu juízo perfeito e mostra ao médico alguns dos documentos cifrados e que não podiam ser compreendidos, e uma página do diário de Curwen com uma caligrafia ao estilo do século XVII embora este tivesse vivido no século XVIII. Willett pôde ler apenas o pouco que Charles lhe permitiu:

"Quarta-feira, 16 de Out. 1754. ...Na noite passada recitei três vezes o SABAOTH e Nada apareceu. Tenho de saber novas de Mr. H. de Transylvânia, embora me pareça Diffícil chegar a descobri-lo. E o mais estranho é que elle não possa transmitir-me o que nestes cem annos tem utilizado com tão bons resultados. Simon não me escreveu nas últimas V semanas, mas espero ter em breve notícias d'elle. Como disse os Versículos do Liber Damnatus V vezes na Véspera da Santa Cruz e IV vezes na Véspera de Todos-os-Santos, espero que a Coisa se forme no Exterior das Esferas. Ella atrairá Aquelle que há-de vir, se eu fizer o que é mister fazer, e elle pensará nas coisas do Passado e olhará para todos os annos pretéritos e para tanto mister se faz que eu tenha promptos os Saes ou Aquilo de que elles são feitos." (op.cit.,p59)

O médico não mais conseguiu esquecer estas palavras e quando as lia teve a impressão de que havia um vago terror na expressão do retrato de Curwen e de que os seus olhos seguiam Charles para onde quer que este se deslocasse. Antes de se retirar olhou atentamente para o retrato maravilhando-se com a pareçença impressionante.

Parecia agora que as emoções de Charles tinham sido transferidas para o retrato.

Entretanto, à semelhança do que constava sobre Curwen, Charles resolveu ir viajar para conhecer o Velho Mundo. Tendo-se instalado algum tempo na Transilvânia perto de Rakus.

Estava a assumir-se, não apenas como o duplo do seu antepassado mas como "*Aquella que há-de vir*", uma espécie de "*messias*". Ele pensava nas "*coisas do Passado*", olhava para os "*annos pretéritos*". Era um enviado.

Regressado da Europa, começa então um novo período na vida e na loucura de Charles. O seu comportamento é visto como estranho por se dedicar a estranhos rituais, porventura aprendidos nas terras longínquas por onde tinha andado. Embrenhou-se no trabalho documental e laboratorial, podiam ver-se no seu laboratório bonecos de cera de formas grotescas, círculos e pentagramas desenhados no chão da sala e ao longo da noite produzia ritmos e encantações numa voz cavernosa que ressoava pela casa e "*fazia gelar o sangue de quem a ouvia*" (idem,p.63). Até o gato da casa se eriçava e arqueava o dorso ao ouvir tais sons. Também vinham do laboratório odores estranhos que ou eram insuportáveis ou tão agradáveis e leves que evocavam imagens fantásticas e "*Pessoa que os cheirasse tinha a tendência para ver momentâneas miragens de panoramas vastíssimos...*" (idem). Exactamente como acontecera com Curwen, as acções de Charles não só se revelam estranhas como têm um efeito intenso sobre o sensorial.

Como tinha um aspecto mais envelhecido mais se acentuou a sua semelhança com Curwen. Não fora a cicatriz que figurava no retrato sobre a sobrancelha direita e existiria uma identidade perfeita entre o jovem e o seu antepassado feiticeiro. Pouco parecia faltar para que Charles adquirisse o mesmo carácter demoníaco.

Também Charles, progressivamente, vai revelando uma marcada preferência pela noite. Isola-se cada vez mais, sai durante a noite sem que se saiba para onde e recebe encomendas estranhas que chegam durante a noite. Grande parte das suas experiências e dos fenómenos que lhe são atribuídos decorrem durante a noite, propícia aos medos mas também aos fenómenos obscuros.

Numa noite de Janeiro, pela meia-noite, o jovem entoava um cântico de cadência estranha que soava desagradavelmente e na sequência do qual se verificaram vários fenómenos igualmente estranhos. Começou a soprar um vento gelado, sentiu-se um leve tremor de terra, o gato assustou-se e os cães começaram a uivar. Manifestou-se uma tempestade muito violenta com trovões fortes, Mr. e Mrs. Ward levantaram-se assustados julgando que um raio tinha caído na casa e subiram na direcção do sótão. Encontraram o filho à porta que, com um ar resoluto e triunfante, os informou de que estava tudo bem e que a tempestade ia amainar. De facto eles olharam pela janela e viram que era verdade. "*A expressão de triunfo de Charles Ward cristalizou-se em*

qualquer coisa singular" (op.cit.,p.64) e a partir daqui começou a manifestar um interesse desusado pelo tempo e a fazer perguntas sobre o início do degelo da Primavera. Parecia ter-se convencido de que podia controlar o tempo.

Charles parecia controlar os fenómenos da Natureza e influir nos seres vivos ao nível mais elementar e profundo da sensibilidade.

No sótão dedica-se agora a experiências com substâncias metálicas, não abre a porta a ninguém e recusa alimentar-se. Do laboratório emanam cheiros indescritíveis e hediondos e sons estranhos e aberrantes. Não só o sensorial aparece como muito importante mas também como mau: as cadências das entoações são estranhas e aberrantes, os cheiros hediondos e tudo é perturbador.

O seu aspecto é cada vez mais alucinado. Compra a cabana de Pawtuxet, a mesma que tinha pertencido a Curwen e começa a mudar para lá todos os seus instrumentos científicos, tal como o seu antepassado tinha feito.

Numa tarde, apodera-se do jornal antes que mais alguém o tivesse visto e rasga uma folha em que figura uma notícia com o seguinte título: "*Coveiros Nocturnos Surpreendidos no Cemitério do Norte*" (op.cit.,p.65). Nela se dizia que um grupo de homens tinha sido surpreendido, não a violar qualquer tumba mas a tentar enterrar uma enorme caixa para a qual tinha aberto uma cova da dimensão de uma sepultura. Surpreendidos, bateram em retirada sem que se pudesse chegar a saber o que pretendiam enterrar. No entanto insinua-se a ideia de que este acontecimento teria de estar ligado a Charles e aos seus macabros interesses.

Numa Sexta-Feira Santa dá-se outro incidente estranho. Ao fim da tarde Ward repete em voz baixa uma fórmula estranha semelhante à de Eliphaz Levi "*essa alma obscura que olhou de relance para lá da porta proibida e viu os terríveis panoramas que atrás dela se estendem*", ininterruptamente durante duas horas, ao mesmo tempo que queimava uma substância com um cheiro activo que se espalhou pela casa. Ao fim dessas duas horas os cães começaram a uivar freneticamente, nas imediações da casa dos Ward espalhou-se um cheiro "*pavoroso, pestilencial*", umas "*exalações mefíticas*" que nunca ninguém sentira nem voltaria a sentir. Viu-se um raio ofuscante embora fosse dia e "*ouve-se uma voz remota e tonitruante*" (op.cit.,p.67) muito diferente da de Charles. No entanto "*Mrs. Ward teve um arrepio quando se apercebeu do infernal significado daquela voz*" (idem). Tratava-se de uma repetição do que Charles contara ter acontecido em Pawtuxet no tempo de Curwen. Quando o jovem voltou às cantorias emitiu "*um grito demente que ia crescendo até ferir os tímpanos*" (idem) e que depois degenerou gradualmente numa gargalhada histérica e diabólica. Mrs. Ward que reconhecia a voz do filho achava que aquela gargalhada era de outra voz como se houvesse duas pessoas no laboratório. Tanto ela como o marido que ouviam os barulhos

vindos do laboratório achavam que lá se processavam diálogos e que se um dos interlocutores era indubitavelmente o filho, a outra voz, " *profunda e cavernosa* ", não podia ser a do jovem porque " *havia nela um fundo diabólico, blasfemo, fora do normal* " (idem,p.68). Os diálogos eram de tal modo terríficos que Mr. Ward resolveu admoestar o filho.

Charles, mostrou-se cordato e aparentemente são de espírito. Prometeu até arranjar outro sítio " *para as suas invocações rituais* ". A única coisa que indignou o pai foi o facto de Charles ter recorrido a termos químicos abstrusos durante a conversa mas nem por isso deixou de pensar que afinal o filho não estava louco. Era para ele inconcebível ver outra face do filho. Esse outro lado, louco, blasfemo, parecia diabólico. A loucura tem um carácter diabólico.

Havia várias coisas misteriosas e difíceis de explicar. O gato foi encontrado morto " *com o corpo todo inteiriçado, os olhos em alvo e a boca distorcida* " (op.cit.,p.69), como se tivesse morrido de pânico. Na biblioteca, de onde Charles tinha retirado todas as obras modernas, havia qualquer coisa de anormal " *tanto no aspecto material como no espiritual* " (idem,p.70). O retrato de Curwen tinha desaparecido; reduzira-se a um pó fino, azul esverdeado, caído no chão. Mas nem por isso a biblioteca deixava de provocar mal-estar em quem lá entrava. O pânico era de tal modo primitivo e difícil de suportar que era projectado nos animais e no espaço que se tornava estranho. Com o desaparecimento do retrato deixa de poder ser projectado de uma maneira polarizada e provoca um mal-estar difuso objectivado no ambiente.

Charles, não demonstrava o mínimo desgosto pelo desaparecimento do retrato que em tempos tanto o entusiasmara. Ao contrário, ria-se do facto de este estar agora reduzido a pó e isto parecia paradoxal. Entretanto as mudanças que se operam em si começam a tornar-se cada vez mais aparentes. O seu aspecto é cada vez mais atribulado, dedica-se a fazer buscas em sítios ligados à vida de Curwen incluindo a sua casa, no laboratório do sótão censura-se a si mesmo aos gritos e quando interrogado pelo pai sobre o que se passa, declara " *que havia toda uma série de conflitos de esferas de consciência que só com grande habilidade ele podia evitar, tentando transferi-los para outros domínios* " (op.cit.,p.72). Sente-se portanto cada vez mais perseguido. Partes de si entram em conflito e começa a ter a percepção de que só projectando-as se livra do conflito.

A sua expressão também se mostra cada vez mais alterada. O mordomo assustou-se com ele, porque " *havia no olhar que Charles lhe deitou algo de blasfemo. A seu ver, aqueles olhos nunca mais poderiam fitar os olhos de pessoas de bem* " (idem). Também se referem ao olhar de " *um monstro de olhos ardentes* " os sobreviventes de actos de vampirismo que se verificam na altura e que os alienistas imputam a Charles.

Projectava-se-lhe, portanto, no olhar a loucura que era sentida como um ultraje àquilo que há de humanidade no ser humano. Notava-se-lhe no olhar a avidez do interior dos outros, projectada em fantasias de vampirismo.

Como era durante a noite que Charles recebia as mercadorias em sua casa, aconteceu que uns camiões que para lá se dirigiam foram assaltados por bandidos que assim esperavam obter álcool, mas consternados com o conteúdo sinistro enterram-no. No entanto a polícia resolve investigar e encontra um conteúdo a tal ponto hediondo e vergonhoso que abafa o sucedido para que a população não tome conhecimento da "*infame profanação*". Quando interrogados, Charles Ward e os seus companheiros, explicam que precisavam de espécimes anatómicos para as suas experiências mas não sabiam nada da sua "identidade". As actividades de Charles ultrapassavam o domínio do banditismo porque não se limitavam a agir contra a lei, estavam mesmo fora desse âmbito porque feriam a humanidade do homem, clivando-o em partes, não lhe conferindo identidade. Isto só podia causar consternação, ser sentido como infame e hediondo. Charles profanava os corpos ao dessacralizá-los e as almas ao vampirizá-las.

Todavia o Dr. Willett que sempre conhecera o jovem recusa-se a acreditar que os actos de vampirismo fossem cometidos por ele, pois o via cada vez mais pálido e anémico. Na verdade, Willett, tal como os polícias, não conseguia conceber a inhumanidade da loucura. Esta inhumanidade "*infame*", provocava consternação porque traumatizava. Era preciso abafá-la, negá-la porque não encontravam meios de a controlar.

Quando Charles se muda para a cabana de Pawtuxet, que adquiriu por um preço exorbitante, é durante a noite que para lá transporta os livros e material de laboratório. Durante algum tempo ocupa a cabana e regressa ao terceiro andar de sua casa que, antes de se mudar para o laboratório, sempre ocupara. Dir-se-ia que tal como Curwen em tempos, Ward levava agora duas vidas separadas e completamente distintas, duas existências clivadas. Em casa volta a ocupar o anterior papel de filho, enquanto em Pawtuxet é um sinistro feiticeiro.

Também como o seu antepassado, apesar de se mostrar afável, desperta suspeitas por ter as luzes acesas toda a noite, por encomendar quantidades excessivas de carne de talho, e por produzir ruídos estranhos durante a noite que pareciam provir das caves da casa. A esta panóplia de motivos acrescentam-se os outros habitantes da cabana de Pawtuxet; um criado mal-encarado e um desconhecido que vem a ser apresentado como Dr. Allen e é descrito como sendo "*muito magro de óculos pretos, barba cerrada, semblante funéreo...de poucas falas*" (op.cit.,p.75). A sua voz grave que perturbava, assustava, despertou em Mr. Ward, quando a ouviu pela primeira vez,

"vagas recordações".

A voz de Charles também tinha mudado: era agora um " *murmúrio rouco que fazia arrepiar*", era uma voz " *estranha e cavernosa*", parecia anormal. Charles mete medo não apenas pelas suas próprias características ou comportamentos mas também pelas companhias estranhas, particularmente o Dr. Allen que pela descrição parece uma representação do próprio demônio. Willett, que conheceu o rapaz desde nascença, debate-se e insiste em acreditar que ele está inocente de toda esta loucura diabólica e que alguém o manipula e lhe quer mal. Assim, quando a certa altura recebe uma carta de Charles que lhe pede ajuda, considera-a a sua última manifestação ajuizada enquanto o Dr. Lyman não vê na missiva mais do que a prova cabal da '*dementia praecox*' de que o jovem padecia. Mas a carta era de molde a tocar Willett, que mais do que médico era amigo da família. Nela o jovem confessa que tendo sonhado com a glória deparou com o terror e que tendo esperado ter com ele uma conversa que fosse "um grito de triunfo" afinal lhe dirige uma súplica. Mostra-se preocupado com a sua salvação e a do mundo mas diz: "*como poderei salvar-me e salvar o mundo de horrores que ultrapassam quaisquer conceitos ou cálculos humanos*". E mais adiante: "*fiz surgir à luz do dia uma monstruosidade nunca vista e fi-lo por amor da ciência*". Diz que é preciso repetir o ataque à quinta de Pawtuxet e previne o médico de que não deve acreditar se lhe disserem que ele, Charles, lá está pois "*é preciso evitar a perdição do cosmos*". Em *Post Scriptum* acrescenta ainda: "*Disparem à vista contra o Dr. Allen e dissolvam o corpo num ácido. Não o queimem.*" (op.cit.,p78)

Willett, impressionado, acredita que o rapaz está sob a influência nefasta de Allen tanto mais que quando responde ao seu chamado não o encontra em casa e Mr. Ward informa-o mais tarde de que tinha recebido um telefonema desta personagem sinistra dizendo que Charles não ia poder aparecer porque tinha de ficar a substituí-lo por uns tempos no acompanhamento das experiências pois se ia ausentar. Nem o Dr. Willett nem Mr. Ward ficaram sossegados, até porque entretanto começaram a dar-se conta de que há muito o jovem dactilografava as suas cartas e quando escrevia à mão a caligrafia era estranha. Os textos não possuíam o seu estilo habitual; "*eram estranhos e arcaicos como se os delírios do autor tivessem libertado uma torrente de tendências e impressões contraídas inconscientemente*", a linguagem era obsoleta e até a caligrafia era antiquada. Assim resolvem um dia visitá-lo na cabana. O rapaz desculpa-se por não estar presente quando o Dr. Willett atende ao seu chamado dizendo que os seus nervos o levavam a fazer e a dizer o contrário do seu desejo, mas que isso não admirava porque qualquer homem ficaria apavorado diante do que ele descobrira. Esperava ainda um dia dar um contributo importante para a história, a filosofia e as artes. O Dr. Allen era um homem de talento e Charles desejaria muito não se separar dele e na verdade era o

temor da sua obra que o levava por vezes a temer o seu principal auxiliar. Willett fica surpreendido com a negação do que o jovem lhe tinha dito anteriormente por carta. Charles oscilava entre libertar-se de uma parte de si louca e monstruosa ou torná-la sua aliada.

Finalmente o Dr. Willett e Mr. Ward resolveram ir à cabana procurar outros documentos que pudessem fazê-los compreender a perturbação de Charles e tentar convencê-lo a deixar-se tratar. Ao contrário das suas expectativas o jovem mostrou-se dócil, cordato e tão sensato que não o teriam internado se ele não continuasse a usar uma linguagem arcaica e a substituir ideias modernas pelas antigas. Quando lhe perguntaram pelo Dr. Allen disse que não podia responder livremente, mas que ele voltaria logo que necessário.

Charles é então internado e, na clínica, descobrem-lhe características físicas estranhas: é o metabolismo demasiado lento, a pele modificada, as reacções nervosas paradoxais. Mas além disso, e o Dr. Willett bem o sabia pois o conhecia desde nascença, tinha-lhe desaparecido um sinal negro da anca e aparecera-lhe no peito uma cicatriz. O médico suspeitou tratar-se da "*marca do feiticeiro*" imposta em rituais nocturnos. O seu rosto também se tinha modificado; sobre o olho direito via-se-lhe agora uma cicatriz exactamente igual à de Curwen, que Willett atribuiu a alguma "*inoculação ritual*". O jovem tinha sofrido uma metamorfose a todos os níveis da sua identidade incluindo o físico. Ora esta mudança física parecia uma coisa funesta só justificável por uma inoculação perniciosa, como se o mal fosse qualquer coisa que pudesse administrar-se.

Mr. Ward e o Dr. Willett decidem em primeiro lugar confiscar-lhe o correio e depois procurar os famigerados subterrâneos que se dizia existirem sob a cabana de Pawtuxet.

Chegam duas cartas endereçadas ao Dr. Allen mas que na verdade eram dirigidas a Curwen, uma proveniente de Praga e outra de Rakus na Transilvânia. A primeira referia-se a uma "Cousa" que o receptor da carta teria tirado do solo em 1769 e a outras que "*Elle extraiu do Cemitério Velho em 1690 e por pouco não deram cabo delle*". O mesmo teria acontecido ao subscritor havia 75 anos no Egipto do que teria resultado a "*Cicatriz que o jovem pôde ver no meu corpo em 1924*". *Recomenda cuidado nas invocações e aconselha: "Tenha sempre á mão as Palavras que serenam..."* Acrescenta ainda: "*Na minha próxima Encommenda receberá Algo proveniente de huma Tumba situada no Oriente que lhe dará muita alegria...*" (op.cit.,p89) Esta carta é assinada com o nome de Simon O. A segunda carta assinada por Edw. H. e dirigida a J. Curwen, para além de acusar a recepção de sarcófagos e de se referir a "*Conversas com Aquilo que foi Inhumado*" e a fórmulas de invocação, acrescenta: "*O Rapaz recorre a*

elas muitas vezes? É pena que ele se mostre tão Escrupuloso, como eu tinha receado quando Elle aqui passou comigo quinze Meses...Pode dominá-lo com a Fórmula que só Opera sobre aquelles que a outra Fórmula extraíu dos Saes; além disso,tem a força das Mãos e o Punhal e a Pistola, e uma Sepultura não é difícil de abrir, e os Acidos não se recusam a actuar.... Dentro de hum ano será possível impôrmo-nos às Legiões Subterrâneas e o nosso poder não terá Limites ". Havia em Charles uma réstia de sanidade que se mostrava escrupulosa. No entanto as múltiplas personagens em que se clivara perseguiam-no. Enfraquecidas, todas elas almejavam impôr-se de forma onnipotente aos outros impulsos de Charles.

Willett convenceu-se de que quem manobrava tudo aquilo era o Dr. Allen e não Charles, mas quanto ao facto de as cartas serem dirigidas a Curwen sentia-se perplexo porque embora fosse fácil tirar conclusões " a monstruosidade tem limites ". O jovem corria perigo de vida mas estava convencido de que o " Dr. Allen tinha relações espirituais importantíssimas com certas almas do passado e que o correspondente de Praga possuía concerteza dons semelhantes " (op.cit.,p.90).

Chegados a este ponto dos acontecimentos, dos conhecimentos e dos medos, Mr. Ward e o Dr. Willett resolvem ir explorar a cabana de Pawtuxet e procurar a cave. Tinham discutido durante toda uma noite e estavam ambos convencidos de que existia um movimento mundial relacionado com a necromancia, que desse movimento faziam parte dois indivíduos que existiam desde 1690, que se dedicavam a extrair das cinzas de grandes homens a inteligência e a sabedoria e que com isso esperavam açambarcar poder e saber superiores aos que alguma vez estiveram concentrados num só homem ou num grupo. Conheciam uma fórmula para invocar uma "forma" a partir dos "Sais Essenciais" e outra para a aniquilar, e tanto Curwen como Charles teriam certamente invocado muitas coisas proibidas provenientes do " exterior das esferas ". Do espírito de Charles ter-se-iam sem dúvida apoderado forças que o compeliavam para as coisas ignoradas. " Seria então possível a possessão demoníaca? " (op.cit.p,94).

Não havia dúvida de que tinham de ir explorar a cabana.

Nela descobriram um alçapão que dava entrada para a cave mas mal o abriram e Mr. Ward se inclinou sobre o buraco negro, logo vacilou atordoado pelo cheiro nauseabundo. Estava incapaz de continuar a exploração e por isso foi o Dr. Willett quem dali em diante continuou a tarefa.

A partir daqui Willett deixa de ser o Dr. Willett para passar a ser Marinus Bicknell Willett, o ser humano que ao tentar seguir as pisadas de Charles Dexter Ward, "passou pela terrífica experiência que na sua alma deixou a marca indelével do medo e que à sua idade real, muito distante já da juventude, acrescentou mais dez anos." (op.cit.,p.93). Willett mergulhou na loucura de Charles e com isso na sua própria

loucura.

À entrada - aquele "buraco fétido", aquele "estígio buraco" que exalava um "cheiro mefítico" vindo da cripta - seguia-se um poço cilíndrico, uma escada de pedra e finalmente um subterrâneo de construção antiga com paredes cobertas de musgo de séculos. À medida que Marinus Willett avança multiplicam-se as referências ao espaço. São os imensos corredores, as ciclópicas abóbadas, as inúmeras portas que se abrem sobre gabinetes e câmaras onde existem estranhos objectos do passado ou caixões de chumbo de aspecto sinistro. Tudo isto é envolvido por uma obscuridade que se vai adensando e pesando. O cheiro também se torna cada vez mais insuportável e só é comparável ao som, "um som ímpio, um insidioso ultraje à natureza...um lamento descarnado, o queixume de uma alma amaldiçoada, o uivo do desespero e da angústia, emitido por um ser de carne sem alma". Nele havia algo de "essencialmente repugnante e espiritualmente abjecto" (op.cit.,p.96).

A descida ao subterrâneo, desde a abertura sugerindo uma cloaca, até aos espaços interiores enormes, escuros e estranhos fazendo lembrar o interior de um corpo mortífero, é ao mesmo tempo uma viagem a um interior de conteúdos desconhecidos e assustadores de Charles e de Marinus Willett e aos abismos da loucura. Nestes interiores, ambos encontram objectos bizarros que provindos de épocas diferentes, se misturam de forma incompreensível.

Quando finalmente Willett se encontrou numa câmara que parecia ser o gabinete de trabalho de Charles, viu sobre uma escrivaninha montes de papéis antigos e recentes. O que parecia estranho era o facto de existirem, a par dos antigos, papéis contemporâneos que não sendo do punho de Charles eram de data recente, outros que contendo símbolos, fórmulas ou notas numa caligrafia idêntica à de Curwen eram também de data recente mas nenhum havia que tivesse sido escrito por Allen. Naquele subterrâneo, antigo e recente misturavam-se de um modo estranho porque mesmo aquilo que com toda a plausibilidade parecia recente tinha a marca do passado, lembrando os conteúdos internos do inconsciente.

No amontoado de papéis Willett deu repetidamente com um par de fórmulas que acabou por decorar. Estas fórmulas eram encimadas por dois símbolos arcaicos; o da "Cabeça do Dragão" ou nó ascendente e o da "Cauda do Dragão" ou nó descendente. A configuração destas fórmulas era a seguinte:

<p>Y'AI 'NG'NGAH, YOG-SOTHOTH H'EE-L'GEB F'AI THRODOG UAAAH</p>	<p>OGTHROD AÍF GEB'L-EE'H YOG-SOTHOTH NGAH'NG AÍY ZHRO</p>
---	--

Willett apercebeu-se que para além do nome estranho Yog-Sothoth, que ele já tinha visto em qualquer sítio, e dos monossílabos finais as duas fórmulas eram o inverso uma da outra. Acabou por se lembrar que a primeira fórmula estava ligada aos horríveis acontecimentos da Sexta-Feira Santa do ano anterior.

Tinha de procurar o laboratório oculto na cripta mas os sons, os cheiros e tudo o que ia encontrando eram tão repugnantes que achou por bem evitar pensar, particularmente quando começou a encontrar salas atafalhadas de caixões e celas exíguas donde, apesar de estarem vazias provinha um cheiro fétido. A meio daquele espaço enorme que a lanterna não iluminava completamente viu um conjunto de colunas como monolitos no meio das quais havia um altar com altos relevos estranhos manchado de sangue seco.

Nesta sala das colunas o cheiro, ainda mais pavoroso e " *o ruído mais horrísson* " (op.cit.,p.99), pareciam provir duma zona inferior e deu-se conta de que algumas das lages do chão tinham orifícios donde emanavam os cheiros mais intensos. Aquelas lages seriam talvez alçapões que " *estabelecessem a ligação com as regiões do horror* " (op.cit.,p.100). Com grande esforço ergue uma lage e sente um " *fedor inominável* ". Vê um poço cilíndrico, fundo e estreito, sem escada. Lá do fundo ouviam-se gritos horríveis acompanhados de ruídos que lhe fizeram supor que quem quer que estivesse lá em baixo tentava desesperadamente trepar mas escorregava e caía. Não era a única aquela " *criatura hedionda* ", porque havia muitos outros poços donde provinham cheiros e gritos semelhantes. Tentou iluminar o fundo do poço: " *vindos lá do fundo, os miasmas, o escuro e o queixume frenético; e de súbito viu um vulto negro a dar pulos desajeitados e frenéticos no fundo do poço estreito* " (op.cit.,p.100). " *Era uma coisa parecida com os altos relevos do altar, mas viva. Não devia ser coisa criada pela natureza, pois era evidente que estava inacabada. As deficiências que apresentava eram surpreendentes e as anomalias das proporções não podem ser descritas...* " (op.cit.,p.101). Não podia ser obra da Natureza uma coisa tão imperfeita e horrível.

Marinus Bicknell Willett, viria a arrepender-se de ter olhado com atenção porque nunca mais foi o mesmo. O que ele viu permitiu-lhe " *intuir relações cósmicas obscuras e realidades inomináveis por detrás das ilusões protectoras da visão comum*." (idem,p.101). Nunca descreveu o que viu e no momento em que o viu ficou tão louco que deixou cair a lanterna e começou a " *gritar sem parar, apavorado, numa voz de falso...incapaz de se manter de pé, rastejou e rebolou-se desesperadamente sobre o lajedo húmido debaixo do qual dúzias e dúzias de poços infernais respondiam, uivando e gritando, aos seus próprios gritos de louco. Rasgou as mãos nas lajes rugosas e bateu muitas vezes com a cabeça nas colunas que encontrava pelo caminho...Estava banhado em suor, sem luz para se orientar, abatido diante do abismo negro, acabrunhado por*

imagens que jamais podia varrer da memória." (idem,p.101)

Aquelas criaturas hediondas tinham por certo sido extraídas dos " *sais imperfeitos* " para serem usadas com fins servis ou rituais e estavam agora a morrer à fome havia pelo menos um mês, desde que Charles fora internado. Horrorizado, Willett começou a pensar na frase que tinha lido na carta de Simon Orne para Curwen sobre a " *viva Abominação* " que Hutchinson havia produzido e no corpo carbonizado que restara do ataque à quinta de Pawtuxet que " *não era nem completamente humano nem se assemelhava a qualquer animal que a gente de Pawtuxet alguma vez tivesse visto ou viesse referido em qualquer livro.* " (idem,p.102)

Estas palavras afligiram-no de tal modo que para as afastar da consciência começou a rezar o padre-nosso, a murmurar mnemónicas, os versos de T.S.Eliot " *Waste Land* " e por fim veio-lhe à cabeça a fórmula dupla que tinha lido na biblioteca e sentiu-se mais calmo. O terror de estar perdido naqueles subterrâneos sem luz levou-o a correr dali para fora.

Vai ter a uma câmara que percebe ser o laboratório de Charles. Nele vê muitos reagentes que indicavam que o rapaz se dedicava ultimamente a estudos de química orgânica, uma mesa de dissecação de " *aspecto macabro* ", um antigo exemplar de Borellus em que Ward havia sublinhado a mesma passagem que Curwen tinha sublinhado. Do laboratório partiam três portas: duas davam para cubículos de arrumações que estavam cheios de caixões com placas de identificação com dizeres que mais uma vez fizeram Willett estremecer. A terceira porta dava para uma câmara em que estavam dispostos recipientes pequenos etiquetados uns com a inscrição latina *Custodes* e outros com a inscrição *Materia*. Continham pequenas quantidades de pó fino com vários tons da mesma cor neutra que tinha a particularidade de ser não adesivo. Ora Willett sabia que as ditas palavras significavam guardas e materiais respectivamente e que tinha lido a palavra *Custodes* numa carta de Hutchinson para o Dr. Allen em que aquele dizia que " *não havia necessidade de ter Guardas em Carne e Osso e mantê-los na ignorância de Tudo; como bem Sabe, foi depois mais difícil socorrer-se delles no Momento do Perigo.*" (op.cit.,p.105)

Bastava pois manter os guardas naqueles recipientes sob a forma de sais para que guardassem os restos mortais dos maiores pensadores de todos os tempos. A sua finalidade era a de extrair deles os conhecimentos para aniquilar " *toda a civilização, toda a lei natural, talvez até o destino do sistema solar e do universo.*" (op.cit.,p.106)

Ao fundo do laboratório havia uma pequena porta sobre a qual se via uma inscrição que lhe provocou um sentimento de horror; tratava-se do sinal de Koth, sinal muito poderoso que significava " *os abismos negros do sono* ". Quando entrou e sentiu o cheiro químico intenso, o mesmo que exalavam as roupas de Charles, invadiu-o " *uma*

vaga de terror sem nome ". Havia paredes vazias cobertas de símbolos místicos e fórmulas e no chão um pentagrama ao centro e quatro círculos, um em cada canto da sala. Sobre um dos círculos estava uma taça de chumbo com um pó esverdeado muito leve e fino. Willett começou a olhar para as fórmulas inscritas nas paredes e verificou que uma delas era a da "*Cabeça do Dragão*" e a outra era a da "*Cauda do Dragão*" mas os dizeres estavam escritos numa versão arcaica e ele pôs-se a entoar a fórmula que conhecia para ver se a adequava à inscrição mural. "*A sua voz ecoou, estranha e ameaçadora naquele abismo de antigas blasfêmias e a salmodia harmonizava-se perfeitamente com o sussurro infernal que, ritmicamente, se erguia dos poços e impregnava a escuridão e o ar empestado...*" (op.cit.,p.109). Nessa altura começou a soprar um vento frio, a luz dos candeeiros diminuiu de intensidade , levantou-se um fumo denso e de cheiro acre que se sobrepôs ao dos poços. Willett olhou para a taça e viu que o pó que ela continha se levantava numa névem de vapor esverdeado. Um vulto formava-se atrás da névem mas depois disto não deu acordo de mais nada.

Foi encontrado por Mr. Ward no andar de cima e quando veio a si "*tremia e gemia e soluçava: 'Essa barba...esses olhos... Meu Deus! Quem é o senhor?'*" (op.cit.,p.110) Não havia dúvida de que estava muito transtornado para não reconhecer um amigo de infância.

À parte o cheiro acre que libertava e as rugas nos joelhos do fato não apresentava mais nada de estranho. No entanto a mala que tinha levado e que dizia estar cheia de papéis recolhidos no subterrâneo estava de facto vazia. Só no bolso encontrou um papel escrito em minúsculas saxónicas do século VIII ou IX depois de Cristo escrito em latim e que dizia: "*Curwen tem de ser morto. O corpo tem de ser dissolvido em água-forte, até ao último resquício. Guarda silêncio tanto quanto possível*" (op.cit.,p.111)

Tanto o Dr. Willett como Mr. Ward ficaram perplexos e assustados e resolveram no dia seguinte ir à clínica fazer uma visita a Charles. As feições do rapaz tinham mudado tanto que inspiravam terror, pois parecia que Charles tinha "*atraído a cólera dos céus*" (op.cit.,p.113). O médico contou a Charles o que sabia e tinha vivido com o maior dramatismo mas isso não parecia exercer qualquer efeito sobre ele. Willett mostrou o máximo da sua indignação ao referir-se às criaturas que no subterrâneo morriam de fome. A resposta de Charles deixou-o horrorizado: "*Eles comem, sim, mas não precisam de comer!...O raio que as parta, a essas coisas malditas, já para lá estão a uivar desde que o Curwen se foi, há cento e cinquenta e sete anos!*" (idem,p.113). Nada parecia impressionar Charles; nem mesmo o facto de Willett dizer que conhecia e tinha pronunciado a fórmula mágica. "*Se conhecesse as palavras necessárias para invocar aquilo que estava na taça, doutor, não estaria aqui a falar*

comigo..." (idem,p.113). Willett recitou a fórmula e viu pela primeira vez o terror no rosto de Charles Ward. Mas foi só quando de súbito o médico lhe apresentou o papel que tinha trazido no bolso da cripta que o jovem Ward caiu desmaiado. Depois de voltar a si só falava da urgência que tinha em comunicar com Hutchinson e Orne sem se preocupar com o facto de o médico o informar de que o Dr. Allen tinha sido aconselhado por um desses senhores a assassiná-lo.

Entretanto Mr. Ward tinha contratado dois detectives para colherem informações sobre o estranho Dr. Allen pois do seu ponto de vista era absolutamente necessário prendê-lo ou mesmo destruí-lo. Se a reencarnação fosse de facto possível então com Allen destruiriam também Curwen, de quem aquele parecia considerar-se um avatar.

Ao que apuraram os detectives em Pawtuxet, o Dr.Allen era visto como um ser sobrenatural que usava uma barba pintada ou falsa, tinha uma voz cavernosa impossível de esquecer e um par de óculos negros que não conseguiam esconder um olhar maléfico. Os comerciantes diziam que a sua caligrafia era confusa e dificilmente legível e a maioria das pessoas pensava que era Allen o responsável pelos actos de vampirismo ocorridos na região. Alguns referiram-se também a uma pequena cicatriz sobre o olho direito.

De facto umas barbas postiças e um par de óculos pretos foram encontrados no quarto que Allen ocupara na cabana de Pawtuxet. Aperceberam-se de que até àquela altura nunca ninguém tinha alguma vez visto Charles e Allen juntos e começaram a imaginar que Curwen, Allen e Charles eram uma " *blasfema e abominável fusão*" que " *envolvia dois séculos e duas pessoas* ". " *Sentiam-se invadidos por um pavor profundo, subtil, insidiosamente cósmico* " (op.cit.,p.116). Esta ideia era de tal modo insuportável que Mr. Ward teve de a confirmar entregando aos detectives uma fotografia do filho sobre a qual desenhou uma barba e um par de óculos. Depois de os detectives terem vindo com a confirmação do reconhecimento o Dr. Willett achou dever tomar a seu cargo a resolução de todo aquele problema.

Fechou-se na biblioteca, pediu que lhe acendessem a lareira, reuniu todos os objectos que ainda havia no antigo laboratório desmantelado e queimou todos os vestígios das antigas actividades de Charles. Ouviam-se do lado de fora gritos abafados, ruídos estranhos e desagradáveis e espalhou-se uma fumarada negra, acre e pestilencial. Por fim Willett abriu a janela e começou a espalhar-se pela casa um ar puro e sadio misturado com um cheiro a desinfectante.

Os painéis que encimavam a lareira lá estavam no mesmo sítio mas pareciam agora absolutamente inofensivos. Quando o médico saiu limitou-se a declarar que havia diversos tipos de magia e que fizera uma purificação total e que todos podiam doravante

dormir descansados naquela casa.

Willett é que não ficou descansado porque chegado a casa fechou-se no quarto e caíu de cama durante três dias.

Os criados murmuraram depois que um dia à meia-noite o tinham ouvido sair do quarto sorrateiramente. No dia seguinte podia lêr-se no jornal uma nova notícia sobre violações de sepulturas. Na verdade isso aconteceu por duas vezes mas enquanto da primeira vez parecia não ter chegado a existir violação porque o homem surpreendido pelo vigilante se pôs em fuga, da segunda vez o incidente foi descrito pela polícia como um acto de selvajaria em que foi roubado um caixão e a lápide destruída. O vigilante do cemitério descreveu o intruso como um homem baixo e de barba e a polícia falou de um sacrilégio perpetrado por um bando de incréus.

Entretanto Willett tinha de terminar a sua tarefa. Mas antes, escreveu uma carta ao seu amigo Mr. Ward avisando-o que ia pôr termo a toda aquela aventura e preparando-o para o que ia acontecer. " *A fuga de Charles - diz - não significa que possas recuperá-lo. Ele foi atingido por uma moléstia estranha, como o comprovam as suas metamorfoses físicas e mentais e não poderás esperar vê-lo de novo...ele nunca foi nenhum monstro, nem doido, foi tão-sòmente um rapaz curioso, estudioso, perdido por causa do seu amor ao mistério e ao passado. Descobriu coisas que nenhum mortal devia conhecer,recuou até às idades a que não é possível regressar; e dessas idades veio ter com ele algo que o devorou... Poderás entretanto erigir-lhe uma campa no Cemitério do Norte, dez pés a oeste da sepultura do teu pai, será aí o local do eterno descanso do teu filho. Não fiques convencido de que nesse lugar dorme algum monstro ou abominação. As cinzas depostas nessa campa são carne e osso da tua carne e dos teus ossos...são as do verdadeiro Charles Dexter Ward cuja inteligência viste desenvolver-se, são as daquele que tinha na anca um sinal em forma de azeitona, as daquele que não tinha qualquer mancha no peito ou cicatriz no olho, do Charles que nunca fez mal a ninguém e que pagou com a vida o ser demasiado escrupuloso "* (op.cit,p.121)

No dia seguinte Willett foi visitar Charles que se mostrou mal disposto. O facto de o médico ter descoberto a cripta e ter vivido nela uma experiência monstruosa provocava constrangimento entre ambos. Além disso o doente apercebia-se de que se tinha operado no médico uma "*mudança que dele fazia agora um vingador implacável*" (idem,p.121).

De facto Willett ía bem determinado a realizar o seu plano. Resolveu revelar as descobertas que tinha feito e começou por informar acerca da descoberta dos disfarces do Dr. Allen. Ward procurando ironizar disse que esperava que a barba e os óculos assentassem melhor a Allen do que a barba e os óculos de Willett assentavam no

próprio. O médico mostrou saber que era o doente quem usava os disfarces fazendo-se passar por Allen e que pouco importava que alguém tivesse mais que uma personalidade desde que tivesse direito a existir, " *desde que não destrua aquele que o fez regressar do espaço* " (idem,p.122). Revela então ter enterrado as cinzas do que tinha encontrado no armário da biblioteca na futura sepultura de Charles mas que não ia fazer qualquer denúncia à polícia por não se tratar de um caso normal. " *É uma aberração exterior ao tempo, um horror que se situa além das esferas e que está fora da competência da polícia, dos juristas, dos tribunais, dos alienistas... Joseph Curwen... Sei como descobriu o encantamento que ficou suspenso durante anos, como acabou por se apoderar do seu duplo e descendente, sei como o atraíu até ao passado e o obrigou a desenterrá-lo da sua infame sepultura... Um homem só pode abusar da Natureza até certo ponto, Curwen, e os horrores por si fabricados vão acabar por aniquilá-lo!* " (op.cit.,p.123)

Curwen começou a chorar convulsivamente mas logo se recuperou para recorrer a gestos cabalísticos ao mesmo tempo que na sua voz cavernosa pronunciava uma fórmula terrífica. Willett reagiu pronunciando a fórmula da Cauda do Dragão ou sinal do nó descendente. Se a primeira fórmula tinha provocado a aparição daquele que escrevera a mensagem que o médico encontrara no bolso, esta reduziu imediatamente Curwen ao silêncio e transformou-o de num pó azul-esverdeado como o que tinha restado do seu retrato.

2. Análise do(s) mal(es)

Nesta história em espiral, duas coisas aparecem como particularmente nocivas para o homem e geradoras de terror: a morte ou os mortos e o seu mundo e a loucura.

A morte, que na verdade nunca é nomeada aparece representada pelo sentimento de horror quando é adivinhada, pelo ricto pavoroso estampado no rosto dos mortos e pela personagem de Joseph Curwen, ele é aliado do mundo dos mortos.

Curwen, por comunicar com o mundo dos mortos, é visto como uma figura maléfica. Ele partilha do carácter maléfico dos próprios mortos que parece ter adquirido por contaminação. Os mortos são sentidos como maléficos por se imaginar que pretendem prejudicar os vivos controlando-os e submetendo-os aos seus desígnios. Estes prendem-se com o poder e o saber.

Assim torna-se perigoso o próprio Curwen, não só por poder ser utilizado como instrumento dos mortos mas também porque, no seu desejo de poder e saber,

pretende servir-se dos mortos, controlá-los, ressuscitá-los para os submeter e através deles tornar-se poderoso. Verifica-se assim a organização de uma conceptualização circular através de um sistema de identificações projectivas em que os mortos são acusados de ter os mesmos desejos que os vivos. Estes desejos são quase sempre maléficos mas subsiste a ambiguidade, uma vez que aos mortos é atribuído um carácter demoníaco mas também sagrado. Repugna por exemplo à sociedade de Providence que Curwen, ou mais tarde Charles, ao violarem sepulturas toquem um domínio que deveria ser considerado sagrado. Repugna-os, também, que Curwen, importe múmias e fale disso com familiaridade, quando devia mostrar temor e reverência.

Isto diz bem do estatuto enaltecido que adquirem os mortos que, sendo superiores, são também atingidos pela ambivalência dos vivos, tal como Freud tinha já observado. Mas além disso, este estatuto é ainda confuso, porque os mortos não são qualificáveis: eles não parecem nem homens nem animais, e por isso mesmo são bizarros e hediondos. A sua indeterminação repugna. Além disso, o seu mundo é a zona do horror e do pavor. Estes sentimentos tão intensos, radicais e arcaicos que surgem a classificar o mundo dos mortos são afinal os sentimentos que a própria morte provoca nos vivos. Ela não pode ser concebida ou compreendida e por isso é quase sempre representada apenas pelos sentimentos que provoca. É também um dos golpes mais radicais infligidos no narcisismo do ser humano. Impossível de evitar ou de controlar provoca um doloroso sentimento de impotência que é reinvertido e projectado em Curwen, que figura como personagem eterna e portanto dotada de onipotência. Esta suposta imortalidade faz dele poderoso e torna-o alvo de uma inveja que por projecção o transforma numa figura maléfica.

A loucura aqui representada por Charles Dexter Ward é também considerada como nociva. Ela tem um carácter aberrante e pernicioso que subtilmente se introduz naqueles que com ela contactam. Tal como a morte também ela é passível de contágio. Marinus Willett enlouquece por procurar compreender a loucura de Charles Dexter Ward. A loucura resiste à possibilidade da compreensão humana porque é incoerente. Essa incoerência característica da loucura está patente na incoerência do próprio Charles. Nele se encontra uma discordância a vários níveis: as suas expressões não se coadunam frequentemente com as emoções, os seus desejos são incompatíveis e entram em conflito uns com os outros, a sua escrita e a sua linguagem estão em dissonância com a época em que vive, os seus hábitos de vida são divergentes dos dos outros e até as suas funções corporais não têm harmonia.

Mas aquilo que na loucura surge como mais assustador é o facto de ela tornar o homem que antes se conhecia, irreconhecível. Charles, depois de enlouquecer mostra

uma face de si que já não é ele, é outro. Assim sendo, isto bastaria para provocar nos outros a estranheza. Tanto Willett, como todos os outros que contactavam com ele se sentem incapazes de acreditar naquela loucura; já não o reconhecem. No entanto Marinus Willett que tenta mais de perto compreender, em si próprio a mesma loucura escondida, os mesmos recônditos subterrâneos.

Ora o terror provocado pela loucura parece justamente ter subjacente o reconhecimento em outrém de aspectos loucos do próprio. Ela é por isso sentida como muito próxima e passível de nos contaminar.

Por outro lado fere a vários outros níveis mais fundamentais e mais básicos. Como referimos mais acima fere a Natureza Humana porque não só apresenta uma face não humana do louco como também transforma o outro em não humano, em coisa. Charles e os seus companheiros, ou seus duplos por clivagem, cliva também os outros seres humanos; usa-os aos bocados, vivos ou mortos (confundindo reinos e ordens diferentes) para as suas experiências. Não entende a ordem humana das coisas, nem a sobrenatural.

A loucura é então essencialmente má e maléfica porque não é possível controlá-la; ela alastra, contamina os outros, provoca sentimentos confusos e aterradores. O olhar de Charles torna-se "*blasfemo*", a sua voz torna-se demoníaca.

Mas além disso ela surge como uma deconstrução, uma redução ao primitivo patente no modo como atinge os animais e os seres humanos ao nível do sensorial; provoca uma desordem dos sentidos que faz com que os odores sejam inomináveis, as visões terríficas.

Este inominável e terrífico conduz-nos ao cerne da nossa problemática. É justamente o inominável, o nunca visto, o espantoso que é sentido como mau, essencialmente mau. Por um lado significa que o mau é tudo aquilo que é impossível de nomear. Nomear implica conferir uma identidade definida, poder conceber, discernir os limites. Para isso é preciso pensar. Ora vimos no caso de Charles Dexter Ward que o inominável é aquilo que se refere a emoções desordenadas, excessivas. O inominável é tudo o que é impensável porque apenas é vivencial. Estamos no domínio das experiências dos sentidos; daquelas que não puderam ser elaboradas e transformadas no que Bion denomina elementos alfa. Por isso também só podem ser projectadas (nos homens, nos animais ou no ambiente em geral) e retornam agredindo-nos. Este movimento é uma tentativa de transformação em elementos alfa não completamente eficaz porque circular.

É esta circularidade que constrói os seres aberrantes encontrados na cripta de Pawtuxet. Eles não são mais que objectos bizarros que ferem a alma pelo simples facto de existirem.

O mal quando entendido como pernicioso é portanto uma construção que emana directamente das experiências arcaicas que não pudémos elaborar. Refere-se ao passado, esquecido e oculto pela nossa face humana entendida como o conjunto das experiências que puderam ser elaboradas e pertencem à ordem do humano.

Daqui decorre uma relação óbvia entre o desejo de saber sobre o passado e o sinistro. Curwen era sinistro porque se interessava pelo passado. O mesmo acontecia com Charles. Ambos procuravam olhar para aquilo que era passado e oculto, aquilo que corresponde ao nosso "subterrâneo" inconsciente. Charles perde-se por isso. O contacto com o passado e oculto enlouquece-o porque se encontra face a face com aquilo que constitui o mais profundo e escondido do ser humano, a zona do horror, povoada de conteúdos aberrantes e mortos. A entrada na zona do horror deixa marcas indeléveis nos que nela penetram porque não conseguem elaborar o que lá encontram. Ficam para sempre dominados pelo horror, que de tão intenso se transmite aos seus semelhantes por contágio.

Assim parece naturalmente sinistro todo aquele que tenha penetrado nessa zona. Isso confere-lhe um carácter maléfico equivalente à violência dos conteúdos arcaicos dessa zona. Curwen torna-se, ele próprio não controlável, incompreensível e por isso motivo de terror. Sabia acerca do horror e tinha a mesma potência que é conferida aos conteúdos não elaborados, resistentes à capacidade humana de controlo pela compreensão.

Por isso entra no domínio do pensamento mágico que não separando representação de coisa parece ser o único sentido como adequado para esconjurar o mal ou os seus representantes.

A fórmula mágica que serve para chamar os mortos ou invocar os seus poderes, pronunciada no sentido inverso serve para os apaziguar ou mandar embora, fazendo-o assim coincidir a palavra com o movimento concreto. É assim que Marinus Willett faz desaparecer Curwen.

No entanto, mesmo que se tenham destruído ou remetido para a "zona do horror" os representantes do mal, ele persiste algures e por isso persiste o terror. Persiste o sentimento de que eles podem sempre retomar e apossar-se do mundo de face humana. Este sentimento está patente na repetitividade desta obra de Lovecraft. O maléfico que existe em Curwen transmite-se a Charles e deste a Willett que se transforma em vingador. Todos eles se transformam depois de terem visto os "aberrantes" ou "horrendas criaturas" do interior de si próprios.

Outra coisa que nos parece interessante é a relação, a quase coincidência que é estabelecida entre o mundo da morte ou dos mortos e o mundo da loucura. É que se por um lado nos parece, com Freud que sendo os mortos encarados como a ambivalência

caracterfisticamente atribuída às figuras parentais, por outro lado, não negando essa interpretação, pensamos que para além disso o facto de tanto as figuras parentais receberem projecções de conteúdos arcaicos e impossíveis de elaborar faz deles maléficis, equivalentes a demónios. Mas esses conteúdos pertencem-nos e sendo aberrantes e mortos do ponto de vista psicológico fàcilmente se estabelece uma relação entre esses conteúdos e os projectados nos mortos assim como uma relação entre a morte física e a loucura vista como morte psíquica.

Em suma: podemos dizer que o mal que aqui é focado não é essencialmente uma noção de ordem moral mas alguma coisa que pertence ao domínio do sentido, do que não se pode nomear porque sobre ele não incidiu a primitiva clivagem ordenadora. Trata-se do pernicioso ou maléfico no sentido do desordenado e primitivo. É a partir deste lastro de desordem ou de ausência de ordem que se ergue o mal. Ele é apenas percebido numa forma pura, sem a mediação do pensamento, e por isso atrai. Não se trata aqui de uma atracção comum mas de uma fascinação, em que o sujeito fascinado se dilui por fusão com o mundo da desordem.

V - DISCURSO III - ENTREVISTAS DE SEROPOSITIVOS

1. *Entrevista A*

I A um primeiro nível encontramos a constatação de que a situação é traumática por ter envolvido grandes mudanças psicológicas e comportamentais. Isto é evidenciado através de expressões como: "*Sempre fui uma pessoa muito acomodada. Aceitei tudo o que a vida me proporcionou...Agora...relativa mente a este caso não é assim.*"

II Provoca um sentimento de perplexidade patente em expressões como: "*Como é que isto me foi acontecer?*" Esta perplexidade refere-se à doença e à morte ambas difíceis de nomear claramente.

A doença é progressivamente denominada como:

isto -para evitar a evocação da morte;

injustiça -por ser entendida como punição,o que contém a negação do acaso;

inferioridade -por ser uma forma de fragilidade;

dependência -por se ficar à mercê dos outros.

A morte é progressivamente denominada como:

fim da vida -terminação de um percurso, limite da vida;

limitação -no sentido em que é inelutável e impede o homem de se prolongar indefinidamente no tempo de decidir acerca dela e de a tomar nas suas mãos, a isso reage de forma onipotente pensando no suicídio;

castração -no sentido de estar manietado do ponto de vista da possibilidade de se prolongar no tempo ("*como se me faltasse um membro* ").

III Surge uma necessidade de explicação/compreensão como defesa contra este sentimento de perplexidade. Esta necessidade de explicação organiza-se em torno de duas referências que implicam a construção de fantasias.

Essas referências são:

a Natureza e os seus designios ("*A natureza fez-nos homens e mulheres...o normal...é os homens relacionarem-se com as mulheres*")

o pressuposto subentendido de que existe uma autoridade com valor de figura parental premiando ou punindo.("*Nem nunca fui*

promíscuo...houve uma altura...em que fui...mas depois deixei de ser! Para mim era uma injustiça.")

A Natureza determinou uma ordem natural e a autoridade parental determinou uma ordem humana racional eliminando assim o acaso e regulando directamente os comportamentos.

A homossexualidade é anormal no sentido de **não-natural** ao mesmo tempo que é um acto de **hostilidade activa contra a Natureza**. (*"A homossexualidade é um atentado contra os desígnios da Natureza...É ir contra a Natureza..."*)

A promiscuidade é um desregramento, um relaxamento do controlo sobre o impulso sexual. Nesse sentido não é vista como um acto contra a Natureza mas como um exagero, uma falta de contensão que ultrapassa a ordem humana racional. (*"...não gostava de ser relaxado...tenho tentações mas não gosto de ceder a elas..."*)

IV A doença e a morte são justificadas como punições de actos de não observância de uma ordem natural e de uma ordem humana.

V Além disso encontram-se outras associações de ideias que envolvem a doença e a morte e que se relacionam mais directamente com o vivenciado.

A doença é **um mal que se projecta no corpo** (*"vêm as manchas e toda a gente vai ver"*), **que alastra** (*"Agora isto vai alastrar, vou ficar com o corpo cheio delas..."*), **que devora** (*"Imaginava o vírus a devorar os glóbulos todos"*).

A morte é **o não suportável, uma ideia que mata e até o anti-natural**. (*"...ela não aguentava. Até era capaz de lhe dar alguma coisa...o natural é que os filhos morram depois dos pais"*)

VI O mal aparece também ligado às ideias de mancha (*"Eu tenho alguns borrões"*), de incoerência (*"Há coisas que eu não faço porque...são feias...inestéticas. Não se ser coerente por exemplo"*) e de relaxamento (*"tentações...não gosto de ceder a elas por coerência"*). Neste caso surge como oponível a um ideal de perfeição do qual faz parte a beleza e já não como infracção. Ou seja; neste sentido surge como alguma coisa em oposição a valores de ordem narcísica. O mal é aqui o não perfeito e desse não perfeito faz parte uma constelação formada pelos conceitos de **sujo, incoerente, incontroado e feio**.

2. Entrevista B

I. A situação é sentida como traumática por ocasionar emoções negativas intensas: o desamparo, o terror, o pânico.

II. O imaginário organiza-se em torno de duas ordens de ideias: **a morte**, nunca pronunciada explicitamente, e **a contaminação**.

A **morte** surge ligada explicitamente a sentimentos de terror ou de horror ("que horror! Vou morrer amanhã. ").

A **contaminação** surge ligada explicitamente a sentimentos de pânico, nojo e repugnância.

III. As associações que surgem não parecem tanto ter um carácter defensivo para o equilíbrio do Eu como um carácter de necessidade imposta pela emoção intensa.

A morte é sentida como um limite a nível manifesto, o que está patente em expressões como: " *esperança de vida mais limitada* " ou " *eventualmente mais curta* " mas também como uma limitação, uma vez que é impossível de controlar (" *será que chego ao Natal?...* "). Assim conduz a sentimentos de impotência.

A ideia de contaminação que provoca pânico é a da alo- con-taminação e organiza-se a partir do conhecimento de que os fluidos do organismo(sangue, esperma, saliva) foram contaminados pelo vírus passando assim de produtos preciosos a produtos de contaminação.(" *...o sangue como símbolo da amizade,...uma preciosidade...Passa a ser um líquido contaminado...que ninguém pode tocar* "). Estes líquidos não só passam a " *intocáveis* " porque " *agredem* " como também provocam sentimentos negativos de " *nojo* " e " *repugnância* " .

IV. O **corpo** na sua totalidade é visto como um foco de infecção por identificação projectiva com o vírus. (" *se cuspsse podia infectar toda a gente* ").

V. O **Eu** por identificação projectiva com o corpo passa a ser visto ele próprio como foco de infecção ou como " *Inimigo público número um* ". Daqui resulta que por um lado o indivíduo se vê como o epicentro do mal, como intocável e por isso se isola e por outro lado que por projecção considera que os outros excluem e marcam e que o transformam num alvo da agressividade.

VI. Além disso surgem três outros tipos de associações: uma que em virtude das emoções negativas começa a fazer a ligação do saber com o negativo, outra que se prende com a impotência causada pela inevitabilidade da morte e que leva à ideia do suicídio como defesa onipotente e outra ainda ligada ao sentimento de impotência e ao medo da contaminação e que conduz ao desejo de levar uma " *vida que controlasse completamente*".

3. *Entrevista C*

I. A um primeiro nível encontramos a negação de que a situação é traumática. Só mais tarde são referidas as emoções com um nível crescente de intensidade: primeiro o medo e depois o ser insuportável até ao ponto de ser "*arrasante*".

II. Estes sentimentos organizam o imaginário fundamentalmente em torno da morte e da doença.

A **morte** surge ligada à dúvida quanto ao tempo que resta ("*Quanto tempo é que me resta?*") e neste sentido contém subjacente um sentimento de impotência.

Surge também sob uma forma substantiva ("*sensação que a morte está perto ou que nos ronda.*") e neste sentido ela é vista como um perseguidor.

Finalmente aparece como uma forma de condenação ("*sentença de morte*") e neste sentido como consequência do erro.

A **doença** é vista como degradação física ("*corpo podre*", "*como um leproso*"), como punição ("*castigo divino*") e como modo de deter ("*qualquer coisa que fizesse parar isto*") a degradação humana ("*tempos do Sodoma*"). Assim, a degradação física é não apenas o castigo mas a tradução ao nível do corpo da degradação moral.

III. Esta degradação moral é por projecção atribuída à sociedade humana na sua globalidade e vista a vários níveis.

Por um lado no plano da vivência psicológica ("*as pessoas são cada vez mais tristes*"), do sofrimento psíquico. Por outro lado ao nível relacional ("*mais viradas para dentro, não querem saber das outras*").

Também ao nível comportamental ("*há muito comércio de carne*", "*homossexualidade*", "*promiscuidade*", "*falsidade*", "*cinismo*")

Aparece também a ligação entre a tristeza e a perversidade como se esta implicasse aquela *de per se*.

Assim pode dizer-se que a degradação física é um mal que a um tempo traduz a degradação psíquica projectando-a no corpo, resulta da degradação psíquica e pune-a.

IV. A doença é um dos males profetizados por Nostradamus e pela Bíblia no Apocalipse. Os outros, fomes e guerras também existem o que provaria que se aproxima o fim do mundo.

Estas fantasias organizam-se em torno de duas ordens de crenças:

a da **vida eterna** que permite de forma defensiva suportar o sofrimento e a de **Deus** que é visto de forma ambivalente e correspondente a projecções do próprio sujeito.

Por um lado Deus (" *é um Deus como eu, ao ponto de nos castigar com doenças e fomes e guerras* ") é uma figura punitiva e cruel e por outro " *é um Deus bom, capaz de nos perdoar* ".

V. Percebe-se também uma certa perplexidade quanto à existência do mal sofrido (" *se é um Deus bom, capaz de nos perdoar porque é que nos castiga ao mesmo tempo?* "). A busca de coerência através de uma figura parental não é suficiente para diminuir a angústia. Por isso também o saber é visto como um mal na medida em que apesar de necessário é " *arrasante* " e pode fazer sofrer também os outros que têm de ser defendidos disso.

4. **Entrevista D**

I. Verifica-se a constatação de que a situação é traumática através de expressões como: " *Fiquei sem pinga de sangue!...* "

Domina a desordem emocional durante toda a entrevista a par com a negação.

II. Dominam as referências à identidade antes e depois do diagnóstico.

Antes do diagnóstico - era " *especial* ", " *à parte* ", " *anormal* "

Depois do diagnóstico - o Eu passou a ser doente, " *bicho* "

Estabelece uma relação entre a sua homossexualidade e atitude de risco permanente e o contágio. A desordem dos costumes aparece como nociva.

III . Receio de que o saber sobre a doença faça mal aos outros.

5. *Entrevista E*

I. Constatação de que a situação é traumática por envolver emoções demasiado intensas o que está patente em expressões como: " *foi um choque*", " *fiquei sem qualquer reacção, confuso*", " *sempre pânico que toquem os alarmes* ".

II . Esta desorganização psicológica refere-se fundamentalmente à **morte** e à **doença**.

A morte é representada em primeiro plano pela desorganização emocional.

Depois é referida por defesa hipomaníaca como " *ir desta para melhor...ou para pior* "

É vista como uma limitação em termos de tempo porque impossibilita projectos e neste sentido fere o narcisismo: " *uma vida a pensar no futuro, para quê? Dá vontade de rir. Somos pessoas limitadas.*"

É vista como um roubo e portanto como o retirar de qualquer coisa que lhe é devida. Neste sentido parece equivalente à castração.

A doença é vista como uma fragilidade (" *sou debilitada* ")

Numa segunda linha surge como o retorno da agressividade e neste sentido ligada à culpa (" *para magoar alguém. Saíu-me caro o affaire*")

Como um ataque persecutório a partir do interior (" *Gânglios que incham* ", " *vírus a comer...as células* ", " *vai-se reproduzindo. Cada minuto é mais um bocado contagiante* ")

Como limitante na medida em que impõe restrições aos impulsos (" *Fronteiras*")

III. O **saber** também surge como mau porque desorganiza o próprio e os outros por projecção. " *Não se está preparado ou não se tem estrutura* " . Provoca " *o caos*" .

IV. Desencadeiam-se alterações ao nível do Eu que passa a ser sentido diferentemente. (" *Não fazemos parte do...é esquisito!*)

O sujeito sente-se esquisito por estar entre o mundo dos vivos e o dos mortos.

VII - DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Na Bíblia o primeiro mal, que é referido no *Génesis* é o perigo da morte mas este perigo está ligado a outros: o sentimento de fragilidade e de estar desprotegido.

Estes sentimentos estão por sua vez relacionados com o reconhecimento da exclusão face à onipotência de uma figura parental que é motivo de inveja.

Esboça-se um movimento de separação/distinção e ao mesmo tempo o desejo de igualar a figura parental que a nível manifesto é visto como arrogância.

Esta identificação que implica uma capacidade acrescida de distinção traz consigo a dor física, o sacrifício e a frustração assim como um reconhecimento das limitações.

Como defesa encontra-se a nostalgia de um passado fantasiado como de fusão com o exterior e estado de equilíbrio total.

Encontramos assim o mal definido a dois níveis diferentes: o mais evidente, porque mais superficial, é o da arrogância que tem um carácter vincadamente moral e negativo. Este contém outras componentes associadas e que de certo modo partilham do mesmo carácter moral; o desejo de onipotência e a inveja.

Mas estes últimos estão também ligados a outras matrizes de um nível mais latente. Por um lado a dor física, o sacrifício e a frustração e por outro lado os sentimentos de fragilidade, desprotecção e exclusão, todos eles relacionados com a separação e em primeira linha com a ameaça de morte.

Pode então dizer-se que a separação surge como uma matriz fundamental ligada a duas vertentes: uma de ordem física (aquilo que é fisicamente desagradável ou ameaçador) e outra de ordem psíquica (aquilo que é psíquicamente desagradável). Estas duas vertentes têm uma ligação de raiz, uma vez que por exemplo a morte é ameaçadora aos dois níveis.

A necessidade de dar compreensão ao que é sentido como mau é estabelecida com referência a uma figura parental e é essa referência que transforma o desejo de identificação em inveja e o desejo de onipotência em arrogância, adquirindo ambos um carácter moral. As matrizes mais superficiais parecendo antagónicas das mais profundas, contudo derivam delas.

Em *Jeremias* surge como primeira matriz o sentimento de abandono que se por um lado parece um desenvolvimento do antigo sentimento de estar separado e desprotegido por outro lado aparece agora também como uma decorrência de um conjunto de mecanismos de projecção e introjecção que definem o mal como um ataque por múltiplos perseguidores. Como defesa surgem dois movimentos opostos do ponto de

vista das suas virtualidades: por um lado um desejo nostálgico de regresso ao ventre materno e por outro lado um desejo de união com uma figura parental idealizada e protectora (reparação) que em todo o caso contém em si um aspecto negativo; o reconhecimento de uma inferioridade.

Em *Malaquias* observa-se uma clivagem entre bons e maus tomando-se assim o mal como algo que se opõe ao bem. O mal já não é o que se sente interiormente ou aquilo que nos persegue do exterior. Agora mal e bem definem-se com referência a uma figura paterna também ela com componentes agressivas e persecutórias mas através da qual se opera a clivagem: bons são os que estão com Deus partilhando das suas virtualidades e maus são os que, sendo soberbos, lhe desobedeceram. A identificação com o bom objecto possibilitaria a vingança enquanto vitória do bem sobre o mal.

Em *Job* a doença é o mal que se projecta no corpo e que resulta de uma contaminação pela malignidade de Satanás. Destaca-se assim o carácter pernicioso do mal. Se por um lado ele é, por projecção, substancializado em Satanás, por outro lado a matriz profunda relaciona-se com o imediatamente sentido, caracterizado como pernicioso.

A doença aparece ligada a uma constelação constituída pela miséria, o desespero e a solidão. Esta constelação é compreendida a um nível mais profundo como estando ligada à ausência de Deus podendo portanto inferir-se que o mal resulta da ausência do bem.

A um nível superficial surge no entanto o mal, não como uma omissão de Deus mas como uma omissão de Job que não praticou o bem conquanto não tenha praticado o mal. É assim que o mal adquire um carácter moral através da assumpção da culpa. No entanto, a nível mais latente dá-se um movimento de reparação que implicou que Job tendo sido abandonado pelos maus objectos e ficando apenas com os bons tenha obtido tudo em dobro.

Quanto ao representante do mal verifica-se que ele sofre uma construção progressiva que é por um lado correspondente a uma organização do que inicialmente é múltiplo (os impulsos, as excitações desagradáveis) e por outro lado correspondente a uma abstracção. Ou seja: aquilo que era projectado inicialmente em estado puro, é depois progressivamente conceptualizado.

O mal projectado em Satanás começa a ser visto como corruptor. Se originariamente Satanás é visto como dependente, inferior e posterior a Deus, ou seja, como resultante da omissão de Deus ou da falta de um objecto protector, depois passa a ter as características de um verdadeiro opositor, ao mesmo nível indiciando uma verdadeira clivagem.

Esta clivagem permite uma definição progressiva de uma única identidade com

diversos nomes e características que constituem referências à aquisição progressiva de poder (príncipe dos demónios) e às características subjectivas que constituem matrizes superficiais do mal resultantes do que é sentido pelo homem e projectado (é tentador, o pai da mentira, o destruidor, etc.). Ele mantém características marcadas pelo excessivo e o bizarro que em nosso entender se relacionam com a dificuldade de controlar o que é internamente sentido, que por isso faz medo e que mais tarde é visto como estranho tal como Freud tinha já admitido.

O facto de as sensações primitivas nunca serem completamente controladas e por isso continuarem a ser vivenciadas não apenas como desagradáveis mas também como essencialmente maléficas faz com que surja a necessidade não apenas de as organizar conceptualmente mas de as projectar num suporte imagético construído.

Este suporte imagético, de características bizarras, excessivas e essencialmente agressivas de início e sexuais mais tarde, está ligado ao que é mais primitivo, arcaico e por isso passa a ser sentido como estranho. Assim, o bizarro e o estranho é também sentido como mau.

Para além disso o Diabo está sempre relacionado com aquilo que está num lugar inferior e subterrâneo dando a compreender que o mal é qualquer coisa oculta. Ora esta ideia parece-nos relacionar-se com o facto de aquilo que de início é sentido como desagradável, não deixando embora de existir, ser encoberto por formações mais recentes, racionais e controláveis.

Pelas mesmas razões o Diabo e o mal que ele representa surgem ligados ao sujo, ao escuro, por se relacionar não apenas com o que sendo encoberto é obscuro mas também incompreensível.

A um nível superficial, são atribuídas ao Diabo características moralmente condenáveis como a malignidade, a arrogância, a mentira e a tendência homicida. A construção do Diabo é assim um repositório daquilo que foi sentido ao longo do desenvolvimento e é depois visto como estranho por estar esquecido, mas também por não estar ordenado.



Na obra de Lovecraft encontramos não o mal, mas os males, uma vez que ele se apresenta com várias facetas todas elas de carácter muito arcaico. De um modo geral podemos dizer que ele é definido como aquilo que causa medo e se liga fundamentalmente à morte e à loucura. Estas matrizes superficiais estão associadas a várias outras todas elas relacionadas com conteúdos e crenças arcaicas.

Surge, por exemplo, a ideia de que o saber e particularmente o saber quanto à

morte é essencialmente mau. É mau porque constitui um poder que pode ser poder sobre os outros e portanto é mau para os outros. É mau para o próprio porque constitui motivo de inveja, essencialmente nociva.

O saber quanto à morte é também particularmente mau porque esta não é aceite nem compreendida; apenas pode ser sentida como uma ameaça assustadora pertencente ao domínio do horror ou como uma coisa estranha. Estes sentimentos parecem-nos ligados provavelmente às sensações precoces de desamparo numa altura em que todo o ser humano é incapaz de lutar sózinho pela sobrevivência.

Mas o saber quanto à morte é também mau porque, sendo o pavor tão intenso, parece-nos também muito próximo. Além disso, o domínio da morte ("zona do horror") é aquele para que são remetidos os nossos mortos que recebendo as nossas projecções se transformam em figuras maléficas e demoníacas na medida em que passam a representar o que há em nós de mau e que normalmente não é visível. Assim, aqueles que sabem ou manifestam interesse pela morte ou pelos mortos adquirem um carácter sinistro por se dedicarem a um coisa maléfica e ao mesmo tempo sagrada. O sagrado aparece então ligado ao sinistro e ao maléfico por representar aquilo que é temido e aquilo que está ligado às figuras dos antepassados: é de uma ordem supra-humana.

O saber sobre os mortos liga-se também ao domínio do oculto e do passado como "*aquilo que devendo permanecer oculto, no entanto, se manifesta*" segundo palavras de Freud. O oculto e o passado mostram-se aqui pertencentes à mesma matriz na medida em que em cada um de nós o que é passado não se perdeu mas mantém-se oculto no nosso íntimo. Ora este oculto adquire um carácter sinistro, maléfico, porque se torna dificilmente compreensível por ser arcaico e também porque se ocultou devido a recalçamento. Na verdade este medo do oculto é o medo dos conteúdos inconscientes que entretanto se nos tornaram estranhos.

Outra coisa que surge como maléfica é o poder em geral qualquer que ele seja mas mais particularmente aquele que é passível de ser exercido sobre os outros. Por um lado o poder de um homem revela por comparação a impotência e a inferioridade de outro. Por outro lado um homem poderoso é facilmente erigido até à posição de figura parental com as inerentes ambivalências e invejas.

O domínio da loucura também é sentido como domínio do mal por diversas razões. Em primeiro lugar a loucura é evidentemente estranha por não ser habitual. Ora sendo estranha facilmente é vista como sinistra e maléfica. Tanto assim é que parece poder contaminar-se. Mas a loucura é também sentida como sinistra porque mostra o que há de oculto em todos os seres humanos. Ela tem o carácter de bizzarria inerente a certos objectos internos arcaicos. Constitui uma volta ao passado de que todos

nos afastámos já. De resto a loucura pode mesmo resultar deste retorno ao passado e ao oculto. Esse retorno mostra um fundo de emoções desordenadas, de excitações sensoriais excessivas, que colocam o homem ao nível do instintual e do terror inerente ao perigo de não sobrevivência. Ela coloca o homem perante o inorganizado ou na linguagem de Bion, perante os elementos beta.

Assim, a loucura remete para o domínio daquilo que é mau porque provoca a desordem interna. Essa desordem interna constitui aquilo que é essencialmente mau porque não podendo ser pensado também não pode ser nomeado. Portanto a essência do mal é o inominável. Por esta razão entramos directamente no domínio do sensorial, do arcaico, daquilo que só pode ser sentido e a que não se pode conferir contornos. Trata-se então de qualquer coisa incontrolável que sempre que projectada retorna sob a forma de objectos bizarros e que sempre que tentamos compreender nos contamina.

Ora em Lovecraft encontra-se ainda uma ligação curiosa entre a morte e a loucura. Charles enlouquece por se ter interessado pelos mortos como o seu duplo. Curwen como duplo projectado de Charles enlouquecido representa o mundo da morte que este tenta compreender.

Se a morte pode ser vista como o vazio ou como uma limitação ao nosso desejo de eternidade por outro lado ela pode por projecção representar o vazio interno ou os nossos objectos interiores mortos e sugerir também o nosso estado de desamparo inicial. Mas além disso, e uma vez que na desorganização psicótica predomina a projecção, a retaliação por parte dos objectos exteriores é depois sentida como mortífera.



No conjunto das entrevistas aparecem algumas das matrizes encontradas nos discursos anteriores mas é de notar que este é um material em que por várias razões o imaginário aparece bastante inibido. Não só estes sujeitos estão preocupados com a sua saúde física, o que os leva a centrar-se sobre o corpo, mas também a perspectiva da morte desencadeia mecanismos de negação que não permitem a expressão ou até o desenvolvimento do imaginário. Isto é particularmente evidente quando comparamos entrevistas de sujeitos que receberam recentemente o diagnóstico com as de sujeitos que o receberam há mais tempo. O imaginário necessita de um certo tempo para se organizar na medida em que resultando do vivenciado este tem de ser elaborado.

Contudo é também evidente que uma matriz que surge em primeira linha como sendo um mal é a morte. Esta é por vezes apenas subentendida, uma vez que não chega a ser nomeada. Todavia, se na maioria das vezes é encarada como um mal na medida em

que fere os desejos de onnipotência relativos ao domínio do tempo e do acaso, outras vezes ela é ultrapassada através da crença na vida para além da morte, mas quase sempre com perplexidade.

A doença aparece também como um mal que é incompreensível. Por vezes é vista mais especificamente como uma degradação do corpo ou como uma possessão por algo maléfico (o vírus) que destrói por devoração. São assim projectados no vírus fantasmas de devoração. Encontra-se também a ideia de que a doença é uma condição no sentido em que preenche a identidade completa do indivíduo.

Esta concepção pode associar-se a outra em que o sujeito se sente como o epicentro do mal que pode irradiar para tudo o que contacta. Os fluídos corporais que anteriormente eram sentidos como bons ou até preciosos (talvez por regressão nostálgica ao período em que o indivíduo era saudável) tornam-se produtos repugnantes e intocáveis por serem nocivos. Surge então a fantasia de que o mal não está apenas à superfície do corpo, ele faz parte da sua essência.

Esta concepção que alastra até atingir toda a identidade como se o indivíduo fosse o mal de que padece implica um isolamento por medo de perturbar os outros do ponto de vista psicológico. Por projecção os outros são considerados frágeis e é preciso não lhes falar da doença ou da morte porque isso constitui um choque que pode mesmo matar. Falar sobre o mal faz mal.

O silêncio tem de ser mantido porque o saber é traumatizante e portanto é melhor negá-lo. O saber é assim também visto como um mal.

Da necessidade de dar coerência à existência do mal e ao facto de este ter atingido o sujeito individual surge a referência a uma entidade por vezes expressamente uma figura parental que elimina o acaso e, ou é injusta, ou pune porque o indivíduo ou a sociedade não obedeceram à sua lei.

Esta figura parental por vezes expressamente designada por Deus surge ligada a sentimentos de ambivalência ou explicitamente caracterizada pela crueldade, uma vez que não protege os homens. Pelo contrário, ela pune os vários males: a homossexualidade, a promiscuidade, o egoísmo, a degradação humana. Assim a doença, como degradação física é tradução da degradação moral, dando-se assim uma inversão temporal causal com o objectivo de dar plausibilidade ao que é sentido como incompreensível.

A homossexualidade é vista como má por não obedecer à ordem da Natureza, por lhe ser activamente hostil. Assim, o mal é o não natural.

Por outro lado a promiscuidade também é má, não porque não obedeça aos desígnios da Natureza, mas porque constitui um excesso, um ultrapassar de limites. Sendo assim, o exagero dos impulso que se opõe à racionalidade humana também é um

mal por constituir uma transgressão.

O mal também surge na continuidade do que é excessivo ligado à ideia de incoerência e de fealdade.

Também são más todas as emoções intensas e difíceis de controlar (o terror, o pânico, o horror) que se erguem perante a morte. Por vezes estas emoções por mais intensas são apenas sentidas ao nível do corpo ("fiquei sem pingo de sangue") e então não podem ser nomeadas.

O discurso dos seropositivos é sem dúvida o menos rico, devido à sua natureza e ao facto de os sujeitos entrevistados estarem fisicamente doentes. No entanto nele se encontram algumas das referências que existem nos outros dois discursos. Uma delas é necessariamente a morte que nos três surge como ameaçadora, desorganizadora a nível das emoções e do pensamento (literatura e entrevistas). Nos três discursos surge ligada a um sentimento penoso: o sentimento de impotência. Todos os discursos se organizam no sentido de a ultrapassar, no entanto, o imaginário das entrevistas é bastante mais pobre e mais ligado ao moral. Em todo o caso ela é vista como um castigo tanto nas entrevistas como na Bíblia e portanto como um mal resultante de uma transgressão. Contudo na Bíblia a morte como punição surge em articulação com o saber distinguir, à imagem da figura parental.



O saber ou o desejo de saber é visto como mau em todos os discursos. Todavia, ele é articulado com matrizes diversas. Se na Bíblia ele representa uma forma de propulsão e é mau fundamentalmente porque implica a saída do estado de narcisismo, e nas entrevistas ele ocasiona um sofrimento algo semelhante, na obra de Lovecraft é mau porque constitui uma superioridade relativamente aos outros e provoca inveja. Mas além disso é perturbador para o próprio principalmente quando é saber sobre a morte. Relativamente a esta é preciso guardar silêncio porque a simples enunciação pode matar. Se isto é dito pelos seropositivos, em Lovecraft também surge claramente. Ela constitui um domínio tabu.

Nos três discursos surge ainda a doença como projecção no corpo de um mal interior que ao atingir o corpo o degrada e apodrece.

Por outro lado, se o mal surge como o anti-natural ou o estranho dum modo geral é na Bíblia e na criação de Lovecraft que isso é mais claramente exposto. Nas entrevistas encontramos apenas aquilo que é do domínio do manifesto, enquanto nos outros discursos seguindo a organização da fantasia observamos mais claramente o latente.

Em traços gerais podemos dizer que nestes dois discursos, para além do que já referimos encontramos matrizes relativamente equivalentes (com excepções) mas apresentadas num sentido oposto. Ou seja: enquanto a Bíblia parece relatar a construção do mal através dos diferentes males com uma concomitante e progressiva organização da identidade, na obra de Lovecraft observamos a desconstrução e com ela a desorganização da identidade.

Assim, enquanto na Bíblia a desorganização e a multiplicidade de maus objectos surge inicialmente, no livro de Lovecraft a desorganização e a multiplicidade de maus objectos surge no fim. Neste há um aprofundar progressivo e um reencontro com conteúdos arcaicos (como por exemplo os de ordem sensorial). Na Bíblia esses conteúdos arcaicos e impossíveis de organizar foram projectados na figura do Diabo. Em Lovecraft surgem projectados de múltiplas maneiras das quais podemos mencionar as criaturas bizarras encontradas no subterrâneo. Assim, quer na Bíblia, quer em Lovecraft, encontramos essencialmente a referência ao inominável da origem.

No discurso dos seropositivos o mal é essencialmente a transgressão mas esta é apenas uma matriz superficial, uma vez que nos outros discursos se torna evidente uma concepção segundo a qual o único, o mal essencial, é o que não pode ser nomeado, porque não pode ser definido, porque nunca o pudémos organizar.

Há contudo ainda duas questões que relevam do nosso estudo. A primeira diz respeito às concepções de mal que derivando directamente do vivenciado são elaboradas como defesa organizando o discurso cultural. O homem procura ultrapassar a sua inaptidão ou as suas múltiplas inaptidões para a sobrevivência e para o controlo de tudo o que sente como negativo construindo "teorias" em que os objectos imaginários representam o vivenciado. Esses objectos relevam de uma tendência fundamental para separar. Ao longo da Bíblia apercebemo-nos de uma tentativa constante de separar, de clivar no sentido de encontrar uma ordem para as vivências. O sujeito separa-se daquilo que o prende à sua natureza biológica ou ao seu passado mais arcaico e só assim se define com relação a uma figura parental que opera como um separador. Através destas separações vão sendo "abandonados" os elos com o passado e vai sendo construída uma identidade que o inscreve na ordem da Humanidade e por isso mesmo na ordem da Cultura. Uma tese algo semelhante desenvolve J.Kristeva ao referir a necessidade de abjecção relativamente à figura materna como condição essencial à inscrição no mundo humano. Tal como J.Kristeva, também nós nos apercebemos de que o que não é suportável é aquilo que se mantém ambíguo, aquilo que se mantém nas margens dos dois domínios (biológico e psicológico, vida e não-vida, passado e presente, mau e bom ou masculino e feminino) e por isso se confunde. A figura do Diabo, com o amontoado de características de vários reinos e dos dois sexos, surge então como o resultado de um

repositório de tudo o que não pode ser clivado nem completamente abandonado e nesse sentido constitui o que existe de mais estranho e maléfico.

É isto que se encontra também em Lovecraft. O que perturba é justamente aquilo que não pode ser remetido para outro domínio como a loucura que nos é próxima ou a morte que contamina a vida. Mas além disso no seu discurso encontramos uma de-construção que nos reconduz à origem e à confusão do impensável e inominável.

A segunda questão prende-se com o facto observado de o discurso dos seropositivos ser restritivo. Tomámos também este facto como um dado, tanto mais que ele se torna particularmente evidente quando comparamos os três discursos. No último, o dos seropositivos, parece escassear o que abunda de forma prolixa nos outros dois. Ora do nosso ponto de vista este é um fenómeno a explicar. É que não é possível alienar o facto de estes sujeitos se encontrarem na situação mais problemática para qualquer ser humano, numa situação em que não existindo explicação satisfatória que confira plausibilidade aos factos só o imaginário pode conferir-lhes alguma coerência. Estes sujeitos não estão perante uma situação hipotética mas perante as vivências cruas. Seria altamente provável que procurassem então organizar as suas vivências por meio de um imaginário rico, tanto mais que é isso mesmo que se observa em Lovecraft que sendo doente, não deixa contudo de imaginar. Em nosso entender os pacientes seropositivos revelam uma aparente falta de meios para organizar a nível fantasmático uma "teoria" que lhes permita viver a sua doença sem estupefacção. Eles parecem existir num meio positivista em que a doença é ocasionada pelo vírus e pelo vírus apenas. A prova disso seria a inserção no mundo da ciência médica a partir do momento em que é detectada a seropositividade até à morte. Deste modo tudo o que é vivenciado é projectado no vírus e a ele referenciado, o que não permite o desenvolvimento da fantasia. Significa isto que não é conferida qualquer plausibilidade à angustia do sujeito o que redundando numa enorme sobrecarga psicológica que se reverte numa sobrecarga orgânica, uma vez que sem meios de elaborar medos e angústias o sujeito se vê incapacitado para os suportar e terá por isso de os tornar em manifestações orgânicas que se vão acrescentar à verdadeira doença. Isto significa que a nossa actual cultura obsta à produção de um discurso imaginário defensivo pelo simples facto de ao inserir o sujeito num discurso positivista alienar a vertente psicológica.

Ao contrário disso nos dois outros discursos existe um sujeito psicológico que é apresentado na primeira pessoa, uma vez que são as suas vivências subjectivas que surgem em primeiro plano. Nestes observa-se claramente que não só o sujeito está presente através dos medos, angústias e preocupações humanas como também através das suas buscas de referências (Deus ou o Diabo, o bem ou o mal) ou das suas angústias quando as perde. Neste sentido, os dois primeiros discursos inscrevem o sujeito no

plano da Cultura fornecendo-lhe ou catalizando-lhe o imaginário. Deste modo assegura-se ao sujeito uma identidade psicológica. Esta é de um modo geral produto das suas próprias vivências e das referências que a Cultura lhe fornece através de "teorias" acerca das vivências humanas e da compreensão dessas vivências. Por outro lado o sujeito ele próprio fornece a cultura com o seu imaginário do que resulta uma constante inter-relação que ao mesmo tempo que constrói a identidade permite um espaço comum de intercambio com os outros. Aquilo que é sentido como mau é tudo o que não sendo suficientemente elaborado sofre uma constante tentativa de transformação em elementos alfa mas sendo demasiadamente arcaico nunca é suficientemente elaborado e persiste sob a forma de traço bizarro ao nível da cultura. Constitui apesar de tudo o campo do que é impossível de elaborar, e que mantendo-se relativamente clivado permite a organização do restante, daquilo que é mais coerente e como tal aceite e gerador da identidade individual e cultural.

Depois das reflexões que formulámos restam ainda muitas outras a esclarecer. Nomeadamente achamos importante tentar compreender como e porquê da relação que se estabelece de forma recorrente entre a mulher e o mal ou entre o feio e o belo e o mal. Deixaremos estas interrogações para um próximo trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- BELLET, M. (1990) - *Le Dieu-monstre*, **Nouvelle Revue de Psychanalyse**. n° 38
Paris
- BION, W (1983) - **Reflexion faite**, Paris, PUF
- BLOCH, R.(1963) - *Heritage of Horror in The Dunwich Horror and Others* by
H.P.Lovecraft, 1963, Sawk City, Wisconsin, Arkam House Publishers.
- DAVID-MÉNARD, M. (1990) - *L'atteinte de l'autre*, **Nouvelle Revue de
Psychanalyse**. n° 38
- DEVEREUX, G. (1972) - *Argument* in **Ethnopsychanalyse Complémentariste**,
Paris, Flammarion
- DEVEREUX, G(1977) - *L'Ethnopsychiatrie comme cadre de référence dans la
recherche et lapratique cliniques*, in **Essais d'Ethnopsychiatrie Généra-
le**, Paris, Gallimard
- DEVEREUX, G (1977) - *La psychanalyse, instrument d'enquête. ethnologique:
donnés de fait et implications théoriques*, in **Essais d'Ethnopsychiatrie
Générale**, Paris, Gallimard
- DEVEREUX, G (1980) - **De l'angoisse à la méthode dans les sciences du
comportement**,Paris, Flammarion
- DEVEREUX, G 1981) - *A Etnopsiquiatria*, in **Análise Psicológica**, 4(I), Lisboa
- .DJÉRIBI, M. (1990) - *Oeil d'amour, oeil d'envie*, in **Nouvelle Revue de
Psychanalyse**, n° 38 Paris
- FREUD, S. (1887-1902) - *Extracts From the Fliess Papers* (letter 56), (letter
57), in **Standard Edition**, London, Hogarth Press
- FREUD, S. (1900-1901) - **The Interpretation of Dreams**, in **S.E.**,Vol V,
London, FREUD, S. (1913[1912-13])- **Totem and Tabou**, in **S.E.**,Vol.XIII,
London, H.P.
- FREUD, S. (1916) - **Character and Anal Erotism**, in **S.E.**,Vol.XIV, London, H.P.
- FREUD, S. (1918[1914]) - **From the History of an Infantile Neurosis**,in
S.E.,Vol.XVII,London, H.P.
- FREUD, S. (1919) - **The Uncanny**, in **S.E.**,Vol.XVII,London,H.P.
- FREUD, S. (1923 [1922]) - **A Seventeenth-Century Demonological
Neurosis**, in **S.E.**,Vol.XIX,London, H.P.
- FREUD, S. (1926) - **Inhibition, Sympton and Angst**, in **S.E.**,Vol.XX, London,
H.P.

- FREUD, S. (1930) - **Civilization and its Discontents**, in **S.E.**,Vol.XXI, London,
- FREUD, S. (1932 [1933]) - **The Question of a Weltanschauung**, in
S.E.,Vol.XXII,
- FREUD, S. (1940 [1922]) - **The Medusa's Head**, in **S.E.**,Vol.XVIII, London, H.P.
- GREEN, A. (1990) - *Porquoi le mal?*, **Nouvelle Revue de Psychanalyse**, n° 38
Paris
- KLEIN, M (1955) - *A propos de l'identification in Envie et gratitude et autres
essais*, Paris, Gallimard
- KLEIN, M (1957) - *Envie et gratitude* in **Envie et gratitude et autres essais**,
Paris,Gallimard (1968)
- KRISTEVA, J. (1993) - *L'Histoire* in **Les nouvelles Maladies de l'âme**, Paris,
Fayard
- LOVECRAFT, H.P. (1987) - **O Caso de Charles Dexter Ward**, Lisboa
D. Quixote
- PICHON, G. (1990) - *La lèpre et le péché*, **Nouvelle Revue de Psychanalyse.**,
n° 38 Paris
- .ROBBINS, R.H. (1970) - **The Encyclopedia of Witchcraft and Demonology**,
London, Spring Books
- ROHEIM, G.(1967) - *Introduction* in **Psychanalyse et Anthropologie**, Paris,
Gallimard
- ROHEIM, G. (1967) - *L'unité du genre humain*, in **Psychanalyse et
Anthropologie**, Paris, Gallimard
- RUFFIOT, A. (1989)- **Psychologie du SIDA, aproches psychanalytiques,
psychosomatiques et socio-étiques**, Bruxelles, Pierre Mardaga, Ed.

ANEXOS

1. Entrevista A

- Não sei de que é que a Dra. quer que eu fale...

- Não sei se a sua médica lhe disse que eu estou a fazer um trabalho de investigação sobre pessoas seropositivas para saber como se sentem...

- A Dra. M.J. explicou-me isso. Disse até que era para uma tese. A que é que a Dra. quer que eu responda? Deve ter algum plano?...

- De que é que gostaria de falar-me?

- Isso é um bocado difícil... Eu durante o percurso para cá, pensei numa série de coisas... Vamos lá a ver!... Uma coisa que eu tenho pensado muito ultimamente... é que... sempre fui uma pessoa muito acomodada. Aceitei sempre tudo o que a vida me proporcionou... Sou capaz de ir no autocarro, alguém abre a janela, o vento bate-me na cara a incomodar-me. Mas eu não me queixo! Não digo nada... Agora... relativamente a este caso não é assim.

- A este caso...

- Sim, à minha doença. As vezes penso: "Foste tu que escolheste a vida que quiseste, não és como os outros. Isto é a paga!"

- A paga?

- Sim, a paga. Porque afinal... Quer dizer... a Natureza fez-nos homens e mulheres. Por muito que a gente não queira, o normal... É os homens relacionarem-se com a mulheres e as mulheres com os homens. A gente não quer mas a homossexualidade é uma espécie de atentado contra os desígnios da Natureza. É ir contra a Natureza... mas só penso nisso às vezes. Outras vezes... penso que sempre fui uma pessoa boa. Porque eu... não é para me gabar mas considero-me bom. Nem nunca fui promíscuo. Minto!... Porque houve uma altura... em que fui... mas depois deixei de ser!

Mas enfim... Sempre me considereei uma boa pessoa. E digo: "Como é que isto me foi acontecer?"... No princípio, quando a médica me disse, só perguntava isso. Para mim era... uma injustiça. Eu não sou crente, embora às vezes diga: "Deus me livre!" ou

"Graças a Deus" (ri)...

Muitas vezes penso assim. Ainda não cheguei ao ponto de algumas pessoas que eu conheço que desde que souberam o diagnóstico se tornaram muito religiosas. Não sei se isso vai acontecer comigo...

Outra coisa que para mim é um problema é eu saber que a minha vida está... limitada. Há coisas que talvez não valham a pena... Embora... (olha-me prescrutadoramente) Digo-lhe a si, porque até agora, nunca disse a ninguém!...

Mas eu penso... que não me vou deixar chegar ao fim... Porque quando estiver num estado de progressão... já avançado... ponho fim a isto!

Mas entretanto... Às vezes... penso que gostava de comprar um móvel para um canto da casa e depois... acho que não vale a pena e que também não vale a pena poupar dinheiro... Às vezes penso que devia era vender a casa e com o dinheiro fazer as coisas que gostava. Levar a vida que nunca pude... Principalmente o problema é que... não sei quando acabo...

Posso durar pouco tempo mas também ainda posso ter dez anos à minha frente. Isto de não saber é que é difícil... Até... é pouco provável porque não se conhece nenhum caso, posso ser o primeiro seropositivo a durar vinte anos. Mas eu penso que não me vou deixar chegar ao fim... Sabe? Eu sou administrativo num serviço de saúde e aqui há tempos a minha Clínica Geral ía a umas conferências sobre seropositivos e convidou-me a ir também... Eu acho... que não devia ter ido!... Porque isto é muito diferente estar dum lado ou do outro.

- Dum lado ou do outro?...

- Sim. Porque vocês quando estão todos juntos e partem do princípio que não há doentes a ouvir, falam duma maneira muito diferente acerca das coisas. E uma coisa que eu lá ouvi foi que era muito difícil os psiquiatras e os psicólogos darem esperança a uma pessoa que já não tem esperança de vida. Eu sei que é difícil...

- Está talvez a perguntar-se: "Será que ela tem capacidade para aguentar o meu problema?"

- É!... Eu não sei se a Dra. tem ou não dificuldade.
Não sei se terá problemas em lidar com isto da morte...

- Podemos sempre tentar, não?

- Pois isso é . E foi para isso que eu vim ter consigo só que eu não estou muito habituado. E já nem sei se o problema é eu saber que... vou morrer, ou se é esta maneira de reagir. Parece que criei um hábito... Sempre ajudei mais os outros do que eles a mim... Quando eu ainda era assintomático e não fazia AZT, dava muito apoio ao meu companheiro que já estava mais avançado. E agora que comecei a fazer AZT há uma semana, tem-me custado muito mais... Sempre fui muito independente, muito auto-suficiente... Eu apapricava-o muito... Mas quando ficámos numa situação de igualdade eu comecei a sentir que também gostava de ser apapricado. Mas ao mesmo tempo sinto-me mal com isso... Por isso, talvez, é que eu não quero deixar-me chegar ao fim. Não quero dar trabalho, ficar dependente dos outros e que eles tenham pena de mim.

- Acha que é essa a atitude das pessoas se souberem, é?

- Bom... Pode acontecer isso... mas também posso ser marginalizado. Eu lá no serviço não disse. Eles já desconfiaram... mas eu desmenti. Porque as pessoas são muito ignorantes! E às vezes são muito más, muito mesquinhas. Outras nem seria por mal... Mas acredito que houvesse gente que não voltasse a falar-me ou a sentar-se no café comigo por medo de ser contaminado. Até eu no princípio também estava mal informado. Tanto que pensei que ia morrer logo (ri). Passei um período que se me aparecia uma borbulha começava a pensar: "Agora isto vai alastrar, vou ficar com o corpo cheio delas, vêm as manchas e toda a gente vai ver". Eu sei que não é assim mas, veja lá... Imaginava o vírus a devorar os glóbulos todos. (careta) Nem quero pensar nisso!

- Então a sua atitude e o modo de sentir o seu corpo, mudaram...

- Não. Foi só no princípio. Agora já não penso nestas coisas... Talvez porque não sejam muito agradáveis...

- E à sua família, disse?

- Não. Às vezes... penso em dizer aos meus irmãos... O meu irmão era capaz de não reagir muito bem. Era capaz de querer afastar os miúdos de mim. Mas quem me preocupa mais é a minha mãe.

- Tem receio de que não aceite?

- Não. Não é isso. Acho que ela não aguentava. Até era capaz de lhe dar alguma coisa. Ela não ia aguentar saber que o filho ia morrer antes dela.

Não lhe posso fazer isso... Mesmo que eu lhe explicasse... que eu tentasse... Ela não ia conseguir aceitar. Porque o natural é que os pais morram antes dos filhos. Ela não está preparada... Eu também não estava.

- Lembra-se do que pensou e sentiu quando recebeu o diagnóstico?

- Claro que quando recebi o diagnóstico fiquei histérico. E nessa altura como já lhe disse só perguntava: "Porquê eu?". Fui-me muito abaixo...

- Foi uma surpresa para si, um choque?

- Bom... uma pessoa quando vai fazer a análise já pensa nessa possibilidade... Mas na verdade... eu... não estava preparado... e mantinha a esperança de não ser seropositivo. Ainda hoje, no fundo, eu tenho essa esperança. Sei o que tenho, trato-me, tenho todos os cuidados, venho às consultas... Mas lá no fundo... Sei que é estúpido. Mas, pronto! É assim. Isto de saber que vou morrer... É... talvez como se... me faltasse um membro.

- Como se lhe faltasse um membro?...

- Vamos lá ver se eu explico para não ser mal compreendido!... Claro que se... se eu fosse amputado... se calhar era pior. Todos viam que me faltava alguma coisa. Pelo menos nesse aspecto o meu problema não é tão complicado. As pessoas não sabem... não notam... Só se eu lhes disser... Mas às vezes penso que antes de morrer gostava de vender a minha casa...

Custa-me não aproveitar aquilo que investi. Mas sei lá quando vou morrer?!... Por enquanto ainda me sinto bem. Só que há-de chegar a altura em que vou ficando doente...

- Já esteve doente alguma vez?

- Uma vez... na tropa, em África... Apanhei paludismo... Na altura cheguei a pensar que ia morrer mas sempre tive a esperança de me salvar.

Agora com a Sida é diferente...

-Diferente como?...

- *Porque agora sei que vou morrer... Por isso é que eu às vezes me admiro de estar tão bem. Até me preocupo um bocado com isso. Porque não acho muito normal!? O normal seria, se calhar, eu sentir-me pior. Como é que eu consigo não ficar muito angustiado perante essa ideia... não compreendo. Se calhar, de certo ponto de vista... é melhor assim... mas por outro lado... incomoda-me. Não me parece verdade... se calhar ando a controlar-me muito... Para ninguém perceber. Sempre me mostrei forte... Sempre quis ser (ri) mais perfeito do que os outros. Mas no fundo sinto que sou uma criança... Quando eu era pequeno lembro-me que o meu irmão,... quando andávamos na escola, se fazia mal uma letra, riscava e punha outra por cima. Eu! Não podia ter uma folha com um borrão. Preferia arrancar a folha e substituí-la por outra... Mesmo que tivesse de escrever tudo outra vez!*

- E na vida,... também gostava de viver tudo outra vez?

-... *Bom... Eu tenho alguns borrões! Mas esforço-me por não ter. Há coisas que eu não faço porque... são feias... inestéticas.*

- Inestéticas...

- *Sim. Não se ser coerente por exemplo. A coerência é uma coisa que me preocupa muito... E há outras coisas. Por exemplo: eu não gosto de sair sózinho. As pessoas não sabem porque é mas... eu não gostava de ser relaxado.*

-Relaxado?

- *Por exemplo, andar com uns e com outros. Porque eu... tenho tentações... mas não gosto de ceder a elas por coerência... Também não quero contaminar ninguém...*

- O modo como se relaciona com as outras pessoas ou como as sente mudou?

- ... *Eu diria, assim de repente... que não. Mas... agora tenho pensado que gostava de escrever cartas aos meus amigos... Nada para publicar! Só para eles receberem depois de eu morrer. De certo modo... A dizer-lhes o que eu senti... que também tinha os meus problemas mas nunca os incomodei com isso. Para lhes atirar à cara. Para que eles sofram um pouco o que eu sofri... Também para eles se lembrarem de mim e pensarem que eu era mesmo muito bonzinho. (ri) Obrigava-as a pensar em mim... Eu não acredito na vida eterna...*

Mas eu não sou perfeito! Também tenho as minhas raivas, os meus ódios. ... Às vezes sou muito mau... Eu sei que as pessoas não pensam isso mas eu também não falo muito com elas das minhas coisas... Aqui há tempos lá no serviço, dei um tombo na escada e esfacelei uma perna. Deitava sangue e eu senti-me na obrigação de dizer à enfermeira que me fez o curativo que era seropositivo. Não fosse às vezes contaminar a mulher!... Espero que ela tenha cumprido a obrigação e tenha guardado segredo. De resto... Não digo a ninguém. Só há alguns amigos que sabem. E depois de que é que eu lhes vou falar? Os meus problemas são sempre os mesmos! Porque é que as pessoas hão-de aguentar isso. Vou transmitir-lhes estas coisas?... Também ficavam como eu... Que isto não são coisas alegres. (suspira)

- Quer dizer-me mais alguma coisa que ache importante para eu compreender?

- ... Não... Disse alguma das coisas que gostava de saber? Espero que sim... Fiquei mais aliviado.

2. Entrevista B

- Há quanto tempo sabe que é seropositivo?

- *Sei desde Maio do ano passado...*

- Quem é que lhe disse?

- *Foi... Portanto quando eu fiz análises para... por decisão própria e... quem me disse foi a médica... Portanto, foi no Instituto Ricardo Jorge que eu fiz a análise e foi a Dra. Laura Aires que me fez o diagnóstico.*

- E porque é que decidiu fazer a análise?

- *Porque tinha tido contacto com um seropositivo. Porque tinha estado...*

- Mas sabia que era um seropositivo?

- *Sim, sim...*

- Então já calculava?

- *Hum... Não... Não calculava... na verdade. Sinceramente, muito sinceramente não estava à espera de ser seropositivo... Porque eu nunca tive atitudes de risco, o meu comportamento nunca foi de risco. Portanto nem sei se...se tivesse feito uma análise anterior, se calhar já era seropositivo.*

Antes disso... Não sei... Quem é quem é que contaminou quem...

- E interessava-lhe saber? É uma coisa em que pense?... Gostava de saber?

- *Gostava... Até para... Gostava! Era uma das coisas... Acho que era importante saber se era seropositivo ou não... Até para... em termos de comportamento, sei lá ! Em termos... Sei lá!*

Em termos de saúde pública... para não ser para aí o inimigo público número um. (ri)

- Mas sente-se o inimigo público número um?

-... Sinto-me... Já me senti mais... Quando soube sentia-me. Sentia que se me cortasse podia contaminar toda a gente... se cuspiisse podia... Pronto, sentia-me assim muito... Eu sei que... que pela saliva passa-se muito pouco mas há sempre aquela remota possibilidade de passar...

Pronto, senti-me assim muito... mal! Mas...

- E quando a Dra. Ihe disse, lembra-se do que pensou e do que sentiu na altura?

- ... Anh... Lembro-me de... Pronto, não me senti muito bem, não é? Senti-me... um bocado...

Porque eles também não nos ajudam muito naquela altura... Percebe? Eles põem a questão muito em termos de... Isto é tudo... não se preocupe, continue com a sua vida normal, só tem de ter cuidado em usar preservativo, e por aí fora. E cuidado, quando se cortar, não tenha problemas.

Mas na verdade não é!... Quer dizer, eles põem a coisa assim muito simples... Adeusinho e boas festas e pronto, acabou! Vá ao seu médico... É muito pouco, não é? Um tipo sente-se assim... desamparado... Eu senti-me muito desamparado...

- Então, e que é que esperava? Como é que devia ser?

- Devia haver assim uns grupos de ajuda... pessoas que tratam destes esquemas... Ainda hoje não sei se há... Eu encontrei um em (localidade), um grupo com (identificação)... e que... foi muito bom. Eu sentia-me muito bem depois de ter comunicado com outras pessoas que têm estes problemas ou que têm outros problemas muito mais graves e que estavam a tentar suicidar-se e coisas do estilo.

Porque na verdade... Eu acho que quando me puseram o problema da, da... Eu disse: "Que ridículo, olha que estupidez! Agora dar um tiro nos miolos só por causa disto!". No fundo eu já tinha pensado no mesmo portanto... Foi... acho que foi bastante positivo... ter... eu ter ido ter com eles...

-Quer dizer que chegou a pensar em matar-se, foi?

-... Nós pensamos sempre... Não foi bem pensar em matar-me! Claro que a primeira atitude logo assim que soube e que... comecei logo a pensar quanto tempo mais tinha de vida... E isto não vale a pena... Mas... Mas vai-se vivendo... e... o risco... Se pusermos

depois a questão... a questão noutro aspecto em que... em nós a esperança de vida é muito mais limitada do que a das outras pessoas...

Portanto é natural que eu viva aí até aos 50 anos... Portanto, porque é que eu não hei-de aproveitar muito mais. Já que tenho muito menos tempo de vida, tenho de aproveitar muito melhor... em vez de o gastar... pensando "Que horror!, Meu Deus! vou morrer amanhã..." Portanto... tento fazer as coisas com mais brevidade...

- Como por exemplo?

- ... Anh... Algum estudo que esteja a fazer..., eu trabalho num laboratório... Alguma coisa que eu estivesse a pensar fazer daqui a um ou a dois anos, tentar fazer agora... sei lá, umas férias que eu estivesse a pensar fazer... ir às Bahamas (ri) daqui a dez anos... Sei lá...

Eu na altura que soube... Anh ...eu não...não vivia sózinho... E... Essa foi outra das coisas que eu quis fazer... foi mudar de casa e... passar a ter uma vida à minha, que eu controlasse completamente. Portanto não... não ter que...

- Mas porquê isso?

- Primeiro eu vivia com outra pessoa que não era seropositiva, e... Isso trazia-me grandes problemas porque eu não conseguia... por muito que as pessoas aceitassem e achassem que era muito lógico e pronto, que tivessem os cuidados devidos, e tal...

Eu tinha a certeza que cada vez que espirrassem duas vezes íam pensar: "Meu Deus, será que foi desta que eu me contaminei?". Portanto eu não conseguia viver neste tipo de... de situação de...

- Mas quem é que pensava isso?

- As pessoas com quem eu vivia... Portanto, nós éramos três que vivíamos na mesma casa... e eu tinha muito medo de... de os contaminar.

- Medo que eles pensassem isso?

- Eu tinha a certeza que eles íam pensar alguma vez, se... se sentissem doentes... por muito cuidado que tivessem... eu era sempre o...

- Mas a ideia parece que partiu de si, não é?

- ... A ideia tinha que partir de mim... nunca iria partir deles... Senão seria muito mau, não era? Da parte deles dizerem-me: " Ai, não te queremos aqui porque tu és um foco de contaminação". Em caso nenhum eles me diria. Portanto... tinha de ser eu a tomar esse tipo de atitude... Penso eu!

- Então e agora vive sózinho, é?

- Agora desde o mês passado... uma das pessoas que estavam naquele grupo (identificação do grupo) teve que se mudar para Lisboa porque é seropositivo também e... e andava à procura de casa e eu propus-lhe... a minha casa tem dois quartos e... é relativamente grande. Portanto eu divido a casa com ele...

- Então houve coisas que mudaram na sua vida...

- Sim...

- O que é que acha que mudou mais?

- Acho que o que mudou mais, foi este aspecto de eu ter de me tornar um bocado mais individualista e ter de começar a pensar um bocado mais em mim. Dantes era mais... Ter de começar a pensar um bocado mais em mim.

Por um lado em função... por um lado em função dos outros... em termos de ter muito mais cuidados pra não... contaminar ninguém, pra... por aí fora!... Anh!... Por outro lado a pensar que... que, que a minha vida tem que ser... Eu tenho de tentar muito mais ser feliz, fazer as coisas como eu quero... como eu gosto... Porque a minha esperança de vida será eventualmente muito mais curta... Portanto...

Daí a minha vida mudou um bocado... portanto... está muito... É um outro tipo de vida... Portanto, isolo-me um bocado mais... Agora já... a coisa está ultrapassada.

... E de ter mudado de casa...ter começado a morar sózinho, até ao mês passado... Foi uma experiência agradável também...

- Então chegou a estar a morar sózinho?

- Sim. Até ao mês passado...

- E como pessoa, acha que mudou alguma coisa? Passou a sentir-se uma pessoa diferente... a partir do momento em que soube que era seropositivo?...O seu humor, por exemplo... alterou-se, ou... continua na mesma?

- *É capaz de ser um bocado difícil pra mim dizer isso. As pessoas que lidaram comigo talvez notem, eu não sei.*

Eu penso que talvez tenha mudado um bocado... em termos de... me sentir um bocadito mais triste, não sei, sinto-me muito mais triste... de que... Sei lá!

Muitas vezes questionar se vale a pena... saber coisas, a gente chatear-se com as coisas... a gente fazer alguma coisa... Porque depois volta e meia...

Eu não me tenho sentido mal tenho... tenho-me até sentido bem... Estive agora hospitalizado mas é porque tive sarampo (ri)... Mas... às vezes, sei lá! Se tenho dores de cabeça penso logo se será desta ou se me sinto mal, ou se me constipo ou assim, tenho tendência a pensar isso...

Acho que tenho o humor um bocado fragilizado...

- E a sua situação com os outros, acha que mudou?

- *... Não sei se mudou. Sinto que não dou tanta importância a determinados pormenores e... sei lá! Pormenores de discussões... mesquinhos e... sinto-me com menos paciência pra ouvir os outros ... me ouvir a mim. É isso, eu acho que, eu acho que me tornei um bocado mais egoísta... porque sinto que os problemas dos outros são tão mesquinhos face ao meu eventual problema que eu tenho... que acho que é ridículo estar a perder tempo com eles... e tar a, tar a... Eu acho que é ridículo.*

- E quando pensa no seu problema como é que o define? Qual diria que é exactamente o seu problema?... Porque há muitas maneiras de o ver...

- *O meu problema é... tento vê-lo muito... de uma forma muito simplificada que é: Eu tenho uma doença incurável, portanto... Por enquanto...
Portanto a minha esperança de vida é mais pequena...*

- É isso que o ocupa? Pensa nisso, na esperança de vida, é?

- *Sim...*

- Pensa muito, é?

- Não... *Eu digo que não mas se calhar penso, não é? Se calhar... Penso muito que vou morrer amanhã... depois de amanhã... Por muito que tente... pronto! Pra mim é terrífico. Já viu... Não é assim tão... é muito aborrecido pensar que se... É uma estupidez mas...*

Será que se vive mais uma semana, mais um mês... Será que chego ao Natal... para o ano... Não é, é... não sei. Essa é a parte mais aborrecida...

- E a doença em si?... O vírus?... Acontece-lhe pensar como ele é, como actua no organismo? Acontece-lhe pensar essas coisas?

- ... *Hum... Não muito... Não muito porque... sei lá ! Eu no princípio... E recebo literatura sobre isso com relativa frequência e...*

- E não imagina o que se está a passar consigo?

- *Não muito... (ri) Nem quero! Meu Deus, que horror! Não! Eu prefiro nem pensar...*

- E o seu corpo? Acha que vê o seu corpo da mesma maneira ou alterou-se alguma coisa na maneira como o vê, como o sente, como olha para ele?

- ... *Anh... Eu não tinha nunca... dado por, porque na verdade o via de uma forma diferente até que um dia me cortei e, sangrei bastante... E fiquei um bocado em pânico porque estava a... a pingar em cima de... de uns livros que até nem eram meus e que... Que eu tinha que devolver e depois pra cima de roupa e depois que... tinha uma mulher-a-dias pra lavar roupa e... tinha medo de contaminar a mulher-a-dias que ía lá fazer as limpezas.*

Portanto entrei na verdade um bocado em pânico e pensei contamina isto tudo e agora as pessoas vão tocar...

Portanto, na verdade... Eu sinto que... Mas isto senti mais ao princípio agora... decidi que talvez não devesse... pensar nisso...

Sentir que... É, é horrível sentir que uma, uma gota... do teu próprio sangue, portanto, no fundo um líquido que até àquela altura sempre pensaste nele, no sangue, como símbolo da amizade, o sangue e por aí fora... Uma preciosidade... Eu era dador de sangue... Passa a ser um líquido contaminado... Portanto, um líquido que ninguém pode tocar... O meu esperma... Pronto!

É... uma série de preciosidades... tuas... que, que à priori era... Pronto! São produtos de contaminação!... Portanto, são produtos que agriem e enjoam as pessoas... Ninguém pode tocar...

Ninguém... percebe?

- Enojam?

- ... Não... Suponho que não será o termo... mas, repugnam. Portanto são eles próprios intocáveis.

Que se tocam as pessoas podem ficar contaminadas por uma doença incurável...

- Mas sabe que não é bem assim, não é?

- Não é bem assim?!...

- Quer dizer, o sangue que deixou cair... se a mulher-a-dias o for lavar no dia seguinte, já não...

- Pois, claro que o vírus... ao fim de um tempo não sobrevive por muito tempo fora do organismo. Mas...

- Isso é a maneira como sente, não é?... Quando soube disse a alguém?

- Quando soube... não disse a ninguém... E depois tive um grande problema. Eu sou de (nome da instituição onde trabalha) não é?

E a Dra. Laura Aires disse: "Eu tenho de dizer ao seu médico e tal..." para contactar com ele... mas... Penso que ela fez só isso para ter a certeza que iria dar a análise ao médico... senão... Não deve... não deve ter falado com ele.

E... a (nome da instituição) não vê com muito... Não é, não vê com muito bons olhos. Sou capaz de estar a ser um bocado exagerado! Mas... Pronto!

Se um indivíduo é seropositivo... é uma chatice! Porque um indivíduo em quem eles investiram... Portanto, é um homem que não pode a priori... Pronto! A priori é um indivíduo que se calhar estará lá menos tempo... um tipo que estará hospitalizado mais vezes... portanto não dará o rendimento à Instituição, devido e por aí fora! Portanto, no fundo... É isso!... Anh...

De forma que saíam umas normas um bocado aborrecidas em relação aos seropositivos... Portanto... em relação às pessoas que são seropositivas!

Para o meu caso não... não implica muito...

Portanto todos os indivíduos que são detectados seropositivos são... não é bem marcados! Mas pronto... Portanto... não poderão (identificação) para mais de não sei quantas (identificação)... mas no meu caso... até nem (identificação), e não poderão sair do País... as expensas da (identificação)! Mas digamos, assim... em Congressos... Porque se... se há um estágio, nós costumamos às vezes fazer estágios na Inglaterra ou na Alemanha... portanto, não podemos ir!

Essas pessoas que são seropositivas, ficam excluídas. O que eu acho que é uma estupidez porque... Pronto!

Um indivíduo que tenha Sida ou que na verdade esteja... muito debilitado... pois eu compreendo que tenha... Tem de ter uma assistência médica muito mais cuidada e portanto sair do País por mais que uma semana... Teria que ter assistência médica. Pronto, aí eu eventualmente percebo.

Agora um indivíduo que seja seropositivo assintomático, porque carga de água é que não pode ir um fim-de-semana a um Congresso? Ou uma semana... Portanto acho que é... acho que é... quase discriminação!...

- E isso fê-lo sentir mal...

*- Faz-me sentir muito mal, até porque eu tinha uma viagem pedida... Quer dizer, fez-me sentir um bocado mal em dois aspectos; um que é uma discriminação e quanto a essa podia eventualmente fazer alguma coisa como fiz; fui falar ao indivíduo, ao (identificação) que está na direcção de Saúde (identificação), pus-lhe a questão. Pus a questão que acho que até já tiveram umas reuniões e tal para... Porque isto foi uma decisão tomada só pela (identificação) e não englobou os outros ramos (identificação). Também será uma discriminação em relação aos (identificação). Portanto, eles hão-de-se juntar e fazer uma norma em termos... gerais... se calhar a norma vai ser esta.
(ri)*

Mas enfim... Mas era também... o de repente... toda a gente na (identificação) ficar a saber que eu seria seropositivo... Portanto que... numa próxima viagem que eu tivesse proposta, de repente viesse... indeferido... fá toda a gente querer saber porquê e depois saber que era por razões de saúde. Portanto... percebe?

De repente eu passaria a ser alvo... Ah, aquele tipo é um tipo que tem Sida.

Percebe? Que não... Mais cedo ou mais tarde vai, toda a gente irá saber... mas ainda não senti... Acho que... vai ser muito grave... quando todos souberem...

- E se fosse outra doença qualquer?

- Outra doença qualquer não tinha as anedotas todas à volta que a Sida tem... Não tinha a... a conotação sexual... que eventualmente tem ou... tudo... Pronto! Tem um aspecto jocoso, um aspecto... E até mesmo as pessoas não terem muito consciência como poderão ser contaminadas ou não...

Não sei qual vai ser a reacção de toda aquela gente quando souber... Se calhar têm uma reacção boa, pronto! Não tenho problema, sou capaz de...

- Mas como é que imagina que vai ser essa reacção?

- Não sei... Anh... Tenho um bocado de medo que seja, portanto, que possa ser... ou... cada vez que eu passar as pessoas dizerem: "Olha aquele (segreda)", ou mesmo muitos deles tentarem não... Não contactar comigo directamente... não se sentarem na mesma mesa que eu...

Portanto, haver uma série de... de reacções assim muito negativas porque... eu trabalho com diferentes tipos de indivíduos... até mesmo estratos sociais e... se alguns deles são pessoas educadas e pessoas com cursos superiores e por aí fora, a maior parte deles são garotos que vêm para o (identificação), vêm dos mais diversos pontos do País, não vamos estar à espera que esses estejam perfeitamente conscientes que um tipo que seja seropositivo não é nenhum problema para eles... Porque não... não vou cuspir sangue para cima deles... Por amor de Deus! Quer dizer! Que estupidez!

De estar ali a trabalhar comigo não têm problemas. Mas não sei até que ponto eles terão consciência disso. E nem sei até que ponto eles estarão abertos a ter essa... consciência disso... Portanto não me agrada muito a ideia que um dia... todo o mundo saiba. Portanto há muita pouca gente que sabe...

A minha família não sabe...

- Ah não disse à sua família?... Mas porquê?

- ... Anh... Por um lado acho que lhes fá... se, se a minha Mãe soubesse, por exemplo... nunca mais eu sairia à rua, quer dizer, andava dentro de uma redoma de vidro... dava-me a comida à boca... Sei lá! E ela não ficaria nada... De certeza que sofreria muito com isso... Portanto, acho que não vale a pena. Eu estou bem ainda, não preciso da ajuda deles... por enquanto, portanto acho que não vale a pena eles ficarem já muito preocupados com isso. Porque eles ficariam!... De certeza...

- E os cuidados que a sua Mãe lhe dispensaria, não eram agradáveis?

- Não... íam ser exagerados. Já, já... já agora, quase que são exagerados. Não é ser Mãe galinha... percebe? Que ela gosta de ajudar e tal. Mas às vezes é um bocado intensa demais não... Se ela me visitar um dia é um sufoco e eu fico ansioso para que ela desapareça. (ri) Pronto, não... Eu gosto muito dela e damo-nos muito bem mas não... Ela é muito intensa... Penso que ela... Suponho que com a minha irmã é capaz de ser o mesmo, não é? Mas como a minha irmã casou e tal e... tem uma vida organizada, já é mais...

Ela é muito intensa nas coisas que... Sei lá! Ainda chega a minha casa ainda diz o que é que eu vou vestir... e muda-me as coisas dum sítio para o outro... acha que aquele bibelot devia estar melhor ali... e tira... sei lá! (ri) Não tem muito... Portanto, acho que ela... Acho que não vale a pena...

- Quer dizer que imagina que ela passava a governar completamente a sua vida.

- Ahn... Por um lado! Mas, mas isso talvez eu conseguisse controlar e... e... Mas acho que ela ía sofrer muito, ía sentir-se muito mal... e... Acho que não vale a pena... E com a minha irmã também acho que não vale a pena.

Acho que não é altura adequada, acho que é cedo...

Quando as coisas piorarem, se piorarem... Também não disse... Disse porque... tive que dizer... ao meu... chefe... ao meu superior... porque ele saberia mais cedo ou mais tarde... por papéis que lhe chegassem, portanto... Mas até foi muito bom. Ele tem sido... simpático... Não disse assim a mais ninguém...

- Então, e a amigos?

- A amigos disse... Portanto... é que... Disse, quer dizer... Disse àqueles que moravam comigo... E disse-lhes que não podia fazer segredo... porque por um lado não podia fazer segredo... mas não queria que...

Isto há sempre de... duas coisas: ou as pessoas não dizem a ninguém e toda a gente acaba por saber porque há sempre aquela coisa de dizer: "Olha, não digas a ninguém" e depois acaba por se espalhar, toda a gente saber dizendo sempre ao próximo "Olha, não digas a ninguém". Ou então acaba por dizer normalmente, e pronto... As coisas acabam aí.

Evita-se aquela curiosidade de espalhar pela...

Se por acaso alguém perguntar... porque é que eu saí... ou assim... talvez dizer que foi porque quis. Não vale a pena estar a mentir porque se as pessoas dizem alguma mentira depois quando me virem a mim são capazes de dizer outra e depois ninguém se entende,

já se sabe como são essas coisas. Como fogo em palhas (ri), não é? Na altura foi um bocado assim.

Mas não me... não me importei! Portanto... Há vários amigos que sabem... há uns até que são amigos muito íntimos que eu não me importava nada de dizer, que eu não me interessava nada que soubessem...

- Sabe quem o contaminou?

- ... Não... sei ao certo quem me contaminou... Até porque... Vamos lá a ver... Eu tenho duas vias em que me posso ter contaminado: Ou sexualmente... mas eu tive sempre muito cuidado mas... não sei. Ou... Portanto, ou por via sexual, ou... Portanto... Eu trabalho... com população de risco.

Portanto eu trabalho num laboratório de análises que faz. pesquisa de droga (identificação)... e trabalhamos não só com populações (identificação) como com populações também de Centros Profiláticos... Portanto, a priori, são populações de risco...

Nós... não trabalhávamos... em muitas condições de segurança.

Não trabalhávamos com luvas,... não, não descontaminávamos o sangue ou a urina... que... depois de os trabalharmos às vezes...

As vezes sujávamo-nos com algum produto... e só lavávamos com água portanto...

Não sei... qual terá sido a minha via de contaminação...

- E gostava de saber?

- ... Acho que não... me ía adiantar muito saber... ... sinceramente... Estou contaminado, estou contaminado! Foi uma destas duas!...

Para mim não é importante saber... quem é que me contaminou... ou como é que me contaminei...

- E projectos... Faz projectos?

...Faço alguns... Mas a curto prazo, todos eles...

Eu tenho uma casa no campo. Perto de Lisboa,... perto de (identificação)! Uma casa! Aquilo está tudo uma ruína! Aquelas casas que foram abandonadas há dezenas de anos... que não servem para nada e por isso se vendem muito baratas. Nem tenho para lá ido porque é muito solitária.

Que é muito agradável e que eu estou... a tentar arranjar... e gostava de me mudar pra lá

definitivamente... É assim uma daquelas coisas... A zona é muito bonita... Anh...

- Mas aí ía ficar muito isolado, não é?

- Eu sinto-me muito bem lá. Tenho amigos lá... perto porque... era uma casa em ruínas que estava perto de outra casa em ruínas. (ri)

Eram três casas em ruínas numa aldeia... que estão completamente destruídas. Então uma delas custou na altura trezentos contos, outra custou duzentos e cinquenta... Portanto

E que... uns amigos meus compraram as outras também... portanto... Aliás os outros dois já lá estão a viver mesmo... Acho que não me sentiria assim muito isolado... Talvez fosse um bocado cansativo vir trabalhar todos os dias para Lisboa.

Porque as entradas de Lisboa têm sempre muito trânsito e tal... Mas, não sei, acho que gostaria de experimentar.

- Quando diz às pessoas que é seropositivo, pela sua cabeça o que é que passa em relação à ideia delas? O que é que acha que elas pensam imediatamente?

- Eu acho que eles imediatamente ficam com muita pena... sentem-se muito mal... Os meus amigos, claro! Os outros não.

Vamos lá a ver! Assim... a amigos... eu disse a dois e eles sentiram-se muito mal... sentiram... que eu ía morrer no dia seguinte... ficaram noites sem dormir (ri)... sentiram-se muito mal porque acharam que... Pronto! Por muito esclarecidos que eles estejam e por muito que eu lhes dissesse: "Eu estou-me a sentir muito bem, porque eu sou só seropositivo, talvez daqui a uns tempos eu comece a decair mas por enquanto tudo bem... Ainda posso durar muitos anos, e tal...".

Por muito esclarecidos que eles sejam, sentiram que... Pronto, que eu ía morrer no dia seguinte, na semana seguinte. Quase que se mudaram pra minha casa, não saíam de lá... tristíssimos... Não, agora já estão a reagir bem... Já passou. Um mês sem ter... (ri) caído...

- Mas diga-me... Há outras doenças sexualmente transmissíveis, não é? Porque é que esta é tão terrível?

- Bom, esta é tão terrível porque esta é incurável... por enquanto. Porque é das poucas doenças incuráveis e transmissíveis... Olhe que não é pouco... Porque as pessoas ficam, se se descuidarem, enfim... ficam para sempre... Pronto!

*A esperança de vida diminui... sabem que... É terrível. Eu sei que... Pronto.
Eu sei que... existem outras estruturas... e que...*

- Mas há outras doenças em que as pessoas sabem que vão morrer até muito mais depressa, não é?... Nunca pensou nisso?

- ... *Não sei se haverá tantas mas... Bem, há! Claro que há... Pronto que...*

- Por exemplo, se fosse um cancro... acha que para si era igualmente penoso ou que era mais ou menos penoso?

- ... *Eu acho que talvez... fosse menos penoso... porque... Bom, isto também... estamos a ver a coisa assim dum forma parcial porque dependia de qual era o Cancro.*

Mas imaginemos que pôr-se na mesma situação o Cancro e a Sida... O Cancro não é transmissível!

- Portanto o que o preocupa é isso... é a transmissão?

- *Preocupa-me o problema da transmissão, claro. Sei que, pronto! Eu tenho os cuidados eu posso ficar abstémio o resto da vida (ri) mas...*

- Abstémio, o quê, sexualmente?

- *Sexualmente. Eu estou a brincar! (ri) Não estou. Mas acho, acho que... a Sida é uma doença muito mais perigosa,... muito mais alarmante porque mexe com todos os hábitos, os hábitos sexuais que as pessoas têm... e são muito difíceis de mudar e que no fundo acaba por ser... Pronto. É de difícil transmissão... mas acaba por não ser tão difícil a transmissão porque... é muito difícil mudar os hábitos das pessoas... É difícil entre... Há muitas coisas em jogo... É de transmissão sexual mas não é só... Há também o campo dos toxicodependentes e...*

- Mas.. estava-me a falar da transmissão... A transmissão de si para os outros? Nunca falou de outra coisa... Quer dizer, quando toma precauções, toma precauções em função dos outros. E em função de si, toma precauções?

- *Eu acho que estas coisas são... Anh... muito... compatíveis, as precauções são em relação a mim e em relação aos outros.*

- Sim mas... a sua motivação é proteger os outros, não é?

- *Sim... é mais talvez proteger os outros... é.*

- Não o ouvi falar de... Eu tenho cuidado com isto ou com aquilo porque posso adoecer, por exemplo.

- *... Imagine o que é ter a sensação de saber que transmiti a alguém uma doença incurável...*

Horrível...

- E continua a ter vida sexual activa?

- *Sim.*

- Nunca teve problemas nesse aspecto...?

- *Quer dizer, quando soube... estive muito tempo que não... Que achava que não devia ter... Que não devia ser sexualmente activo.*

Mas depois... Burrices! Mas... mas depois não.

- Achava que não devia ser. Mas tinha desejo sexual, nessa altura?

- *Houve muito tempo que não tive. Aqueles primeiros meses, não tive... Mas depois... Depois tive contacto com aquele grupo de (identificação). Acho que foi muito bom, muito bom pra mim. Até porque tive contacto com outros seropositivos e... até em termos sexuais, aqui para nós...*

Portanto, fez-me muito bem. Foi o... o reabrir do mundo sexual que eu tinha na mente fechado a sete chaves ..próximos

- Se eu bem percebi, uma coisa que para si agrava o problema é o facto de a doença se prender com a sexualidade?...

- *... Eu não sei se haverá aí um problema!?...*

Pra mim, pra mim o que é grave, o problema é a doença ser transmissível... Suponho

que se fosse por outro modo também me preocuparia...

Até porque esta doença não é só transmissível sexualmente. E acho que era importante que toda a gente tivesse essa noção...

- Há coisas muito mais facilmente contamináveis, não é?

- Pois, pois! Sei lá!... As tuberculoses são muito mais facilmente transmissíveis... e essas coisas todas. Mas são coisas que não são incuráveis, lá está... Pronto. A tuberculose é mais facilmente transmissível,... eventualmente a sífilis, as gonorreias e tal. Mesmo se falarmos de doenças venéreas.

Mas são coisas que são facilmente controladas...

- Quer dizer mais alguma coisa que ache que era útil para eu perceber como é que a pessoa se sente... sabendo que é seropositiva?

- Não, acho que já está bem. Acho que não... Não quero dizer nada.

3. Entrevista C

- Há quanto tempo é que sabe que é seropositivo?

- *Desde o dia 5 de Março.*

- Portanto deste ano?

- *Sim. Quando soube o resultado das análises.*

- E quem é que lhe comunicou o resultado, diagnóstico?

- *Foi o ... Dr. do Centro de Saúde.*

- E nessa altura, lembra-se, o que é que pensou, o que é que sentiu quando ele lhe deu o diagnóstico?

- *Não. Já não me lembro. Acho que... De certa maneira já estava preparado porque eu tinha certos sintomas.*

- E pensou que era seropositivo?

- *Pensei. Caso contrário também não teria ido fazer as análises. Foi por iniciativa própria.*

- Quer dizer foi por iniciativa própria que foi tirar as análises. E o que é que o fez pensar que seria seropositivo?

- *Porque pertenço a um grupo de pessoas de alto risco.*

- A qual?

- *Homossexual.*

- Então pensou que poderia ter sido por essa via ...

- *Claro. E foi de certeza!*

- Foi de certeza?

- *Sim. Por relações que eu sou seropositivo.*

- E na altura lembra-se o que é que pensou, acerca do assunto? Ou o que é que sentiu?

- *Na altura quando?*

- Quando soube o diagnóstico...

- *... Se quer que lhe diga não sei sequer o que senti... Bem, no fundo, eu... Pronto, desconfiava que era seropositivo mas, tinha a esperança de não o ser. E não sei, não sei descrever ao certo o que senti... Um medo talvez, não sei, não sei.*

- E desde essa altura, acha que alguma coisa mudou na sua vida?

- *Sim. Mudou.*

- O quê?

- *A maneira de ver as coisas. Portanto eu, eu não sei quanto tempo tenho de vida, não é? Pode ser muito, como pode ser pouco. O que eu quero é aproveitar o máximo. Há momentos em que entro em depressão e choro, outros momentos não... É a vida... T tirar partido de todos os momentos o máximo possível. Por isso tento, não me deixar arrastar para a depressão, manter o meu astral em cima. E acho que tenho conseguido. Nos primeiros tempos, pronto, chorava quase todos os dias. Agora de certo modo já me conformei. Até porque sou seropositivo, não sei, pronto, conheci muita gente... Há pessoas, pessoas que eram seropositivas há vinte anos. Nunca se sabe. Para além disso já há coisas que não curam, mas, pelo menos fazem estagnar o vírus. Pronto, e depois lembro-me destes factos que... E consigo arranjar forças para continuar em frente...*

- Então e a maneira como se vê a si próprio, como pessoa, alterou-se?

- *Em que sentido?*

- Quer dizer, o modo como se encara a si, a ideia que faz de si, alterou-se?

- ...Nem por isso, não... Talvez... Em certos aspectos, talvez, na medida em que já não ligo a mesquinhas. Já não sou tão picuinhas em relação a certas coisas... Estou menos exigente em relação às outras pessoas. Que eu, nesse aspecto estou mudado, sim. Agora numa maneira de ser em geral, não. Não posso dizer que tenha mudado.

- Então, as suas relações com as pessoas é que se alteraram, não é?

- Exacto.

- E é com as pessoas em geral ou com algumas só?

- ...Em geral, diria. Em geral...

- E quanto ao seu corpo, alterou-se alguma coisa? Quer dizer, o modo como vê o seu corpo...

- Sim, sim. Tenho medo de tar a ter relações com alguém.

- Nunca mais teve relações?_

- Não.

- Mas tem medo porquê?

- De poder contagiar as outras pessoas...

- Mas sabe que se podem usar...

- Preservativos.

- Preservativos.

- Mesmo assim, tenho medo... E acho que não, não queria passar pelo facto de ter contagiado outra pessoa... Não me ia sentir bem... Sabendo. Se eu não soubesse, era diferente. Mas assim, não. Com o tempo isso vai passar, eu sei. Mas por enquanto não... não me sinto capacitado para voltar a ter qualquer coisa com alguém sexualmente... E se eu... Se tiver, pronto. É uma questão de dizer o que é que se passa... Se a pessoa me

inspirar confiança, é claro! Caso contrário, não direi, no devido momento tomarei os devidos cuidados e não direi.

- E disse a alguém que era seropositivo?

- *Sim a amigas...*

- A amigas?

- *Há apenas três pessoas que sabem. Três amigos em quem deposito inteira confiança.*

- E a sua família sabe?

- *Não...*

- Então e não lhes disse, porquê?

- *Porque não. Acho que não há necessidade... Eles só deverão saber se eu realmente ficar muito mal, ao ponto de ter que ser internado, e assim... Mas como não há motivo nenhum para eu estar a antecipar o sofrimento deles... E até porque coincide com a tropa... Não acredito que... Consigo manter até se descobrir uma cura. Pelo menos tenho que acreditar nisso.*

- E como é que acha que as pessoas da sua família reagiriam se lhes dissesse?

- *Sinceramente, não sei.*

- Nunca pensou nisso?

- *Pensei, pensei... Acho que não me iriam rejeitar...*

- Pensou nessa eventualidade, foi?

- *Pensei. Mas, acho que não...Não, não foi...Mas, de qualquer forma se não contei, não foi por... Com medo que isso acontecesse, foi sim pelo facto de ter medo que eles sofram por causa de mim. Principalmente a minha mãe... Ela foi uma pessoa que também sofreu muito, e não quero que sofra por causa de mim também... Se bem, se bem que ela*

saiba que isso poderia acontecer, não é? Ela sabe que eu sou homossexual. Aliás quando eu lhe contei, ela disse logo que isso, era maneira de isso acontecer. Era o medo que ela tinha, que eu fosse seropositivo, alguma vez...

- E acontece-lhe pensar em quem o terá contaminado?

- *Não sei. Acontece-me pensar, mas não, não posso dizer, foi este ou aquele ou ...*

- E quando pensa nisso...

- *Prefiro não pensar.*

- Prefere não pensar...Sente-se mal com isso?

- *Exacto...*

- Então preferia não saber? É?

- *Talvez fosse preferível... Por um lado, por outro não, claro. Porque sabendo sei que medidas devo tomar. Não sabendo podia continuar mesmo a não tomar precauções e a contagiar outras pessoas. E isso acho que toda a gente deveria saber. Isto a nível psicológico é arrasante...*

- A nível psicológico é arrasante. Mas porque é que é arrasante...Qual é a razão?

- *Porque se fica sempre na dúvida. Será? Porque fica-se sempre com a sensação que a morte está perto, ou que nos ronda... É um questionar-se: Quanto tempo é que me resta?*

- E pensa muito na morte?

- *Penso... Agora mais do que nunca. Sempre pensei, mas, agora mais do que nunca... Se acontecer, pronto, mesmo que aconteça... Não sei. Eu, a única coisa que eu como hei-de dizer? Que me dá força e faz com que eu não desanime totalmente, é o facto de acreditar que para além da morte há outra coisa, que existe vida depois depois da morte. Eu acredito veementemente nisso, por isso não...*

- É religioso?

- *Não. Não tem nada a ver com, com religião. Tem a ver com a minha filosofia de vida.*
- *E sempre acreditou nisso?*
- *Sempre. Desde criança. Independentemente da religião. Não tem nada a ver porque as minhas convicções não vão ao encontro da religião...*
- *Então e notou alguma alteração nas relações das pessoas para consigo? Desde que soube o diagnóstico?*
- *Não, porque apenas 3 ou 4 amigos meus é que sabem. Portanto, os outros, as outras pessoas com quem eu me dou, não sabem. Amigos ou conhecidos, não sei. E é preferível continuar assim...*
- *Porquê?*
- *Porque tinha medo das reacções deles, fizessem-me sentir mal. Assim é preferível manterem-se na ignorância. Não quero correr o risco de ser tratado como um leproso ou coisa do género*
- *Imagina que era isso que acontecia?*
- *Possivelmente, não sei. É preferível. Acredito que algumas pessoas fizessem isso...*
- *E projectos de vida, faz?*
- *Projectos. Tenho, para já quero acabar o curso.*
- *Quantos anos são o seu curso?*
- *Quatro. Quatro, mais um; o estágio... E depois logo se vê... Gostava de passar uns tempos no estrangeiro... Até porque devido ao meu curso, isso era óptimo. Para melhorar os meus conhecimentos a nível de língua. E depois voltar não sei, e trabalhar como tradutor, dar aulas... Isso é uma coisa a ver na altura. Mas, para já o primeiro objectivo é acabar realmente o curso, depois é que, vou para o estrangeiro passar uma temporada, é uma coisa completamente diferente. Aquilo, tem a ver com a minha*

formação e depois volto passado um ano ou qualquer coisa assim... Isto porque o conhecimento a nível de linguas nas universidades, não chega, para, para se ensinar ou para trabalhar. Portanto, é conveniente estar fora do país, no país da lingua que se estuda. Ou então obter melhores conhecimentos, se tiver que se adquirir aqui. Tem bastantes cursos e dizem que é suficiente mas não. Não vale... E é isto.

- Imagina como vai ser a sua vida?

- ... *Como vai ser em que sentido?*

- Para além disso, imagina muitas coisas acerca da sua vida futura?

- ... *Muitas coisas como? Não, não... A nível de emprego? Desse genero? Relacionamento? É isso que quer saber? Não, nem por isso, imagino...Prefiro não fazer planos neste momento, porque geralmente quando faco planos, sai sempre tudo para, para o torto. Assim, na altura devida prefiro pensar. Ao menos eu não me desiludo. (ri-se) . Porque eu hei-de melhorar... Sei que não é facil, não é uma questão de fazer planos para o futuro, mas cheguei á conclusão que é preferível não fazer...*

- Sente-se doente?

- *Não. O mais divertido é que não. Sinto-me optimo. Por isso mesmo é que eu me sinto mais... Mais positivo,mais optimista. Porque se me sentisse em baixo fisicamente, acho que era o que iria mal mesmo o resto viria tudo atrás, até porque eu sou muito depressivo e nervoso e ...*

- Sempre foi assim?

- *Sim, sempre fui... Então eu entraria numa fase de apatismo total. Tinha medo que isso, com que isso fizesse, avançasse mais depressa.*

- Com o facto de se deprimir?

- *Sim. Uma reacção psicossomática, não é?... Fazer com que, fizesse avançasse... Ainda hoje, pronto, prefiro não pensar nisso agora, uma vez que eu me sinto bem. Além disso em sequênci aqui, espero continuar a ser medicado pelo médico...*

- Portanto tem estado sempre no hospital desde que soube o diagnóstico, é?

- Não, não, não. Quando me fui apresentar no quartel, levei então uma fotocópia do resultado das análises e então é que me mandaram para aqui...

- Alguma vez lhe acontece, imaginar o que se passa no interior do seu corpo?

- ... Acontece. Imagino que está podre (ri-se).

- Está podre?

- (ri-se) Sim. Uma maneira de dizer, não é ?...Já tive hepatite B. Tive sífilis... Para além disto, quer dizer, acho... às vezes dá-me para pensar que levo sentença de morte por ter a sida, não é? Mas por outro lado, pronto penso que sou bastante forte, que o meu corpo resistirá . Com a ajuda de medicamentos, claro!

- Chama-lhe sentença de morte é?

- Sim, às vezes, penso, nisto como uma sentença de morte. Dizem que são 3 doenças graves... Se bem que a médica me tenha dito que esteja curado da hepatite, da sífilis estou a ser curado...

- Isso é quase ver a doença como um castigo, não é?

- ... Ninguém pode dizer o contrário.

- Como?

- Ninguém lhe poderá dizer o contrário. Quem sabe, não é? (ri-se)

- Mas um castigo porquê?

- Não sei. Talvez o fim do mundo esteja próximo, como reza a Bíblia. Talvez estejamos a voltar aos tempos do sodoma do castigo divino, nunca se sabe. Eu estou a falar isto, não como... Porque não sou religioso, mas ...

- Então, mas castigo divino, porquê?

- ... Porque como disse, mesmo ao ritmo que as coisas estão a tomar as pessoas são

mais, cada vez mais tristes, mais perversas, e ... tinha que... Tinha que haver qualquer coisa que fizesse parar isto. Não sei se me estou a fazer entender... Pronto, há muitos valores que se perderam... Muitos mesmo. Hoje em dia, as pessoas, portanto são cada vez mais viradas para dentro, para dentro delas mesmas, não querem saber das outras. E para além disso há muito interesse, muito comércio de carne...

- Comércio de carne?

- Sim. Sexual... E, pronto, acho que... Porque é que isto está a acontecer? Pergunto-me eu muitas vezes. Porquê? Dá-me a sensação que estamos a voltar, aos tempos de sodomia. É verdade, porque eu tenho pensado... Para já, um fenómeno que me intriga: porque é que cada vez há mais e mais homossexuais? É incrível! Não sei que fenómeno é este?...E depois mesmo não sendo homossexual, há muita promiscuidade, continua a haver muita, mesmo muita falsidade, mentira, cinismo. As pessoas são cada vez mais orgulhosas, mais intolerantes. Eu só penso... Quer dizer; às tantas Nostradamus estava certo o fim do mundo está perto... Aliás eu digo, eu falo mesmo isso, o que representa o tribunal dos quatro, quatro cavaleiros do apocalipse. Falam em guerra, doenças, não é? Por aí fora. É o que está a acontecer no fim deste século... Por isso é que eu me pergunto muitas vezes será que a profecia será apenas o mito daquilo que poderá acontecer... às vezes penso que não... Não sei. Sinceramente já não sei o que é que hei-de pensar...

- Então nesse caso acha que está a ser castigado, não é?

- Não. Isso é uma hipótese. Não acho. Mas também não ponho de parte. Não sei. Neste momento não sei. Talvez tenha a ver com as minhas convicções. Pronto, acredito em Deus, isso sim. Acredito na vida depois da morte. De momento ainda não descobri ao certo que Deus é este. Se é um Deus como eu, ao ponto de nos castigar, com doenças, e fomes e guerras e tudo o resto. Como o Antigo Testamento será um Deus bom, capaz de perdoar antes de mais, e se é um Deus bom, capaz de nos perdoar porque é que nos castiga ao mesmo tempo, não é? Porque é que nos envia todas estas doenças? Fome e tudo o mais... Não sei, é tudo muito estranho...

- Já tinha falado nessas coisas com alguém?

- Sim. Com amigos meus que de certo modo partilham, as mesmas convicções, duma maneira ou de outra... Porque acho é um fenómeno que dá que pensar, não acha? Dá mesmo muito que pensar... Acho que basta só parar e olhar á nossa volta...

- E esses seus amigos também são seropositivos?

- *Não. Amigos meus...*

- Mas antes de ser seropositivo já pensava essas coisas?

- *Já. Não estou a dizer isto pelo facto de me querer agarrar a qualquer coisa, nada disso, já pensava assim há muito tempo...*

- Queria me dizer mais alguma coisa que achasse que era importante para eu o compreender?

- *Eu gostava era de fazer uma pergunta. Gostava de saber se há grupos de ajuda a pessoas seropositivas lá fora que eu pudesse contactar.*

- Eu não conheço.

- *Sim. Não. Eu sempre pensei na morte, desde criança e agora talvez mais do que nunca, aliás gostava de... saber, ter a certeza de que existe algo para lá, se bem que eu ache que sim, não é? Sinto e ... mas às vezes também me sinto céptico, será que é, será que não? A certeza também não se poderá ter, mas, gostava de falar com pessoas que estivessem relacionadas com essas coisas, de espiritismo. Mas era preciso acontecer algo que me fizesse verdadeiramente acreditar.*

- Precisa de provas?

- *Sim, provas... Há alturas em que preciso de provas, outras não . É um bocado estranho e é contraditório ao mesmo tempo, quando me sinto mais céptico em relação a isso sim...penso... Era preciso que alguém me provasse. Quando isso não acontece pronto, acredito, independentemente de me provarem ou não. Portanto é cento e oitenta graus... De resto o que predomina mais entre estas duas, nestes dois pontos, é acreditar sem precisar de provas, mas gostaria de presenciar algo, que me provassem qualquer coisa... Que iria dar mais peso à minha outra parte, percebe? Iria fortalecê-la. Porque a intuição não é suficiente, não é?*

4. Entrevista D

- Gostaria que me dissesse... Há quanto tempo sabe que que é seropositivo?

- *Há coisas de semanas!...*

- Semanas?

- *Sim... Desde que... fui internado no hospital!... Por via da... minha meningite... Portanto, a doença era oportunista, não é?... E entretanto... Pronto, internaram-me pra saber o que é que se passava... Foi um choque um bocado... um bocado... grande! Não é que não...*

Não é que não estivesse à espera um dia mais tarde... que acontecesse mas... fica-se sempre à espera do... do dia seguinte, não é? Tive um choque um bocado grande... mas... Sabe o que é perder... perder o sangue, ficar sem pinga? (ri)... Mas depois, claro! Evidentemente, tudo voltou à normalidade, não é? Entretanto com... com conversas que tive com colegas seus... não propriamente de psicologia mas... com uns colegas seus que também estão dentro da matéria, não é? E que me alertaram para o facto de realmente não passar a ser um bicho...

Portanto, continuar a ser uma pessoa normal... e pronto, apenas... a ter que mudar de vida, não é?... Mas realmente eu já tinha mudado de vida até mesmo antes de saber que era seropositivo... A minha vida não era igual à das outras pessoas...

- Não era igual, como?

- *Não era igual! o meu estilo de vida não era igual ao da maioria, não é? Quer dizer... Pelo menos a nível de... de portas pra dentro, não é? Uma vez que... eu tenho uma vida... Sei lá!*

Eu sou homossexual! Portanto. Grande parte das pessoas não o é em potencial... Quer dizer; é-o em potencial mas não... não o demonstra na vida social, não é?

De maneira que entretanto a minha vida já tinha sido mudada antes... Agora teve que ser mudada outra vez. Pronto!

E entretanto... estou a lembrar-me que... Estou a demorar muito tempo?

- Pode demorar o tempo que quiser.

- *É que senão já não sei o que é que lhe hei-de contar (ri).*

- O que é que eu senti?... Senti... senti-me... atingido! Coisa que eu pensava que um dia me viria a acontecer, mas... Nunca me imaginei...

- Ah, pensava que lhe viria a acontecer?...

- Pois, quer dizer!... Pois... As pessoas vivem num risco permanente, não é? E... há situações em que... Pronto, pensa-se um bocado: Será desta?... Será da próxima?... Não sei...

Mas nunca ... nunca... tinha passado pelo facto de ser realmente as coisas tinham acontecido. Não é?

- E quando soube, quem foi que lhe disse?

- Foi o médico!... Disse-me... abertamente... que... tinha feito uma triagem e que dava positivo, e que ía mandar os exames pra um Instituto competente pra fazer... portanto pra fazer a reacção jta... Portanto... Pois eu disse-lhe que sim senhor.

- E lembra-se nessa altura o que é que sentiu e o que é que pensou...

- Fiquei sem pinga de sangue!... Senti-me... perfeitamente... a... um bocado assustado... Um bocado assustado, talvez, mas... reagi. Pronto, estava...

- Assustado com quê...

- Assustado com o facto de ter que enfrentar a situação real! Que a tinha enfrentado várias vezes, mas... na situação hipotética, não é? Quer dizer... se! E entranto o médico diz-me: Você é!

De maneira que... pelo menos há uma grande percentagem de possibilidade de estar... mal!... Não é?

Fizemos a triagem no hospital mas vamos mandar o sangue para o Instituto. E eu a partir daí fiquei perfeitamente ciente que as coisas iriam... Porque eu sou um bocado pessimista! Se há noventa por cento de hipóteses de eu ser seropositivo eu nunca me... nunca me meteria nos outros dez (ri).

Penso que não! (ri) Não tenho feitio para isso.

Portanto eu teria que fazer parte dos noventa... pelo menos... pelo menos... sei lá!

Se algum dia fizesse parte dos dez, pois... mas... talvez... não ponho nem a hipótese. Ponho-a aqui a rir, como sendo apenas uma... Mais nada

- Mas a situação real... O que é para si a situação real?

- *A situação real? Isto que eu lhe estou a dizer agora! Eu estou a passar por um facto real! Quer dizer... É facto que se calhar eu sou seropositivo há muito tempo e não sei. Penso que não.*

Que eu tive um acidente de automóvel no ano passado, tive que ser operado e... o teste foi feito. Penso que tenha dado negativo, senão tinha tido alguma novidade. Portanto. Mas... a minha vida não tem sido tão... calma... e tão simples assim ao ponto de eu não me supôr conscientemente... num grupo de risco! Não é?

E realmente... como é que eu lhe hei-de explicar... Aquela situação... em que as coisas só acontecem aos outros!...

É realmente depois, quando... quando constatei fiquei depois um bocado assustado. Pronto, passou a acto.

Eu canso-me muito das coisas, sabe? Canso-me demasiado das coisas para as prolongar... indefinidamente. E entretanto... Não é que eu esteja cansado de viver! De maneira nenhuma, nem pensar nisso! Aliás, é uma estupidez estar a dizer-lhe isto.

Ainda por cima está a ser gravado.

- E então?...

- *Mas não me assusta! Não me assusta o facto. Quanto mais não seja de ter de mudar de vida. Ou seja; de ter que ter uma vida mais calma, mais sã, mais... Que a tenho!*

- E a sua vida já mudou?

- *Se já mudou?*

- Sim. Depois disso mudou alguma coisa?

- *Não! Porque... foi uma coincidência de factos, sei lá! Eu tive essa notícia por via da minha entrada no hospital. Eu nunca tinha estado muito tempo no hospital. Eu estive só, como eu lhe digo, o tempo de ser operado ao braço no ano passado e... entretanto... Pronto, mudou... pelo facto de... de eu estar neste momento internado... De eu estar preso. Só! Portanto a minha...*

- Sente-se preso...

- *Sinto-me. Portanto, eu estou aqui... ainda por cima assinei o meu tratamento... porque era um tratamento quase que experimental e tinha que ser assinado o risco. Pronto!*

Tinha de ser por minha conta. E entretanto estou preso por... minha conta e assusta-me um bocado!

É a primeira vez que isso me acontece. Portanto. Eu não posso dizer o que eu sinto depois... no meu dia-a-dia sendo... tendo... esta condição, ser seropositivo... É uma situação que é indissociável, não é? Tem de se viver com ela!...

E entretanto eu não sei o que é que me vai acontecer depois mas... eu funciono um bocado por passos e o meu próximo passo é sair daqui, pronto!

Que, Graças a Deus, está para breve... Penso eu. E entretanto depois, a partir daí, depois logo se vê! Pronto.

- E pensa na vida agora de algum modo diferente?...

- Não... Não. De forma nenhuma...

- A sua maneira de sentir e de ver a vida não mudou?

- *Não, não, não!... Não porque eu tenho... É também... Eu não sou muito bom, penso eu, pra... pra servir de exemplo... neste momento. É que eu, por exemplo... a... a maioria dos seropositivos são quê?... São toxicodependentes, não é, homossexuais... Sei lá! Uma série de... uma série... grupos, não é? Que eu agora não me lembro. Sabe melhor que eu. Mas de qualquer das formas... toda essa gente... vive num mundo um bocado... Como é que hei-de dizer? Não é à parte mas... num mundo especial! ... Que eu também já vivi... nesse mundo especial... de folia... de loucura... Penso que toda a gente tem que viver duma maneira ou doutra (ri).*

Alguma gente anormal até já viveu bastante a loucura da vida, não é? (ri) E eu vivi bastante, não é? Vivi muito.

Só que neste momento, um pouco cansado... disto tudo eu tenho uma relação, eu tenho uma relação muito estável. E então... o facto de eu ser seropositivo, ou seja: de eu... o meu principal perigo potencial é poder pegar às outras pessoas, não me afecta... Porque... porque eu não... Pronto, não estou a enveredar por esse caminho. Eu já há bastante tempo que não, que não, portanto, não vou por aí. Portanto para mim é uma

continuação da vida que eu já fazia...

- Então, vive com alguém?

- Vivo, vivo. Vivo com... com um rapaz. E entretanto... Que evidentemente que sabe e vai fazer testes... E pronto. E sei lá! Tenho uma relação normal com as pessoas. A única diferença é que socialmente não é explorada... Não pode ser exposto. Pronto... já... Aparentemente, não é? Não é pra toda a gente.

Mas de resto é uma situação que me dá uma certa segurança, quer dizer... O facto de eu sair daqui e saber pra onde é que vou, é muito bom, não é? Pronto, quer dizer! De uma maneira geral a minha vida tem sido normal... também...

Para além das tais folias e das tais situações de que lhe falei... que levaram provavelmente a esta situação agora, não é? Isto é... podia ter sido a semana passada, o ano passado... podia ter sido há anos! Os períodos de incubação são grandes (pigarreia) Mas... Pronto, isto não era o que eu queria dizer mas entretanto já não me lembro.

Mas realmente, como lhe digo, não devo ser grande exemplo porque... sou uma pessoa normal. Estou dentro dos parâmetros normais... Sei lá! Não sei que mais lhe hei-de dizer...

- E disse a mais alguém que era seropositivo?...

- Aos meus amigos íntimos... Não necessariamente dentro do contexto... não necessariamente dentro de... Tenho muitos amigos fora de ... fora deste ambiente... Muitos mesmo. Aliás, praticamente são quase todos... amigos da faculdade e... eu vivi fora bastante tempo e... amigos que arranjei lá fora... e viveram comigo, repartiram casas comigo, repartiram despesas comigo, repartiram alegrias e coisas assim...

Pronto! Dentro dos trâmites normais, não é? Pareço um bocado obcecado pela normalidade. Mas é que realmente, é que realmente é isso um bocado que se passa, quer dizer... Sei lá!

Pronto, olhe; foram justamente esses amigos a quem eu falei. Com quem eu pude desabafar... mais do que... com o resto...

- A sua família...

- A minha família não sabe!

- Não?

- Não! Eu vou evitar... de... dizer à minha família... Se tiver que sofrer alguma coisa prefiro sofrer sózinho.

- E porquê?...

- Porque... É ridículo quase dizer... mas o meu principal problema... no meio disto tudo... não é... ao que pode levar... esta... minha nova... condição. Vá lá! É o sofrimento que pode causar... aos meus pais a quem eu sou muito, muito ligado. Sobretudo à minha Mãe. Como era de esperar, não é? Mas...

- Era de esperar porquê?

- Porque é que era de esperar? Porque... por coincidência ou por razão... as pessoas que se relacionam como eu me relaciono têm sempre uma ligação muito... fortíssima com a Mãe - e eu tenho.

Não nego. De maneira nenhuma.

- E tem muito receio que a sua Mãe saiba, é?

- Eu tenho muito receio que ela sofra com isso. E eu não quero de maneira nenhuma que ela sofra com isso. Porque eu, olhe. Como eu lhe digo, eu morrer, eu podia ter morrido o ano passado quando tive um acidente como morreram colegas meus. E é portanto... De morrer não tenho medo. Mas tenho mais medo de causar sofrimento do que propriamente das coisas que me possam acontecer... em relação à... Pronto!
Eu estou a dramatizar um bocado também, não é?

- Está?

- Eu estou a vê-la com um ar assustado, que eu não sei se...

- Estou com um ar assustado?!

- Está assim com um ar (ri). Mas pronto! Mas em relação aos meus pais pois... Ao meu Pai ainda era capaz de...

- Tem receio que a sua Mãe também fique assustada?

- *Eu tenho muito receio que a minha Mãe fique assustada. Aliás, isto é ao ponto de lhe dizer que eu não lhe contei do acidente o ano passado.*

A minha Mãe é nervosíssima. A minha Mãe é uma pessoa extremamente nervosa e que... depois é massacrante... de tão nervosa que é. De maneira que eu também... um bocado em contradição o meu Pai salvaguarda (ri). Para eu não ter que me aborrecer demasiado (ri). Não, mas o grande medo da minha Mãe, que sabe o que se passa comigo é que justamente eu... Sou dum grupo desses, não é?...

Entre numa situação dessas... E entretanto não gostaria de maneira nenhuma de desapontá-la.

- De desapontá-la...

- *Sim! Se ela não gosta... eu prefiro então que ela não saiba. Do que tenha que...*

- Acha que a sua Mãe ficava desapontada por saber que é seropositivo...

- *Sim, penso que sim.*

- A sua Mãe não sabe que é homossexual?

- *Sei, sabe.*

- Então desapontá-la-ia o facto de ser seropositivo...

- *Sim, porque... o facto de eu ser homossexual para a minha Mãe é uma situação que... Pronto! Não é... a melhor situação da vida. Como deve qualquer, não é? Ela não acha que seja mas de qualquer das formas, suporta-a ou... entende-a... desde que isso não traga mal ao meu filho. E realmente o facto de acontecer... uma coisa dessas já passa a fazer mal... Como tal... ía ser uma forma de... talvez desapontar não seja a expressão, não seja a palavra. Sei lá! Vou-a preocupar... e não tenho vontade de a preocupar porque, como lhe digo, para as pessoas que estão um bocado de fora isto é sinal de sentença de morte, não é?*

Mas como lhe disse ainda agora eu podia ter morrido noutras circunstâncias (ri).

Portanto não adianta estar a atormentar as pessoas... Sobretudo as pessoas que não querem ser atormentadas como é o caso da minha Mãe. Penso que ela não quer mais... É mais o não querer ser atormentada do que propriamente... não aguentar o sofrimento.

Mas... é uma situação que me constrange, sabe? Estar a atribuir sofrimento, estar a atirar as coisas pras costas das pessoas. Prefiro aguentar eu...

- Sózinho?

- Sózinho, sim. Ou com amigos mais íntimos ou então com amigos que não liguem nenhuma, sei lá! Ainda agora estive com um colega meu, que me disse mesmo que preferia não ter sabido, preferia não saber exactamente porque ele não vai ajudar em nada.

Então é uma forma de eu descarregar e uma forma de me sentir bem porque ele não me vai ligar nenhuma.

- E porque é que acha que ele preferia não saber?

- Isso ele não me disse...

- Então, mas há-de ter pensado alguma coisa...

- Não. Portanto, eu disse-lhe, avisei-o: Olha, preferia não saber, porque assim vou estar num sofrimento pegado... ou estar...

Não me disse isto mas calculo... Pronto. Há-de ser por alguma destas coisas... Ou então... vai ter que esconder das pessoas... que talvez... ele entenda que eu... não quero que saibam...

Por exemplo, colegas de trabalho, sei lá!

Isso não quero. De maneira nenhuma... Porque... o controlo sobre o juízo que as pessoas fazem deste tipo de situações, não... passa por mim.

E eu tenho receio que as pessoas a trabalhar...

Há uma série de pessoas com quem tenho de estar numa certa intimidade

- E em que é que trabalha?

- Eu sou arquitecto. Trabalho na (identificação)

- E acha que as pessoas no seu trabalho soubessem, isso era nocivo para si?

- Não. Ia-me dificultar as coisas de uma forma que eu acho desnecessária serem dificultadas. As relações de trabalho já por si costumam ser tão... sei lá! Eu sinto... Eu

sinto que tenho de me esforçar tanto para que as relações de trabalho sejam boas, que se eu ainda vou criar motivos para que elas (ri) deteriorem por alguma razão, sei lá...

Nem toda a gente está na disposição de aceitar uma coisa destas, não é?

Então mas para si, a partir do momento em que soubessem, as relações das pessoas para consigo só poderiam deteriorar-se, não é?

Hum! Não necessariamente só poderiam deteriorar-se mas... penso que me caberia a mim de uma forma inteligente, evitar que se deteriorassem à partida. Quer dizer; evitar ser eu o motivo para que elas se pudessem deteriorar.

Tudo o que eu possa evitar, tudo o que eu possa evitar para... até para me sentir mal... Porque eu não sei qual é a reacção de alguém... banal... que não esteja dentro do assunto, ao saber que eu sou portador de uma doença dessas! E eu ía-me sentir muito mal se a pessoa se afastasse de mim quando se cruzasse comigo no passeio por exemplo. Eu tenho que evitar à custa uma situação dessas.

- Mas estas coisas não se contaminam no passeio, não é?

- Pois, digo eu, mas quem me diz a mim que a pessoa que... com quem eu falo todos os dias não pensa isso? E que não se afasta de mim? Por exemplo. E eu ía-me sentir extremamente melindrado! Porque eu não posso contribuir para a minha, para o meu mal-estar psicológico (ri). Quer dizer. Eu tenho de... saber a quem é que eu digo as coisas... tenho que saber porque é que as digo, não é? Em princípio será, terá de ser para o meu benefício, não é? Eu não digo coisas assim aos quatro ventos, à espera de boas intenções, não. Eu digo estas coisas às pessoas que se que me podem entender e que me vão ajudar de alguma maneira, não é?

É por isso. E não digo a outras pessoas por causa disso. Portanto. Em relação aos meus pais também eu sei que... Os meus pais são estrangeiros e moram fora... e entretanto eu sei que cada vez que ía ter a alegria de apanhar um transporte e ir ter com eles que ía ficar com metade dela estragada porque ía saber que eles íam-me ver e íam... íam-se lembrar das coisas que...

E olhe, longe de vista um bocado o coração, não é? Pronto! É um bocado isso. Mas eu não estou minimamente aborrecido com... com a situação.

- Não?

- Não! Aliás, como lhe digo, eu... não sou nem fui santo nenhum. Nem gostaria de ter sido, sinceramente (ri). Não me arrependo absolutamente nada do que fiz até agora, Graças a Deus.

Mas eu que... fiz bastantes disparates, estava realmente à espera que um dia acontecesse. E sabe que foi quase como um descanso?

- Um descanso...

- Sim... Porque eu sabia que não me ia esquivar e se me esquivasse tinha entrado nos tais dez por cento de que eu falei há bocado dos noventa que me põem em risco realmente resultado que ainda não veio ser positivo. Se ainda não veio, penso eu que ainda não tenha vindo ou perdeu-se e tal mas...

E o facto de eu imaginar por na semana que vem ou daqui a quinze dias quando o resultado viesse que me me viesse incluído nos cinco por cento dos negativos pra mim ia ser uma coisa impensável. Eu nem sempre penso nisso porque... porque é ridículo, não é? Perfeitamente!

E era assim que eu pensava antes de saber! Pronto! É ridículo pensar que realmente a mim o que me falta é ter coragem para fazer o teste. Pronto, agora já sei.

- A partida já estava convencido que era seropositivo, mesmo antes de fazer o teste.

- Sim. Muito embora... não. Pronto. Não estivesse... tão convicto, quer dizer; falta-me o resultado, não é?

Mas pronto, mas estava... Já sabia que mais tarde ou mais cedo as coisas iriam ter que... acontecer, não é?... Negativismo, pessimismo ou como lhe quiser chamar (ri) mas o que é certo é que... Pronto, era assim que eu pensava. E é ridículo dizê-lo mas sinto quase como um alívio. Pronto, agora já está, agora já aceitei, agora já passei pelo túnel, agora já atravessei a... fase... e agora estou pronto para receber... o que vier, pronto!

- Então e acontece-lhe pensar, por exemplo, em quem o contaminou?

- ... N...Não. Não porque eu sei que fui para as situações todas ciente do que estava a fazer. Não me... não me preocupa... Uma coisa que me preocupa é ... Mas também isto é estar-lhe a mostrar um altruísmo e uma situação que nem sequer é muito real.

Mas uma coisa que realmente me preocuparia eventualmente era que as pessoas que... me tivessem contaminado tivessem passado por ser normais... Mas o que realmente me preocupa a mim são as situações más que eu possa passar (ri). Mais do que o que as outras pessoas possam passar... Porque... Não por uma questão de pequena vingança ou de... gozo. Mas realmente é um bocado de inconsistência, não é? E então,... eu não posso,

não gosto das outras pessoas, mas pronto! Olha, quanto mais não seja, não perco tempo a preocupar-me com elas. E não perco mesmo. Nem, nem me preocupa. Eu como lhe digo, na parte que me toca, tomo a responsabilidade que me é atribuída das coisas que faço. Eu fui para as situações todas e quando fui... pronto, sabia o que me esperava. Eu leio e... e oiço...

Sei mais ou menos o que é que se passa e... e sei os riscos que corro, não é?

- E então... porque é que os correu?

- *Porque é que os corri? Sabe aquela coisa das montras dos chocolates? Deve saber isso melhor do que eu porque é psicóloga. A vontade de comer! Pronto, isso é mais forte do que as pessoas! Há coisas que as pessoas não podem evitar, não é?*

- Mas há maneiras de evitar, não é?

- *... Sim... Mas não são infalíveis, também... Olhe que não foram tantas as formas... as formas de risco que corri. Não foram tantas assim... E apesar de tudo... estou nesta situação... Que eu penso... e espero que me diga sinceramente... que não é a coisa mais grave do mundo.*

E que as pessoas pelo facto de estarem nesta situação não possam continuar a ter esperanças de vida...

- E o que é que espera da vida?... Ocorre-lhe fazer projectos... pensar no futuro...

- *Sim... Eu tenho, eu tenho... projectos com meu Pai... e entretanto estou à espera... Sei lá! Nunca usei gravatas (ri)... Estou à espera, por exemplo, que se resolva a crise do Golfo para, para resolver projectos de grande envergadura e que eu espero resolvê-los. E espero ter força para continuar a progredir na... nessa situação, pronto. E... e, sei lá! De maneira nenhuma vou pôr de parte, vou pôr de parte a... situação controlada.*

É o que eu lhe digo, nada me diz que eu não vá sair do hospital no sábado e que tenha um desastre de automóvel e que morra. Também não vou ficar preso a uma situação... uma sentença hipotética de morte, não é?

Nem pensar nisso... porque... é a coisa mais democrática do mundo, é a morte; passa por todos, não é? (ri). De maneira que... Eu não posso pensar nisso. De maneira nenhuma. Tenho coisas demasiado importantes na vida pra fazer pra... pensar em me enterrar numa situação dessas. A única coisa que me assusta realmente é estar neste momento enterrado aqui... por causa de... de um resultado dessa situação. Isso é que me assusta.

Portanto, o que eu penso fazer agora é seguir à risca os conselhos... pra não agravar esta situação.

- Mas há quanto tempo é que está internado?

- *Há três semanas, penso eu...*

- Foi há três semanas que soube que era seropositivo, não é?

- *Exactamente...*

- Deve estar para sair, não?

- *Eu estou para sair já... Eu vou fazer uma punção lombar. Vai dar-me os resultados dos microrganismos, dos que tenho.*

Depois, consoante essa punção lombar, depois logo sairei ou não nessa própria semana ou na semana seguinte. Se calhar passo mais uma semana de... segurança. E depois, pronto!

Depois em princípio, saio curado... desta... enfermidade, não é? e tentando... Tentando não apanhar mais nenhuma por enquanto.

- Em relação ao seu corpo... A sua relação com o seu corpo, a maneira como o vê alterou-se ou está igual?

- *Neste momento está tudo igual.*

Não sei. Isto é um bocado influenciado, como digo, pela relação que tenho... E realmente eu não sei se estou a fazer... castelos em Espanha, se o que é, mas o que é certo... é que... a pessoa com quem eu ando continua na mesma.

- E estava à espera que não continuasse, era?... Parece que está surpreendido.

- *Não, sinceramente. Não... Eu não estava à espera que não continuasse. Mas estava à espera que houvesse... menos compreensão.*

Realmente ele foi uma pessoa extraordinária que me apoiou muito... muito, muito. Pelo menos até agora... Como tal eu não me sinto tão desamparado assim, não é?

Provavelmente se isso não acontecesse, se isso não estivesse a acontecer eu estaria muito pior... Porque... as pessoas... penso que não nasceram para estar sózinhas... Pois

não?

De uma certa maneira. E entretanto... o que, o que leva a uma certa promiscuidade é a constante procura. Não é? E entretanto, o facto de eu não ter uma situação... situação estável poderia levar-me a uma procura que eu neste momento não podia de maneira nenhuma! Pelo menos em consciência, não é?... E pronto!

E a procura homossexual é muito mais violenta que a outra... Acho eu.

- Violenta?

- É mais... É mais activa, sabe? É mais, é mais rápido, é mais promíscua, é mais... É tudo muito mais rápido, sei lá !...

Por exemplo, eu posso dizer... a minha Mãe,... a minha Mãe conheceu o meu Pai, e casou com ele! Conheço muita gente que conheceu dois, três namorados e casou a seguir... ou coisa assim parecida. Mas uma procura homossexual, é uma procura muito, muito, muito... cheia.

- Cheia, como?

- Cheia de... cheia de gente. Ou seja; é isso que a torna promíscua, não é? Altera automaticamente o... os índices de... de probabilidade... Uma pessoa que tem... uma pessoa por dia, ou... estou a exagerar um bocado também, mas... que é uma situação assim... Uma pessoa assim pois... é uma pessoa que tem uma grande probabilidade de encontrar um dia... uma pessoa... contaminada, não é? Pronto! E realmente... não sei a que propósito que eu estudei isso, mas... Mas sei que realmente as pessoas não aceitam... com tanta facilidade.

E como não tenho muito jeito para estar sózinho... acho que ninguém tem jeito para estar sózinho... depois acontecem estas coisas (ri). Que é uma maçada... E pronto. A nossa entrevista... vai aca...

- Acabou?

- Não, eu estou a perguntar. Quem me está a entrevistar é a senhora (ri).

- Quer-me dizer mais alguma coisa?

- Eu não sei!... Quer dizer... Porque o que eu lhe estou a dizer... São coisas que... já estão mais ou menos... mais ou menos... catalogadas... É evidente que todas estas coisas,

todas estas coisas são... Como lhe digo, não dou de estar na situação que estou! Aliás, claro que não... Mas também não... Também não faço um drama da situação... Mas preciso que me confirmem que não é necessário fazer drama... também. Preciso que me confirmem que posso continuar com o meu emprego que posso continuar as minhas coisas.

- E tem dúvidas acerca disso.

- *Se eu tenho dúvidas? Sim... Não, não tenho mas como lhe digo... preferia ter menos (ri).*

- Então sempre tem dúvidas... Precisa de uma confirmação, não é?

- *Pois claro... Mas tudo precisa de confirmação, não é? Tem de ser... Porque, como lhe digo, realmente eu, estas coisas tenho-as não, não propriamente catalogadas... mas, mas mais próximo disso do que outra coisa, quer dizer.*

- É, eu reparei nisso.

- *Pois, quer dizer... Eu tenho que me convencer... das coisas... porque senão, então nessa altura é que eu não consigo. Até me convencer das coisas não posso ser eu sózinho na mesma porque senão, volto outra vez àquela... tenho de ter sempre alguém a dizer-me... a dar-me força.*

Porque eu penso que isso acontece em todas as coisas. Inclusivamente nas relações mais banais.

- Tem receio de fraquejar, é ?

- *Tenho receio de fraquejar, tenho imenso receio de fraquejar... Tenho imenso, imenso receio... Muito embora tenha consciência que as coisas têm que ser assim. E não podem ser de outra maneira...*

- E o que é que o faria fraquejar? Ao certo...

- *O que é que me faria fraquejar?...*

- Assim, dentro da sua condição, como diz, o que é que o faria fraquejar?...

- Olhe, dizerem-me que eu estava completamente errado. Que não era nada disto. Que eu estava muito mais próximo de... de qualquer fim... do que propriamente... penso que estou. Isso é que me faria fraquejar imediatamente... Porque eu tenho de ter motivos, eu tenho de ter... metas para atingir. E se eu não tenho tempo para as ter... então nessa altura está tudo estragado, pronto.

- Então o que o preocupa é o tempo, não é? O poder ter eventualmente o tempo limitado...

- Ah, sim, sim. Mesmo o tempo... é o que preocupa as pessoas, não é? Eu como lhe digo... eu, eu... Imagine que eu tinha uma doença incurável, um cancro, uma coisa qualquer daquelas mais... óbvias e que... não dava tempo para... para atingir uma meta, naquilo que eu estava a fazer. Não dava tempo quanto mais não fosse para poder fazer outra coisa. Imagine (ri).

Está a perceber? Portanto... Nós como não sabemos o que nos está destinado, não é? Vivemos sempre numa certa esperança que as coisas possam ser doutra maneira, não é?...

E é essa esperança que eu não posso perder nunca. Eu não posso de maneira nenhuma ter a certeza do que é que me vai acontecer... Eu tenho de ter... Tenho de ter sempre a oportunidade de poder escolher. Como a maioria das pessoas não acontece... Nós não escolhemos, de maneira nenhuma, não é? Nós vivemos num certo sobressalto que nos dá um certo... uma certa alegria (ri). Isto é um bocado o que se passa comigo. Portanto o facto de eu saber que estou mais próximo duma realidade do que... do que a maioria das pessoas... isso desagrada-me um bocado... Portanto... E eu preciso duma confirmação... Não é assim tanto. Quer dizer...

Não estás assim tão próximo nem estás assim tão ... sentenciado. Quer dizer... Realmente o meu médico assusta-me um bocado. Disse-me que... com efeito, a situação que... que era uma chatice, que é ! E eu sei. Mas que não invalida nada que fique normalíssimo e que... tenho é que ter mais cuidado. Quer dizer; não estrago nada, pelo contrário, tenho que... Implementa outras coisas... Implementa uma melhoria das... da qualidade de vida por exemplo. Mais ginástica, melhor alimentação, mais ar livre, mais praia, mais... Pronto, sei, lá! Menos stress... mais cuidado com... as pessoas com quem me dou... Esse aspecto, uma série de coisas. Pronto, mas isso no fundo... qualquer cardíaco, qualquer... qualquer... sei lá! indivíduo com uma doença... de perigo, tem de ter... Não é?

- Então, e isso que lhe disse o seu médico não lhe chega?...

- *Chega, chega! (ri) Chega, chega bastante. E deixou-me muito contente. Aliás, eu já lhe disse que... temos que... Temos, quer dizer; que me convinha falar... com ele e com... a pessoa que mora comigo. Porque realmente ele é tão positivo... que torna as coisas... Pronto, torna as coisas... camufladas. Pronto!*

Mesmo que sejam camufladas, mas são bonitas, pronto! Acabou-se! São agradáveis de ouvir e são... Pronto!... E é bom! É bom que a vida seja assim, não é?

- Bonita...

- *Bonita, não é? Sobretudo para mim que gosto imenso de beleza... e a estética está sempre à frente de tudo e... Pronto! Eu sinto-me muito inestético assim... Mas pronto. Sobretudo para mim...*

- Assim como? Sente-se inestético, como?...

- *Está a ver? Olhe! Assim (ri) de pijama. Receber uma visita de pijama, estar... a visitar uma pessoa de pijama, ... Parece-me... feio. Não gosto nada dessas coisas. E pronto.*

- E acha que eu... fico muito... incomodada com isso?

- *Não, eu é que fico incomodado (ri). Eu é que fico incomodado... Por poder eventualmente incomodar as outras pessoas.*

Tenho demasiado medo de incomodar, tenho demasiado medo de... de aborrecer e essas coisas todas.

Apesar de que já deve ter notado isso.

- É, parece que é essa também a preocupação em relação à sua Mãe...

- *É exactamente isso. Essa é a minha preocupação mais real. De tudo o que lhe disse aqui. É o medo que... É o medo de a magoar, de... de a fazer sentir coisas... que preferia que não sentisse, pronto... Que eu se estivesse no lugar dela, também, se calhar, não gostaria de sentir... Pronto, sei lá... Muito embora, quando haja problemas... eu gosto de saber e gosto de poder resolver, mas... Aqueles problemas que não se podem mesmo resolver, que não têm solução possível... Isso é um... Isso é estar a atirar para as costas*

das pessoas preocupações que... que não há necessidade nenhuma... Penso eu. E se não for assim, defendo-me atrás disto e não saio daqui (ri). Eu também, tenho uma Irmã que também é psicóloga. Bem, está a tirar, está a acabar. E... falo muito com ela de determinado número de coisas. Mas depois a ela também não lhe vou dizer...

- Não vai?

- Não!... A ela também não lhe vou dizer. Porque... porque eu sei que ela se preocupa muito... também. Essa é uma preocupação adicional que eu não quero de maneira nenhuma estar a dar a ninguém. Já basta o facto de eu ter... quanto mais ainda estar a preocupar as outras pessoas! Não adianta. Não traz benefício nem a mim nem a elas... não... Pronto.

- E prejuízo?

- Prejuízo? Traz. Claro que traz! Traz um problema enorme a todas as pessoas, pronto. Eu acho que merece a pena estar a preocupar alguém com estas coisas desde o momento que haja possibilidade de alguém fazer alguma coisa. Mas não havendo... e sendo... lá vou voltar ao tema negativista, mas sendo o fim inevitável... para qualquer um de nós, que necessidade terei eu de estar a preocupar as pessoas com o meu fim antecipado?! Não! Não há necessidade nenhuma. Nem pensar. Eu não vou fazer isso... Eu acho que dizer às pessoas é um bocado masoquismo... porque as pessoas não podem ajudar... Como não podem ajudar, estou só a preocupá-las. E eu não tenho vontade nenhuma... em preocupar as pessoas que gosto. Deixava-me um bocado naquela situação de... "Olha aquele". Percebe? (ri) "Lá vem ele!" Também não é bem assim, não é?

- Olha aquele, como?

- Era eu! (ri) Pronto! Lá vem! Por isso também... também não gosto... Também não quero sequer pensar em ter surpresas dessas,... de facto não quero... E não vou mesmo.

- E por exemplo da sua Mãe e da sua Irmã... acha que teria uma surpresa desse género?

- Não, não... De forma nenhuma.

- Então não é bem isso.

- Não, claro que não. Mas, pronto... são aqueles medos que nós (ri)... que nós pensamos quando nós pensamos, sei lá! As sextas-feiras que nos vai sair o totoloto, ou aquelas coisas.. Acho que é assim, pronto. É por isso. Não de maneira nenhuma. Nem pensar nisso... Nem pensar nisso... Mas acredito que a minha Mãe, por exemplo, pudesse pensar... nisso, em relação às amigas dela... Portanto, acredito que... não dissesse, que guardasse para ela. Sabe? Que o principal problema da minha Mãe são as pessoas... Preocupa-se demasiado com o que as pessoas pensam... a minha Mãe... mas ela é assim. E pronto. Já não sei o que lhe hei-de dizer. (ri)

- E o seu Pai?

- O meu Pai não, o meu Pai é uma pessoa extremamente aberta... uma pessoa extremamente... O meu Pai, não teria problemas nenhuns em dizer-lhe... Pelo contrário... Não... não por preocupá-lo a ele... não por gostar menos dele mas justamente pelo contrário, por gostar muito dele. Adoro o meu Pai. Mas o meu Pai é mais forte. E... Por outro lado também,... eu desisto de carregar as pessoas,... sabe? Ele é mais forte mas eu também não sei o quanto... E... mais uma vez ele também não pode aguentar nada.

- Tem medo de fazer mal às pessoas...

- Eu? Eu tenho um bocado de medo de fazer mal às pessoas que gosto... Mas... tenho... Pronto... Sobretudo, como lhe digo,... Em situações que não resolvem nada a ninguém... Quer dizer; que não... Eu acho que os problemas são tantos, tantos, tantos,... na maioria das pessoas que... que até há pessoas que estudam sobre, sobre, para resolver os problemas dos outros (ri). Não é? Pronto, põem-se a fazer teses e... De maneira que eu acho que realmente... Pronto, sei lá!

A minha Mãe tem uma vida muito cheia, o meu Pai tem uma vida muito cheia também... a minha Irmã está carregadíssima com problemas... Pronto.

E eu não tenho o direito! Eu vejo-os meia dúzia de vezes por ano e... e não me apetece. Não me apetece estar a congestionar esses dias com... com problemas. Isto também... é um bocado cenário... Porque se eles morassem aqui e estivessem mais perto, eu provavelmente também não lhes dizia nada. ...Ou talvez dissesse, não sei... Não sei...

Também menosprezo um bocado as pessoas tirando-lhes a... possibilidade de elas serem mais elas do que aquilo que são.

Mas, não sei... E pronto.

5. Entrevista E

- Há quanto tempo é que sabe que é seropositivo?

- Há um ano e oito meses sensivelmente.

- Quem é que lhe deu o diagnóstico?

- Portanto, eu vim, portanto, de baixa para este hospital... Depois tive alta, e mais tarde em Janeiro de 89, não de 90 mandaram-me baixar outra vez. Não sabia qual a razão. Quando cá cheguei soube a notícia, tipo choque. Fui ao médico me consultar, perguntei porque tinha baixado e ele respondeu-me que "Você é seropositivo" e não me disse mais nada.

- Não disse mais nada?

- Foi, foi um choque, passei um dia inteiro a chorar... Depois, pronto, tive um grande apoio de todos os meus amigos. Todos que não são muitos. Ahn, tenho meia dúzia deles. Entretanto, fui reagindo à situação porque nós dizemos que estamos informados sobre a sida, mas não é. Ao fim e ao cabo, quando nos bate à porta, nós não estamos informados do que seja e não estamos à espera, e a reacção é totalmente oposta.

- Lembra-se na altura, o que é que pensou? O que é que sentiu? Diz que foi um choque. O que é que pensou quando soube do diagnóstico?

- Sei que foi... Fiquei como lhe disse. Que era seropositivo, depois... Aliás fiquei, pronto, fiquei sem qualquer reacção. Nem sabia o que havia de pensar. Portanto, confuso. Depois comecei logo a pensar em termos de morte... Depois, eu tinha visto um documentário em que havia um caso, já caso terminal e em que o indivíduo estava, portanto..., já na fase terminal da sida e, portanto tinha aquelas feridas, etc., e então... Portanto aquilo começou-me a vir tudo e era assim que eu ía ficar, pronto, foi uma mistura de coisas e...

- E agora já não pensa nessas coisas?

- Ahn... Não, não propriamente. Mas, pronto, sei que um dia, não é? Vai acontecendo aos meus colegas... Quem eu conheço que é seropositivo... Vai-se tendo problemas, vai-

se chegando... Há-de haver um dia que... Eu ainda não comecei nessa fase.

- E disse às pessoas das suas relações o que é que tinha?

- Sim, tenho sete amigos, amigos que eu oiço... A palavra acho que é muito forte, mas pessoas com quem há muito respeito. Disse, dei-lhes a notícia que era seropositivo e eles receberam da mesma forma como eu tinha recebido.

- E à sua família?

- A minha família ainda não sabe.

- Não sabe... mas não lhes disse porquê?

- Porque a minha família não está preparada para ouvir isso. A minha família sabe que eu, que eu sou homossexual. Há uns anos atrás eu era bissexual, mas depois vi que... Fiz uma opção, pronto. Em termos de sexo fiz uma opção, actualmente sou homossexual. Ahn, a minha família sabe que eu sou homossexual. Mas não aceita, não se fala, não se toca no assunto. Toda a gente da minha família me respeita muito, ahn, e acho que para já, os meus pais... portanto, a minha mãe, neste momento, portanto, está deitada, está internada também com... ... Não tem, não tem estrutura física para aguentar uma notícia destas, tem sido... Pois, não estão informados sobre a doença para verem como neste momento a vejo, não é?

- Tem medo que isso lhes faça mal... Saberem?

- Ahn... Sim, sim. Pois. Tenho sobrinhos que lidam comigo. Isso ía acarretar uma série de... sei lá, não sei, problemas relacionados comigo.

- Mas que problemas é que imagina?

- Portanto, imagino as minhas irmãs, por exemplo, iriam afastar os miúdos. Sei lá..., neste momento se lhes dissesse elas iriam agarrar nos miúdos, todas a correr, para tirar uma análise a ver se teriam... Quer dizer, havia uma série de cuidados que elas iriam passar a ter pr... ... E elas todos os fins de semana estão em minha casa, portanto, um, uma série de problemas que para já, não tenho estofa para isso.

- Não tem estofo para isso?...

- *Não, neste momento, não tenho. Sou uma pessoa que sou debilitada. Posso parecer forte, mas sou debilitada, não é?*

- Mas sente-se debilitado?

- *Psicologicamente sou debilitada, porque se no médico passei tanto e no hospital em termos... Quando foi em termos profissionais eu... foi tudo... Soube que era seropositivo, oito dias depois tive uma reunião com o Sr. Director, já me queria pôr fora. Quer dizer, foi tudo assim em cima e eu sei o que passei. Imagine a marginalização que me fizeram em termos profissionais. Eu senti isso muito, isso não...*

- Mas quando isso lhe aconteceu, ser marginalizado no serviço e isso tudo, nessa altura pensou nisso...

- *Em?*

- Pensou nessas coisas todas que lhe aconteceram...

- *Sim.*

- Porque é que acha que lhe fizeram essas coisas todas, porque é que o queriam pôr fora do serviço?

- *Porque as pessoas... sei lá, não sei. É uma doença que não tem cura, têm medo, sei lá... Mesmo o contacto físico, as pessoas têm medo, e as pessoas, de mais... eu não sei, mas, foi ao fim e ao cabo se a gente for a ver são pessoas de um nível social superior, não classe média, que se dizem da classe superior... Afinal... quer dizer, foram todas essas pessoas que me marginalizaram, tiveram medo, com, até do contacto comigo, eu cheguei ao Serviço, apresentei-me ao Serviço, tinha 3 passaportes com, de oito dias cada que acabaram-se, não queriam o meu cartão. Nunca me tinham marginalizado tão fundo, como naquela altura. Desde então eu faço a minha vida e não... Acho que não há ninguém mais importante do que eu desde então. Não aceito já muitas coisas das pessoas. Tornei-me um bocado frio com as pessoas.*

- Sim?

- Tornei-me porque fui marginalizado e eu não...
- Quer dizer, a maneira como vê agora as pessoas e as suas relações com as pessoas em geral, alteraram-se? Não é?
- Sim, um pouco... Pelo menos em termos profissionais. Mais por aí, com as pessoas em termos profissionais. Eu a cada hora, cada hora que passa tou a ver que por exemplo, eu neste momento trabalho no museu e é um meio pequeno, e portanto, já há muito tempo que trabalho lá e há uma coisa que eu não gosto, não é? Fala-se muito da vida uns dos outros e acaba-se por saber as coisas todas. E eu, um dia destes, devem vir a saber, sei lá, de qualquer fonte, que eu sou seropositivo. Vai ser o caos.
- Mas como é que vão saber?
- Porque eu geralmente... Por exemplo é o caso; eu tive que baixar, e eu cada vez que baixo tenho um médico novo. E eu para baixar teria que pedir um título de baixa no Serviço, não é? E eu vou ter quando, porque ele é médico, vou-lhe dizer que vou baixar lá nas Utic, infecto-contagiosas... O que é que você teve? Tive hepatite. E quando? A dizer, tal e continua em tratamentos. Ele vai, pede a... se tem a ver ou não... As pessoas não são estúpidas!
- Tem medo que ele não guarde segredo?
- Eu vou ter de contar, vou-lhe dizer. Já meio mundo sabe que eu sou seropositivo, em termos hospitalares. Fui para a encarregada, tive que contar a dois médicos, quando estava lá antes de me vir embora. Dois médicos, um até por acaso, até foi simpático, é o Dr. (identificação).
São dois médicos cada vez que chego aqui, entro lá em baixo, tenho que contar a história toda a um médico que anda aí. Portanto, quer dizer, já há uma série de pessoas que sabem que sou seropositivo. Não me rala muito. Em termos profissionais, aqui, portanto é confuso. Ao fim ao cabo...
- E como pessoa, acha que mudou ao saber o diagnóstico?
- Sim a minha vida mudou completamente. Uma pessoa fica condicionada em termos sexuais... Sei lá, tanta coisa que eu fazia, que eu não faço.

- Então, o que é que não faz? O que é que fazia?
- *Em termos sexuais, não faço, não tenho relações sexuais.*
- Nunca mais teve?
- *Tentei, não consigo.*
- Não consegue...
- *Sei lá, tenho medo, tenho medo, não sei...*
- Tem medo de quê?
- *Já tive uma relação, acabei com a relação.*
- Mas já acabou depois de saber que era seropositivo, foi?
- *Tentei, mas é um bocado monótono, ficamos mais sózinhos... Enfim a gente fica, um bocado limitados, em termos, sei lá, de cuidados, de saúde também.*
- Mas sabe que por ser seropositivo, não é que se perde o apetite sexual, não é?
- *Sim, mas isso não... Para ir para a cama, uma pessoa tem de ter uma série de cuidados, que as pessoas, quando estão... Tá a ver, quando nós estamos no acto sexual, acho que não deve haver restrições, sei lá... Fronteiras, qualquer coisa. E eu para ir para a cama com alguém... Eu teria que ser a mesma pessoa, pelo menos aquela pessoa com quem eu estava, não é? Se eu lhe vou impôr umas certas... Ele não era seropositivo. Ele tirou análises depois, não deu nada, não era seropositivo. Portanto eu decidi acabar mesmo.*
- Porque ele não era seropositivo?
- *Ele não é.*
- Foi por isso que decidiu acabar?

- *Sim. Ele nunca mais iria ser a mesma pessoa comigo e eu nunca mais iria ser a mesma pessoa com ele... Não sei se me está a compreender... É difícil estas coisas... Eu teria de ter uma série de cuidados e ele porque teria de ter uma série de cuidados, e cuidado comigo... Isto não leva a situação desesperada e assim é preferível.*

- Quer dizer os cuidados seriam por medo? Se calhar seria isso.

- *Sim, da parte dele seria isso. É muito difícil...*

- E da sua parte?

- *Da minha parte ter medo? Claro, Sra. Dra., eu gosto dele!*

- Tinha medo de o contaminar?

- *Claro, então! Penso que isso nem é questão, não é? É uma pessoa que eu gosto, que eu...*

- Toma muitas precauções?... Assim no dia a dia?

- *Não, não tomo, precau... Precauções só tenho, por exemplo, se me corto, portanto com as mãos, de resto faço tudo normalmente. Não tenho precaução com o prato onde eu como ou o copo onde eu bebo... E por acaso tive esses meus amigos que tiveram imensos cuidados ao princípio.*

- Mas sabiam que o contágio...

- *Sei lá, as pessoas depois, têm uma reacção... Eu tive essa reacção a princípio. Tive uma grande amiga que veio aqui e depois já nem me queria beijar, nem nada, portanto... foi a reacção. Tinha sabido há 3 dias. Portanto, acho que é natural as pessoas reagirem dessa forma, não sei. E esses meus amigos eles próprios é que começaram a beber do meu copo e tiraram comida do meu prato, fazerem ver que não... Que eu acho que em termos de amigos tive muita sorte, coisa que muita gente não tem, não se sente apoiada. Eu nesse aspecto fui muito apoiado.*

- Quanto ao seu corpo... Acha que agora vê o seu corpo duma maneira diferente da que via anteriormente ou vê da mesma maneira?

- *Eu, não. Eu vejo o meu corpo como via antigamente. Claro que emagreci e nunca mais tive o peso que tinha. Mas pronto, sempre fui assim, esbelto, nunca tive gorduras... Portanto nunca fui muito gordo, não, não, sempre fui assim. Nunca fiz... Em termos físicos, nunca fiz manutenção e nada dessas coisas, nunca fiz, pronto, alimento-me muito à base de, sempre me alimentei à base de fruta, não sei talvez... Foi isso, fui sempre assim... Tou um bocado, sinto-me um pouco velho...*

- Velho?

- *Desde o rosto, o cabelo... Criei cabelos brancos, velhice e tal. Mas de resto sinto-me bem com o meu corpo, sinto-me bem com o meu corpo, é isso.*

- Portanto isso não se alterou nada?

- *Não. Não absolutamente.*

- Então e o humor mudou?

- *O humor? Sim, tenho um humor negro.*

- E dantes não tinha?

- *Brinco com a doença...*

- É?

- *Actualmente brinco com a doença. Por exemplo com o B., eu brinco com ele sobre a doença. Temos para troca, já temos alguns repetidos (ri-se). Fazemos assim, gestos. Por acaso o B., tem uma maneira gira, porque ele depois, eu fiquei com ele num quarto e portanto ele já estava mais informado sobre a doença, portanto, e ele elucidou-me bastante, também... E é assim.*

- E isso serviu-lhe de alguma coisa?

- Sim para não ter tantos, quer dizer, tantas ideias... Portanto, ter tantos macaquinhos na cabeça. Se as pessoas, pessoas não estão informadas, minimamente, pronto, vêem isso como um bicho de sete cabeças. Isso aí acho que... Não, claro que nós temos que estar conscientes que não há cura, que em qualquer altura nós podemos ir desta para melhor... Ou para pior, sei lá...

- E então o que é que pensa mais?

- Penso, por exemplo. Vejo que sou uma pessoa limitada, em termos de tempo. Comprei... Acabei de fazer uma escritura. Agora comprei uma casa, agora... Há dez anos, tenho tido problemas com o construtor e só agora é que consegui fazer a escritura, porque todos os pedidos, empréstimos que eu pedi foram prorrogados, prorrogados, até que foram arquivados. Até que o const..., tive por causa do construtor, não tinha a casa, o terreno, umas confusões. E comprei uma casa agora. Vou pagá-la daqui a cinco anos. Não faço ideias de chegar lá, de certeza. (ri-se)

- E porque é que se ri com isso?

- Porque em parte até tem graça, não? Então, já imaginou, eu chegar, aparecer, lá um dia, tar com o presidente da Caixa Geral de Depósitos de S. e dispensou-me cinco minutos, e eu disse assim: Faz-me um grande favor em dispensar-me cinco minutos e eu disse-lhe, portanto, que o caso, ele teria de ir outra vez a processo para conseguir outra vez o empréstimo, e eu fui falar com ele e disse-lhe, mandaram-me uma carta, disse-me que tinha uma conta e eu não, tinha duas contas de movimento na Caixa Geral de Depósitos e fui-lhe explicar isso a ele. Ele concedia-me só cinco minutos. Bem, não te vou dizer muito, vou-te dizer que só tenho duas contas, porque a seguir se eu te dissesse que era seropositivo, tu nunca mais... Quer dizer eu brinco com isto.

Acho que... As pessoas se soubessem, já reparou, se eu fosse dizer ao Gerente: Eu sou seropositivo, mas, quero comprar uma casa. Ele associa sida, dura pouco tempo, para que quer ele um empréstimo, já viu a ideia? Estou limitado em tempo... Quer dizer, nós fazemos uma vida a pensar no futuro, para quê? Não vale a pena. E isto dá vontade de rir. Somos pessoas limitadas.

- Mas não sabe, não é?

- Não?

- De quanto é o seu futuro...

- *Sim, não sei.*

- Mas não será por isso que faz estes projectos na mesma?

- *Faço, mas não os faço. É a única coisa que eu estou a fazer, a longo, a longo tempo. É a única coisa que faço, porque o resto nem valia a pena... Aliás, eu até me meter neste compromisso vivia o meu dia a dia, não fazia projectos. Muitos projectos, por acaso... Eu fui uma pessoa... Nunca fui pessoa de fazer grandes projectos. Gosto de viver o dia a dia, e, pronto. Meti-me neste projecto porque... por causa dos meus pais também é só portanto, não faço tenção de chegar a pagar a casa e... (ri-se)*

- No que mais pensa, é nisso, em ter o tempo limitado?

- *Sou muito, sou muito... Vamos lá ver... Minhoquinhas, será o termo. Mesmo, nessas coisas eu não gosto de saber. Eu gosto de estar numa vida estável, não ter que me preocupar. E isso é uma preocupação para mim, o ir pagar a renda todos os meses, fazer a escritura... Aquelas coisas todas. Tem sido sempre uma preocupação para mim, muito grande. É claro! E agora então... Agora menos porque, pronto, já sei que vou fazer a escritura este mês que vem e é menos uma preocupação que eu tenho. Pronto! Depois fica a prestação, irei pagar à Caixa Geral de Depósitos, mas isso não é ao fim ao cabo, não é, uma preocupação. Se eu tivesse uma casa alugada, seria a mesma coisa. Portanto, não tenho grandes projectos, só este. E foi porque... em parte por causa dos meus pais. Senão, não me teria metido.*

- Por causa dos seus pais?

- *Sim porque os meus pais tinham uma casa, uma vivenda...*

- Para lhes fazer a vontade?

- *Não, nós... É assim: o estado é que faz estas coisas... Isto é, os meus pais tinham uma vivenda, que era a casa deles. Eles conseguiram aquilo durante uma vida de trabalho no campo e a Junta Autónoma decidiu desapropriar aquilo para passar uma via rápida. Só que o que eles pagaram pelo terreno e pela casa não dava para comprar outra casa. Eu fiz... eu mexi ali umas coisas, andei em guerra com o Sr. Engenheiro, mas não resolvi*

nada. E então, a casa que nós compramos foi com essa indemnização que eles deram aos meus pais é este empréstimo que eu consegui. A casa em parte é minha, mas metade ou mais de metade é dos meus pais, com o dinheiro que eles conseguiram da desapropriação. Porque doutra forma não conseguia, aliás comprar uma casa... a princípio... mal se soube que a via rápida ía passar as casas na zona valorizaram mais do dobro, quer dizer o Estado ía ver essas casas... ou então dava uma casa a eles, eu escusava-me de preocupar com isto.

- Então, e além disso o que o preocupa mais?

- O não ter alguém, íntimo, isso é bastante, é bastante... nunca mais, não faço, pronto, há coisas que os amigos não conseguem dar... a minha família... que é a intimidade, a efectividade, isto só faz parte de duas pessoas. E eu acho que nunca mais vou conseguir isso... mas pronto! Às vezes estou sózinho... eu sinto... Eu converso muito com, principalmente com esta minha amiga, eles dão-me carinho, dão-me tudo, mas não me chega... Sinto-me sufocado, necessito de mais qualquer coisa... e pronto. Mas não faço força para arranjar, não quero, pronto! Portanto... Isso não quer dizer que não venha a conhecer uma pessoa que esteja na mesma situação que eu, e a coisa mudaria totalmente, mas assim não, é difícil...

- Acontece-lhe pensar como é que o vírus, como ele funciona no corpo, como... Acontece-lhe pensar nessas coisas?

- Sim. Agora já não tanto, eu tinha... Na altura que soube e mais tarde, eu andava-me sempre a apalpar, por causa dos glândlios... até que este aqui, tenho uma série deles que eu chamo o batatal (ri-se) e nunca, portanto, sobem, nunca mais voltava ao normal, ficaram sempre assim. Pensava muito nisso e sonhei, começava a inchar mais algum... Portanto, actualmente não. E só me lembrava, andava a pensar no vírus a comer. Eu deixei de fazer isso. Depois a recordação deles... a comer as células...

- Era assim que imaginava, que ía comendo as células, era?

- Sim portanto, as células estão infectadas, depois vai-se reproduzindo, porque elas estão em acção e é assim, acho que cada minuto é mais um bocado contagiante... Mas já não penso muito nisso... A gente tenta-se salvar, duma forma ou de outra. Tomando isto, tomando aquilo, falar naquilo, eu tive uma entrevista com a Dra. Laura Aires, porque eu sentia-me tão marginalizado aqui dentro que consegui uma entrevista com ela, antes

disso tinha tido uma entrevista com o grupo e a T., a F., veio falar comigo... Mais tarde falei com a Dra. Laura Aires e pronto é o que ela diz, a gente em parte... Tenho que viver, não posso pensar nisso, uma vida normal. Não podes pensar nisso, e a gente está a fazer os possíveis todos. Pronto, e a gente vai tendo sempre esperança e eu não perco um artigo que fale sobre a sida, qualquer programa que dá eu... Ainda no sábado deu, mas, pronto não tem nada a ver com a doença, tem mais a ver com os estudos, mais nos vários países, que são mais afectados... Pronto, eu tenho os meus amigos que qualquer coisa que sabem eles telefonam-me e eu... Estão sempre... qualquer coisa que sabem, da vacina... O que está mais avançado, vão-me dando conhecimento, não é? Mesmo assim eu li, há sensivelmente 15 dias, que um cientista dizia que não dava datas, porque tinha bastante trabalho a fazer e até uma coisa que eu desconhecia, que era o, uma coisa que eu não sei se é verdade, acho que o nosso vírus não, não faz mal aos macacos. Eles tiveram que desenvolver um novo vírus para portanto, fazerem testes aos macaquinhos. Coitados dos macaquinhos! Eu disse à Dra. Aires que se fosse preciso cobaia, também eu servia de cobaia. Mas que ao fim ao cabo...

- Mas porque se prestaria a isso?

- Acho que estava a contribuir para se arranjar qualquer coisa que curasse, porque estou... eu... as previsões que eles fazem, estão... nem estão perto, que eu acho que o número de infectados é muito superior e acho que a previsão que um dia li sobre um cientista qualquer brasileiro que no ano 2000... quer dizer se até lá chegar.

- E acontece-lhe pensar como é que foi contaminado? Ou quem o contaminou?

- Mais ou menos, devo saber. Não sei quem, não sei. Na altura lembrei-me quem, mais isto é engraçado, é o destino. E sei lá, porquê! Eu chateei-me com a pessoa com quem estava, que estive depois disso... É engraçado, é que ele não está contaminado, que é o mais engraçado, disto tudo. Ao fim e ao cabo isto, às vezes, até é irónico. Nós chateámo-nos e tivemos um mês sem nos ver, e ele manda-me uma carta a dizer que tinha tido um affaire e eu mandei-lhe a resposta e que tinha tido um affaire também. E tive um affaire mesmo. Sei lá se já estava ou não estava. Agora não posso dizer se já estava ou não.

- Calcula que foi nessa altura?

- *Calculo que tenha sido nessa altura, não sei, não posso prever que... Não posso dizer concretamente que foi.*
- *E pensa muito nisso?*
- *Sim, foi muito marcante, o affaire saiu-me extremamente caro. Custa-me...*
- *E isso... Partindo do princípio que dessa vez...*
- *Partindo do princípio que o foi.*
- *No fundo não sabe que foi a pessoa, não é?*
- *Sim, eu sei, quer dizer eu sei que foi essa... Nessa altura, mas agora, não sei quem é a pessoa... Foi daquelas atitudes que as pessoas tomam... Enfim, algo para magoar alguém.*
- *Na altura fez isso para magoar. E o que é que sente em relação a isso agora? Em relação à pessoa que o terá contaminado?*
- *Não sinto nada, sei lá... Deixei de pensar nisso. A culpa foi minha, podia não ter tido o affaire, tomar precauções... Não as tomei... É o tal caso... Sei lá. Ir para a cama, não bate comigo. Eu vou para a cama, eu não tenho barreiras, eu... Num grupo homossexual há duas coisas: é fazer amor e outra palavra ordinária que eu não digo agora que é o que as prostitutas fazem. Eu vou para a cama fazer amor. E eu... Pronto, fui para a cama com essa pessoa, fui fazer o que uma prostituta faz. Foi assim um bocado... Não há nada a fazer, agora. Agora é seguir em frente, tentar viver o mais possível, e aguardar. Que apareça qualquer coisa. Esta vida é gira, tem o caso do B., que ele tem um kaposi... Já teve para...*
- *Já teve?*
- *Eu acho que sim, teve bastante mal, qualquer dia, também...*
- *Imagina que pode ver a ficar muito mal, é ?*
- *Eu não sei se tenho, eu oiço, eu não sei se vou ficar... Eu não quero sofrer. É o que mais me vais custar, eu não estou preparado para sofrer, isso não...*

- E quando se sente mal, quando está triste, fala com alguém?

- Não. *Eu penso.*

- Não fala com ninguém?

- Não.

- Porquê?

- *Porque eu, há coisas que eu não consigo, há coisas que eu não consigo dizer a ninguém, sei lá, tenho necessidade de ir à rua e quando estou assim, vou para o quintal, sento-me lá em baixo e penso, penso na vida comum...*

- Então, mas está a falar aqui comigo?...

- *Penso na vida; Penso no que podia ter e não tenho, sei lá... Tanta coisa. O que mais me faz falta é uma pessoa... Sei lá, em termos... Sei lá... Portanto, um companheiro, é só. Partilhar, sei lá, todas estas coisas. A vida segue.*

- Mas neste momento parece que tem receio de partilhar estas coisas todas, não é?

- *É diferente a gente partilhar com uma pessoa que... Sei lá. Eu sempre tive a vida ligada com relações. Tive junto com duas mulheres. Foi aí que veio a homossexualidade; o sexo feminino não me dizia nada. Tentei! Não posso dizer que não tentei. Pronto, não me sentia bem e fiz uma opção. Não me sentia realizado. As pessoas que têm que se sentir bem, felizes, realizadas. Senão são umas frustradas. Acontece a tanta gente... Uma série de coisas... A mim não. Graças a Deus, sei o que quero. Eu tive 3 relações, nestes anos todos. São 13 anos, 12 anos. Três relações. Claro que não sou diferente dos outros homossexuais que neste caso tive... Mas sou mais ligado à relação, gosto de partilhar. Gosto. Sou ciumento, sou possessivo e gosto de várias coisas (ri-se). Mas é tão difícil! É diferente principalmente esta parte. É o que eu sinto mais falta...*

- Afinal pelo que eu percebi acabou com ele por achar que o podia contaminar...

- *Sim. Sim.*

- Não foi ele que o deixou, pois não?

- Quer dizer, a gente sente... Ele escrevia-me muito na altura, depois começou... As cartas começaram a diminuir. Em Dezembro foi a última. Toda a gente teve medo e ele teve medo... Oferece-me um cigarro? Obrigado. A minha médica disse para eu não beber, aliás a Sra. Dra.(identificação). foi minha médica, também e foi o Dr. (identificação) Portanto, aquelas precauções! Mas de vez em quando saio com os meus amigos, bebo uma cerveja, duas cervejas, um whisky... Não posso... Enfim, a gente corta com tanta coisa... A gente sente que já não faz parte.

- Já não faz parte?

- Sim se por acaso, às vezes estou num grupo de amigos, não é? Amigos e conhecidos. E a gente... Eu pelo menos, sinto que nós não fazemos parte da... É esquisito! Não fazemos parte daquele meio; da sociedade, sei lá! Não é da sociedade, das pessoas, é só... A gente sente... É difícil exprimir, dizer o que as pessoas sentem. Às vezes é como estar... Eu não gosto de multidões, e depois... Tenho medo.

- Sempre teve?

- Sim, nunca me dei muito com multidões. Não gosto de me sentir apertado... E quando estou assim apertado, apetece-me fazer... Coisas que não me passavam pela cabeça... E depois nós deixamos de ter... sei lá! Eu não sei, mas por mim deixei de me preocupar com muitas coisas que me preocupavam... Sei lá... Horários. Deixei de me preocupar com horários, deixei de fazer o trabalho, cumprir... Sempre... Toda a gente já me conhecer, chego sempre atrasado. Eu tento chegar a horas... Não consigo.

- Mas dantes era assim?

- Não! Trabalhava 12/13 horas, era dedicado à minha profissão, gostava daquilo que fazia... Hoje... Se tivesse... Sei lá, de fazer o mesmo, talvez não fosse assim... Gostasse daquilo que não gosto. Faço aquilo que não gosto e as pessoas fazendo aquilo que não gostam, não há motivação, não há ... Eu venho de barco, fico em casa de um amigo, também é m..... A casa não está arranjada mas actualmente... Onde estou... Então eu utilizo-me da casa dele, e como tenho a minha casa um bocado... Longe... E regalo-me!... Regalo-me de ver o mar. Porque eu gosto muito do mar, sinto-me bem perto da água.

Acho que adoraria ter uma casa perto do mar ou dum rio. Acho que isso me preencheria muito... Enfim. Chego sempre atrasado, já me chamaram a atenção uma ou duas vezes e a resposta que eu dou é que eu venho para aqui porque estou doente e venho muito cansado... Cansado ando eu! Um dia destes acabam por saber. O Sr. Director já quis mandar ver o processo. Normalmente fico com ela, sinto-me roubado, de resto...

- Mas antes não era assim?

- *Era complicado, a situação, o estado, foi antes e eu portanto, quando eu já tinha 18 anos, sensivelmente 18 anos, sim, comecei a lavar tachos, aprender a profissão a lavar tachos desde cedo.*

- Então agora o que é que faz?

- *Actualmente... Tou no museu. Faço segurança. Não tenho nada a ver com aquilo! Pode tocar os alarmes que eu entro em pânico. De manhã saio arrasado com uma dôr de cabeça que me parece que sai tudo. Saio arrasadíssimo, não durmo, estou sempre em pânico, que toquem os alarmes. Não sei quem é... Qual é... As chaves do museu... Estou farto de dizer; se um dia toca o alarme de roubo, eu levo as chaves todas atrás de mim. Não tem nada a ver comigo e estou num quarto que serve para duas pessoas... Durmo no quarto lá do museu. No dia em que souberem que eu tenho sida... Eu não tenho sida mas hei-de ter... até lá, entram em pânico. Vai ser giríssimo! (ri-se)*

- Porque é que imagina que vai ser...

- *Porque a maioria das pessoas que trabalha lá são senhoras, todas já com uma certa idade... E vai ser giríssimo. Fogem... Ou então correm-me à paulada. Estou farto de dizer; Vai ser uma reacção giríssima. Quando um dia elas vierem a saber, nem quero lá estar pra ver! Eu brinco com isto... Um dia destes telefonam-me para casa, você não apareça cá (ri-se) já viu? É...*

- Mas pode ser que não...

- *Não, mais dia, menos dia, elas acabam... Desculpe mas... Não há sigilo.*

- Não há?

- Não há sigilo e eu deparei com isso tantas vezes desde que saí... As guias de marcha que eu levei daqui fui eu que tive que aldrabar! Dizia lá seropositivo HIV. Sabe o que é aquilo? É a mesma coisa que eu pôr o meu nome no Correio da Manhã que é o jornal mais fofoqueiro que anda para aí a dizer que eu sou... é a mesma coisa! Aquilo vai... Chega ao quartel passa por uma série de mãos, até ser arquivado. Depois conta-se uns aos outros e daqui a bocado mil homens sabem que sou seropositivo. Já viu!? Deparei-me com isso. Portanto eu hoje se vierem a saber no museu, não faz mal. Não me custa nada! Saio airoso pela porta fora e vou para casa... No dia em que souberem...

- Porque imagina que eles o correm à paulada.

- (ri-se) Isso era eu a brincar mas não sei qual seria a reacção... Mas não é... Não é boa.

- Não é boa. Podia ser que elas resolvessem apoiá-lo...

- Não. Nem de maneira alguma! Não estou a ver elas a... Não tenho nada a ver com as pessoas que lá estão a trabalhar, nada! São mentalidades... Não têm nada a ver comigo, nada! É isso que me faz confusão; Umhas pessoas com vinte e tais anos que não têm nada dentro daquelas cabecinhas. Não sei... Este é o meu ponto de vista; A análise que eu faço deles. Estão ali... Não sabem nada! Estão lá dois, que não saem há anos. Estão ali, sempre enfiados... A vida deles é aquilo. Agora vá lá a Sra. dizer assim o A. é seropositivo!... Depois é aquele protótipo do homem português que... só existe mulheres, para aquilo que a Sra. Dra. compreende. Um dia destes numa sala, o que é típico dos portugueses é terem amigos, caírem para o chão, aquilo é coisa nossa, faz parte do nosso povo português em toda a parte neste momento. O tipo vai para case dizer sou seropositivo... Sou homossexual! Fartava-me de rir, dá-me vontade de rir!

- Mas não podia ser seropositivo sem ser homossexual?

- Claro, mas...

- Tem receio que façam alguma ligação.

- Faz-se muita ligação à seropositividade, à sida... Está ligada ao grupo homossexual. As pessoas estão fartas de ouvir dizer que não é só o grupo de homossexuais que está atingido pela sida. Neste momento está tudo a ser atingido. Eu achei graça a este

programa que deu no sábado... Na África não se punha o caso da homossexualidade e... Eu não sei quem é que estava a ser entrevistado... E ele dizia que se alguém lhe pusesse esse problema de ser homossexual, ele diria, você está errado. E porque é que ele está errado em ser homossexual? Não ser heterossexual? E que não se punha esse caso da homossexualidade na África... É natural que não se ponha, porque pode haver uma coisa tão, um grupo tão pequenino que é o caso de...

Sei lá! Não faço ideia, não é? Acredito que não se ponha esse caso homossexual e em termos heterossexuais... Que pelas condições deles aquilo deve estar muito contaminado, porque eles têm mulheres pelos... Os homens que andam com camiões, que têm uma mulher em cada terrinha, que é o caso deles. Diz que ter uma relação não dá; é muito dispendiosa. Então têm uma em cada terrinha. Acho giríssimo! (ri-se). Gostei. Principalmente de ver S. Francisco. Gostei de ver, porque sabe que é onde há um grupo homossexual maior, mais concentrado e... pronto, eles diziam no ano passado não se registou grandes casos no grupo homossexual. As pessoas... pois... criarão... Começaram a assumir os parceiros, a terem menos promiscuidade, e... Mas que tinha aparecido a nível heterossexual... E havia um... Engraçado que havia um também que... Achei engraçado... Que eu achei muita graça. Numa cidade, assim com... Assim uma zona de prostituição... Então via-se, assim, um americano, um entrevistado: Você não tem medo da sida? Isto é de homossexuais. Não utilizavam nada, portanto... Não tinham qualquer precaução também... Isso... Pronto! É só de homossexuais! Eu achei muita graça, no tom que ele disse e da forma que ele disse. Aquilo não tem nada a ver com eles e com prostitutas! Não tem nada a ver com aquilo nem com eles. É só de homossexuais. É difícil dizer-se que se é seropositivo. Despir a camisa, não é?